

# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO

REDACÇÃO . . . . .	A Paz . . . . .	245
AFRANIO PEIXOTO. . . . . <i>(da Academia Brasileira)</i>	Outros males . . . . .	249
MARTIM FRANCISCO . . . . .	Viajando (IV) . . . . .	272
GOFFREDO TELLES . . . . .	Poesias . . . . .	295
RONALD DE CARVALHO . . . . .		
RENATO KEHL . . . . .	O que é a Eugénia . . . . .	300
RODRIGO OCTAVIO FILHO . . . . .	O "Salão" de 1918 . . . . .	305
ALBERTO FARIA . . . . . <i>(da Academia Brasileira)</i>	O feitiço contra o feiti- ceiro . . . . .	311
MARIO SETTE . . . . .	A trança (conto) . . . . .	345
DO ARCHIVO DE JOSÉ DE ALEN- CAR . . . . .	(Cartas inéditas) . . . . .	348
GALENO DE REVEDO, RUBIÃO MEIRA E EDUARDO MONTEIRO	A gripe e o seu trata- mento . . . . .	351
ANTONIO MAURO . . . . .	Língua vernacula . . . . .	360
REDACÇÃO . . . . .	Bibliographia . . . . .	362

*(Continúa na página seguinte)*

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 35 - ANNO III

VOL. IV

*IX*

NOVEMBRO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 62  
S. PAULO - BRASIL



**RESENHA DO MEZ:** — *Adalgiso Pereira* e *Simões Pinto* (Redacção) — *João Maria Lisboa* (Redacção) — A lenda do "açaso" no descobrimento do Brasil (*Victor Vianna*) — O problema do ferro (*Gil Vidal*) — A Inglaterra e a liberdade dos mares (*A. Cha-teaubriand*) — A protecção da infância nos Estados Unidos (*Henri Goy*) — O autor mais lido no mundo (*Ferdinando D'A-mora*) — As origens flamengas de Beethoven (*J. G. Prudhomme*) — Os médicos entre os romanos (*Edmondo Trombetta*) — A morta immortal (*Carlos de Laet*) — Caricaturas do mez — Gravuras antigas — Quadros do "Salão".

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

# REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: PINHEIRO JUNIOR.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: Dr. José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: Dr. J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

Caixa Postal, 2-B — Telephone, 1.403, Central.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director

**RESENHA DO MEZ:** — *Adalgiso Pereira e Simões Pinto* (Redacção) — *José Maria Lisboa* (Redacção) — A lenda do "acaso" no descobrimento do Brasil (*Victor Vianna*) — O problema do ferro (*Gil Vidal*) — A Inglaterra e a liberdade dos mares (*A. Cha-teaubriand*) — A protecção da infancia nos Estados Unidos (*Henri Goy*) — O autor mais lido no mundo (*Ferdinando D'Amora*) — As origens flamengas de Beethoven (*J. G. Prudhomme*) — Os medicos entre os romanos (*Edmondo Trombetta*) — A morta immortal (*Carlos de Laet*) — Caricaturas do mez — Gravuras antigas — Quadros do "Salão".

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

# REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: PINHEIRO JUNIOR.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: Dr. José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: Dr. J. de Agular Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

Caixa Postal, 2-B — Telephone, 1.603, Central.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director

## *Aviso aos Assignantes*

Approximando-se o fim do anno, época em que termina a maioria das assignaturas, lembramos aos nossos assignantes que é opportuno fazel-as reformar quanto antes, afim de evitar interrupção na remessa. Para facilitar a reforma, vem abaixo um boletim para ser devidamente enchido. Aproveitamos o ensejo para chamar a attenção dos nossos assignantes para o annuncio da pagina 5 — AOS LEITORES.

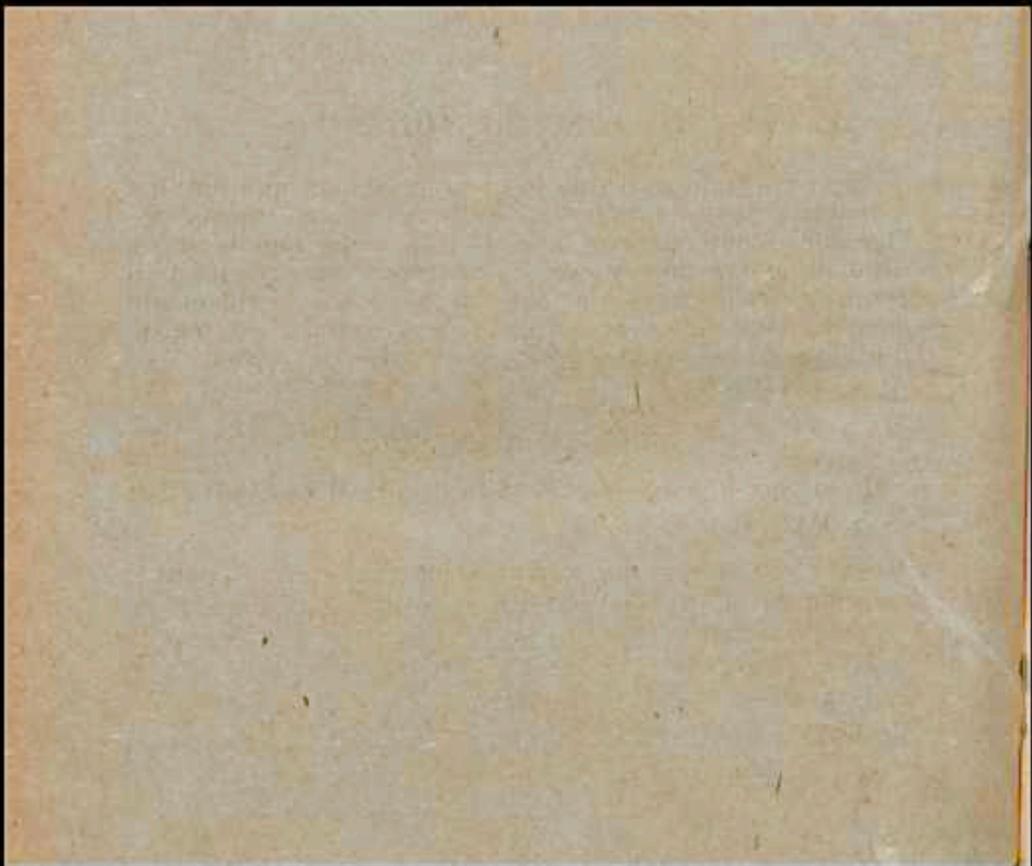
### BOLETIM A ENCHER

Ilmo. Snr. Gerente da "Revista do Brasil" — Caixa 2-B  
— S. PAULO.

Segue em vale postal a quantia de \_\_\_\_\_, para a reforma da minha assignatura.

Nome \_\_\_\_\_

Residencia \_\_\_\_\_



# BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

# PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAS

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA  
nesta Capital, e LUCINDA, na estação  
de S. Bernardo (S. Paulo Railway)  
Vendedores de fios de algodão, crus e mercerizados

*Compradores de Algodão em  
Caroço em grande escala, com  
machinas e AGENCIAS nas  
seguintes localidades, todas  
do Estado de S. Paulo:*

*Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba,  
Tietê, Avaré, Itapetininga,  
Pirajú, Porto Feliz, Conchas,  
Campo Largo, Boituva,  
Pyramboia, Monte Mor,  
Nova Odessa, Bernardino de  
Campos, Bella Vista de Tatuhy.*

**GRANDES NEGOCIANTES**  
de Algodão em rama neste  
e nos demais Estados algodoeiros,  
com Representações  
e Filiaes em Amazonas, Pará,  
Pernambuco, Bahia, Rio  
de Janeiro, Rio Grande do Sul

**CODICO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS**

Escritorio Central em S. PAULO

**RUA DE S. BENTO n. 47**

Telephones: 1536, 1537, 5296, Central  
Caixa postal n. 921

Proprietarios  
da conhecida  
Água Mineral

**PLATINA**

Cognominada  
A VICHY  
Brasileira

*A melhor agua de mesa  
Acção medicinal  
A PLATINA, cuja FONTE  
CHAPADÃO, está situada na  
estação da PRATA, é es-  
crupulosamente captada, sen-  
do fortemente radio-activa e  
bicarbonatada sodica como  
a VICHY e é como esta  
agua franceza*

*Vendida em  
garrafas escuras*

# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . .	£ 2.000.000	Succursaes: MANCHESTER, BAHIA, RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO, ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.
„ realizado. . . .	£ 1.000.000	
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

# Edições da "Revista do Brasil"

## O SACY PERERÉ

Bello volume de 300 paginas em optimo papel, contendo tudo quanto corre a respeito desta interessantissima criação do nosso folk-lore, e ornado de numerosas gravuras de pagina.

Preço . . . . . 4\$000  
Pelo correio . . . . . 4\$500

## URUPÊS

Tereceira edição. Livro de contos, por Monteiro Lobato, com 260 pags., illustrado.

Preço . . . . . 2\$000  
Pelo correio . . . . . 2\$300

NO PRELO:

## RINDO, por MARTIM FRANCISCO

Collecção dos melhores excerptos do grande pensador e ironista, acompanhada de notas elucidativas de seu proprio punho.

*Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, romance de Lima Barreto

PEDIDOS A'

"REVISTA DO BRASIL"

CAIXA, 2-B

(Desconto de 20 % aos revendedores)

# AOS LEITORES

Ha um ponto em que a superioridade da Argentina sobre o Brasil é indiscutivel: nas suas revistas. Tem-nas optimas, prosperas e em melhoria crescente. Porque não havemos nós de conseguir o mesmo? Já possuímos uma por todas as razões em caminho e digna de ser a grande revista nacional. Pela sua tiragem, pela sua collaboração, pela sua independência, a "Revista do Brasil" está destinada a occupar esse logar. Indica-o a entrada crescente de assignantes novos, cerca de 200 por mez, de Julho para cá. E' muito, dado o marasmo em que sempre viveram entre nós as revistas sérias; mas é pouco diante do objectivo que temos em mira: dotar o paiz de uma revista que marque época.

Para conseguil-o nenhum auxilio mais precioso do que o prestado pelos seus proprios assignantes. São elles os que melhor a conhecem, os que lhe tem amizade, os que podem, portanto, propagal-a com maior efficacia. Foi tendo em vista esta circumstancia que nos lembramos de pedir aos nossos assignantes, em circular, o inestimavel auxilio duma sympathia activa, e que hoje voltamos ao assumpto.

## --- ATENÇÃO ---

Cada assignante que nos angariar QUATRO assignantes novos terá a sua assignatura gratuita. Se nos angariar apenas uma terá 3\$000 levados a credito; angariando duas terá 6\$000; tres, 9\$000, e assim por diante. Estas verbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das suas assignaturas ou na aquisição das obras editadas pela revista

## --- BOLETIM A ENCHER ---

Ilmo. Sr. Gerente da "REVISTA DO BRASIL.

Junto seguem.....\$..... Importancia das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

(Nome) .....	(Nome) .....
(Residencia) .....	(Residencia) .....
(Nome) .....	(Nome) .....
(Residencia) .....	(Residencia) .....

Peço-lhe, pois, que me credite a importancia de

.....\$.....  
..... de ..... de 19.....

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C<sup>ia</sup>

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

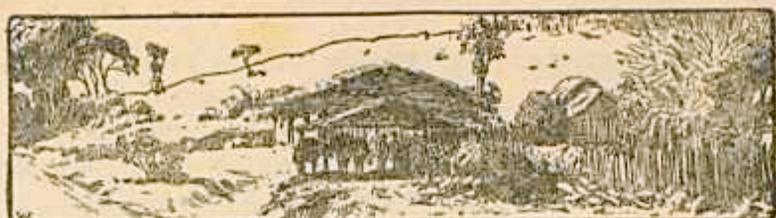
17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,  
Porcellanas, Objectos de  
Arte para Presentes,  
Baterias de Cosinha.



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::



## A PAZ

O dia 11 de Novembro de 1918 assignalou uma data memorabilissima, na vida da humanidade. Fechou-se um cyclo historico e abriram-se as portas de uma era nova. O que se vae desenrolar d'aqui para diante é absolutamente imprevisivel. A paz amontoa problemas tremendos, muito mais sérios, muito mais complexos que os problemas da guerra. Destruir é facil. Para destruir nestes quatro horrorosos annos de destruição systematica, havia um accordo geral, e havia regras. A experiencia da vida guerreira da humanidade ali estava as mãos de generaes e estadistas para lhes dirigir a acção. Para reconstruir, entretanto, na escala em que é mister, não ha experiencia accumulada que baste, e a volta á normalidade vae ser um tactear doloroso tanto para vencidos como para vencedores. Aos contemporaneos escasseia distancia para a visão perspectiva dos grandes acontecimentos sociaes; e o juizo que elles emittem raro é confirmado pela voz da posteridade. Mas no *quantum* nos é possivel prejulgar do que transcorre sob nossas vistas, o armisticio celebrado entre as nações alliadas e a Allemanha pondo termo á guerra, parece



significar a destruição pela raiz do medievalismo subsistente no mundo moderno.

Completa-se a obra da Revolução Franceza. Ruem fragorosamente as ultimas dynastias por direito divino. Passa de vez o tempo dos imperadores guerreiros, moldados pelo typo classico do conquistador. A democracia vence. A arrogancia do militarismo junker, batida em todos os reductos pela revolta universal, soffre o baque supremo. Renega-o a consciencia do proprio paiz onde cresceu e que tyrannison.

Allemanha e Austria sacudiram de si a exerescencia monstruosa que as tornou funestas a si proprias e ao mundo. E assim libertados esses povos reentrarão a cooperar na vida do mundo com o vigor e a effiçencia que os notabilisaram antes do delirio mavortico. De quanto se tem escripto a respeito pouco se disse mais elevadamente e com mais sobriedade do que Martin Francisco na "Carta a Capistrano de Abreu". Conforta-nos a alma poder trasladar para aqui, em 918, as suas palavras de 917, verificando assim a segurança do seu elevado juizo de historiador desapaixonado.

— "Acompanho, não hipnotizado como pensas, mais interessado como estudante cronico, a marcha da grande guerra. A falta de livraria, corrije-a a memoria (faculdade dos tolos, dizia-a Chateaubriand) insistindo em fornecer-me comparações do *hontem* cimbro, teutonico, herulo e huno, com o *hoje* germanico que malvadamente o totaliza. Quem vencerá? O mais pertinaz. Arrecadará maiores e melhores despojos o governo que, por ocazião da paz, mais preparado estiver para ameaçar recomeço de guerra.

Gastando, numa quinzena, somma equivalente á dum orçamento annual nosso; mantendo o maior bloqueio possivel; ultimando a mais avolumada operação de credito que a historia signala, acumula a Inglaterra acentuadas probabilidades de vitoria. Vitoria na guerra, entenda-se: que propriamente as vantagens sociaes rezultantes da campanha caberão ao germanismo. Dezenvenilhado do correame dos quartéis, e libertado dos desvarios do kaiser, o commercio allemão retomará, no fenomeno da troca, a supremacia que o merecido

fracasso do Marne lhe retirou. Não cessaram imediatamente as depredações de Atila quando, rugindo, se elle retirou dos Campos Catalunicos; morta a fera, os hunos permaneceram no ocidente. Extrahido o cancro—hohenzollern, o germano convalescerá. Cinco annos de sensatez, e a Allemânia reentrará na civilização.

Mas que vespera immensa a que estamos a atravessar! Não li nos annaes humanos outro presente tão cheio de futuro. Acatadupam-se os problemas. O baque do papado turco-islamico, e a consequente retirada do otomano para seu berço aziatico, completará essa demarcação européa que Salamina revelou, Lepanto defendeu e Navarinos quasi conseguiu. Representar-se-á, outrosim, o segundo ato da emancipação moral da Eurazia; preceden-o o aprisionamento do Dailama: seguil-o-á o finamento do papado romano? Bouda, Mahomet e Cristo, serão dispensados de serviço?

E os problemas da aviação? Confiantes nellas e nos respectivos acordos com a electricidade, já nos podemos preparar para comer pecegos de Montreil em Uberaba e chupar cambucás na torre Eiffel. As viagens aereas, a extinção das alfandegas, a enorme valorisação das terras, o imposto unico e individual, a uniformidade da moeda, a aproximação ás idéas de Aristoteles e S. Bazilio quanto á illegalidade do juro, o suffragio obrigatorio: que serie de corollarios a nascer da aviação? E quanta mudança na movimentação collectiva da vontade! No tablado politico-administrativo a reconstituição da Polonia, a autonomia da Filandia, o anarquismo conservador da Nova-Zelandia, o estertor do socialismo francez nas febres do campanario, a capacidade progressiva do slavo refutando erro de Augusto Comte: problemas, problemas em marcha batida para soluções inevitaveis! Tudo, porém, será sobrepujado pela maior das revoluções. Não tarda, já de facto começou a igualdade de direitos.

A mulher: a leiteira que, na preistoria, dentro da caverna, se conservava ao lado da cria enquanto o macho, em defensiva á entrada, vibrava a lasca de arvore e despedia a pedra, espada e artilharia primitivas; enquanto os vizinhos (os



neutros) aguardavam dentre os resultados do combate a partilha da carne do vencido; a mulher na Europa inteira, está a revelar idoneidade para todos os labores que eram, por decisão do homem, privilégio do mais forte, como tal se elle avaliando.

A aptidão da mulher para todos os trabalhos, que outr'ora lhe estiveram defezos, é hoje verdade incontestada. Sua superioridade analitica justifica as previdentes asserções de Stuart Mill; sua lida é mais delicada, mais honesta que a do homem.

Professora, medica, enfermeira, farmaceutica, hoteleira, guarda-livros, telefonista, mecanica, advogada, tudo isso e mais é a mulher em França; tudo menos eleitora e homem. Uma, jovem diplomada em letras e em direito, está trabalhando no subsecretariado de finanças: é a porta da governação que se abre ao feminismo.

Encerrado o grande conflito, acredita-se que a mulher, desistindo de valor adquirido como capital humano, restitua ao marido mutilado ou ao irmão ensurdecido o emprego em que bem os substituiu? Resultante dum imprevisto metabolismo social, teremos a luta dos sexos sucedendo á das classes? Não exageremos os receios. Cazo rivalidades apareçam, brandas interferencias politicas renormalizarão a poliseccular e inevitavel convivencia; e o mundo continuará a ser o mundo sob o influxo da mais justa e oportuna conquista da civilização: a igualdade de direitos".



---

## OUTROS MALES <sup>(1)</sup>

---

São muitos. Se todos devessem ou podessem apparecer, seria este estudo infindavel, e a lista das desgraças do Brasil um caminho sem fim... A ignorancia e a incuria deixaram-nas entrar e aqui as mantem, contra os nossos mais prementes interesses, de vida, contra os nossos mais urgentes deveres, de civilização. Só se contam os maiores, alguns já alludidos, outros que não se devem esquecer. Se estes forem enfrentados e aggedidos, e, nesse dia, certamente vencidos, tudo o mais virá facilmente, só com esse exemplo e essa confiança. A antiguidade classica nos legou a representação allegorica dessa esperança. Depois que Hercules venceu a hydra de Lerna — symbolo pre-hellenico da malaría — foi-lhe uma diversão ao esforço limpar as cavalariças de Augiás...

### SYPHILIS: AVARIA

*Historico.* Appareceu a syphilis no mundo civilizado, ao menos com os caracteres pelos quaes ainda hoje é reconhecida, no seculo XV, sob a forma epidemica, assolando, tão rapida e tão devastadora, que todos os povos da Europa attribuiram o flagello ao seus inimigos. Assim os allemães chamaram-lhe "morbo gallico", os francezes "mal napolitano" e estes, os italianos, ainda hoje se vingam do insulto

---

(1) Este trabalho devia servir de complemento a outros que a "Revista do Brasil" pretendia enfeixar, em numero especial, sobre o saneamento e hygiene do paiz, numero especial que, infelizmente, não nos foi possível publicar. Explica-se assim a sua epigraphe. — N. da R.



denominando-a "doença celtica", como se os lombardos não fossem celtas... Quando acabaram de se descompor, lembraram-se os europeus de attribuil-a a America, que acabava de ser descoberta. (\*)

Na idade-media, porem, já existia e os arabes a consideravam " grande doença", a qual ninguem se podia subtrahir. Assim foi de facto, até quasi o seculo XVIII, quando Montesquieu dizia que era inutil dissimular um mal, que era de toda a gente. Comtudo foi a avaria perdendo o seu character de contagiosidade alarmante, embora guarde, para o individuo atacado e a sua descendencia, se por acaso a consegue, a ameaça terrivel da degeneração e da morte, depois de soffrimentos sem conta. A syphilis ainda é, hoje em dia, a mais perigosa das doenças chronicas.

*Causa.* Só recentemente, em 1905, foi descoberta, por Schaudinn. E' um pequeno espirilo ou espiroqueta, isto é, microbio alongado, como um pequeno fio sinuoso ou em forma de saca-rolhas. Existe nos productos syphiliticos, cancos, feridas, placas brancas da bocca e das mucosas, por onde se transmite dos doentes aos sãos que entram com elles em contacto. O treponema pallido — é o seu nome, porque muito custa a se impregnar dos corantes necessarios aos estudos microscopicos — ganha depois o sangue, provoca uma verdadeira septicemia. Finalmente, penetra nos orgãos, onde nas cellulas nobres dos tecidos provoca taes desordens que arruina completamente a saude, sob os aspectos clinicos mais diversos. Doenças do coração, dos vasos sanguineos, do figado, do baço, do rins, do cerebro... são, innumeradas vezes, apenas consequencias organicas de infecção syphilitica.

*Infecção.* A syphilis se ganha pelo contacto da pessoa sã com a pessoa doente, contacto pelo beijo, pelas relações, e até innocentemente, tratando ou convivendo com doentes, se não ha os resguardos necessarios. Os clinicos reconhecem tres periodos na marcha da infecção.

No primeiro periodo, ha a inoculação; cerca de tres se-

---

(\*) Voltaire pôde dizer: "Como quer que seja a syphilis se assemelha ás bellas-arteas; não se sabe mais quem as inventou, dão a volta a Europa, Asia, Africa e America..."



manas depois do contacto suspeito produz-se um endurecimento local, sem dor, que cresce, endurece ainda mais e se torna em botão e ulceração superficial, de bordos endurecidos: é o *cancro duro*. Os ganglios lymphaticos proximos se enfartam e ás vezes produzem-se *bubões*.

A ulceração está cheia de treponemas, de grande virulencia e contagiosidade. A's vezes é pequena e passa despercebida, especialmnte nas mulheres.

Depois sobrem o *periodo secundario*, uma quinzena após a manifestação do cancro: ligeira febre, garganta dolorida, erupção na pelle, chamada *roseola*.

O germen penetrou no organismo, começam a septicemia, os processos inflammatorios da pelle e das mucosas. Dura cerca de um anno. A's vezes alarmam: é uma felicidade porque o doente procura remedio; outras é benigna a apparencia, o que não impede o horror da marcha consecutiva da avaria.

O *terceiro periodo* sobrem no terceiro anno, ou mais tarde. Ora, apparecem lesões características, tumores ou gommias, que, conforme a região, produzem dores e males diversos; ora, dessemidados pelo corpo os parasitas, roem e destroem o organismo.

Nenhum organ poupam e a maioria das doenças chronicas das visceras não passam de lesões syphiliticas. Basta citar um caso: noventa e cinco por cento dos grandes aneurismas são produzidos pela avaria. A paralysisa geral dos alienados é apenas um outro nome da syphilis do encephalo. Considerando esta circumstancia não é exagerado dizer que se nós conseguissemos acabar com a syphilis, dois terços dos hospitaes seriam fechados, immediatamente.

A syphilis, tão grave para o individuo, é, ainda mais, para a geração. A fecundação é precaria; quando se dá, o aborto, os abortos successivos, são frequentissimos. Se vingam, as crianças morrem nos primeiros tempos do nascimento. Quando persistem, tarados pela syphilis hereditaria, vão morrendo aos poucos pela vida adiante, com mil degenerações e soffrimentos, se não intervem a cura.

Pode-se dizer, sem exagero, que a syphilis supprime mais



esperanças que todas as restricções immoraes; que a mortalidade infantil é, de um decimo, pelo menos, do total dos casos, attribuiavel á avaria.

A esses males do corpo, do individuo e da sua descendencia, ajuntem-se os males moraes... Nenhuma desgraça maior, existe no mundo, do que esta doença...

*Prevenção.* Entretanto, a prevenção contra ella é sabida e facil, e até com o proveito dos que soffrem della: é o tratamento. *O tratamento é a desinfeccção da syphilis.* Modernamente esta desinfeccção é rapida, commoda, segura.

Antes porem de abordal-a, duas palavras para corrigir, uma vez mais, um velho erro. Quando se fala de saneamento da avaria ocorre logo aos levianos uma idea: a *regulamentação da prostituição.*

E' uma medida deploravel e improficua, sob o ponto de vista sanitario. Por toda a parte, onde foi ou vae sendo usada pela rotina (e pelo interesse do funcionalismo que vive a custa della) deixou a fama de injusta, inutil e nociva. *Injusta*, porque dos dois parceiros do acto sexual, mercenario e talvez corrompido, attinge apenas um, a mulher, mais fraco, mas não certamente o mais perigoso: repugna conceder a impunidade ao homem para provocar, contaminar, pelo mesmo facto pelo qual se pune a sua companheira com os vexames da regulamentação. *Inutil*, porque é sempre parte minima da prostituição que se consegue regulamentar: em Paris existem 60.000 prostitutas e apenas 6.000 estão sob as vistas da policia sanitaria. *Nociva*, porque a regulamentação dá falsas garantias que aos incautos impedem as prevenções adequadas, de onde maior perigo real: a segurança é nenhuma. Demais é sabido onde se regulamenta a prostituição publica, augmenta assombrosamente a prostituição clandestina, tanto ou mais perigosa, pela reserva, e indevida boa fé.

Portanto, não cuidar nesse velho erro.

A prophylaxia publica da syphilis se faz pelo tratamento. O tratamento curativo da avaria não é facil e nem sempre é seguro; o tratamento prophylatico é, porem, decisivo, e facilimo.



Outrora com o mercurio, hoje com os arseno-benzoos (\*) (a differença entre os dois modos de tratar resume-se numa imagem: chega-se á meta, com qualquer delles: a carro de boi com o mercurio, a automovel com o salvarsam e seus derivados. Por segurança, talvez se devesse usar de um, tendo o outro á mão) se fazia o tratamento da avaria: lentamente, resistentemente, com um, rapidamente, em duas, tres injeccões, com o outro.

Pódem os clínicos discutir se a syphilis terciaria é ou não radicalmente curada pelo arseno-benzol, não ha duvida que nas formas cutaneas, mucosas e septicemicas da infecção, em todos os seus periodos, o resultado é simplesmente maravilhoso. Persistem os treponemas na intimidade dos tecidos? Pelo tratamento continuado, pelos exames repetidos averiguemos, e demo-lhes combate sem treguas.

Um resultado, porém, estará desde logo obtido: o doente tratado pelos arseno-benzoos não é mais susceptivel de transmittir a doença. Porque o primeiro effeito desses medicamentos heroicos consiste em curar completa e rapidamente, todas as lesões cutaneas e mucosas da avaria. E' como se lavassemos da sua syphilis ao syphilitico. Se elle internamente não ficar completamente curado, continue a tratar-se, mas já não será capaz de transmittir pelo contacto a sua infecção.

Para a syphilis as medidas de saneamento são portanto facilimas de execução. Não ha doente que não se queira tratar. As prostitutas são as mais interessadas, porque seu corpo é seu meio de vida. O tratamento deve porem ser posto ao alcance de todos. No ambulatorio dos hospitaes, em dispensarios publicos, abra-se e favoreça-se a consulta, discreta, gratuita, seguida de tratamento, tambem sem custo, e não haverá uma ou um doente que não venha buscar saude.

---

(\*) A Allemanha e seus sectarios usam ainda o salvarsan e o neo-salvarsan; as Potencias alliadas possuem o arseno-benzol, e novo-arseno-benzol Billon, identicos e superiores aquelles, o galyi (Moneyrat), a hectina (Gaucher), o luargol (Danysz), preparados em França, e o kharsivan e neo-kharsivan (Burrhous e Wellcome), identicos ao salvarsan, preparados na Inglaterra, que dão plena satisfacção aos clínicos.



Esses dispensarios contra a avaria são extremamente simples, e de installação muito facil: uma sala, numa rua discreta, sem o espantallo das placas e disticos annuncia-dores que propalam a vergonha e afugentam os necessitados, um microscopio, alguns corantes, seringas, provisão de ar-seno-benzoes e um medico, servido por internos e assis-tentes capazes. No dia em que uma municipalidade qual-quer o instituir, todas as outras a imitarão e este simples recurso será o começo da lucta sanitaria contra a mais ter-rível das doenças infecciosas chronicas.

Para concluir, resumindo: a syphilis se previne pela con-tenção sexual, pelo casamento precoce, pela limpeza de cos-tumes e prevenções, nem sempre seguras, quanto ao indi-viduo; publicamente, a prophylaxia da syphilis deve ser feita pelo tratamento facil e accessivel, dos doentes, que é a verdadeira e publica desinfeccção do mal.

Os arsenos-benzoes quando não curem radicalmente os casos inveterados — e curam, na dose conveniente e bas-tante, as formas incipientes, primarias e secundarias — limpam todas as portas de communicação, pelle e mucosas, por onde a syphilis se transmite. Ainda que os inveterados continuem com o treponema no recesso do organismo, não o transmittirão e, portanto, sob o ponto de vista prophyla-tico, o exito é completo. A avaria acabará com o ultimo avariado, mas, desde já, não haverá mais novos avariados. Estas noções dominam a moderna prophylaxia da syphilis.

## LEPRA

*Historico.* A humanidade conhece a lepra desde os seus primeiros tempos: sobre ella já a Biblia prescrevia regras de hygiene. Os soldados de Pompeu trouxeram-na da Syria e do Egypto á Europa; nas Cruzadas a importação foi alar-mantissima. Foi tamanha a propagação do mal que, por occasião da morte de Luiz VIII, havia na Europa 19.000 lazaretos, para tratamentos dos leprosos.

Ou fosse confusão de diagnosticos, assimilados á mor-phéa, a syphilis, as sarnas, todas as doenças de pelle, ou esgotamento de virulencia, entrou a infecção a declinar do seculo XV em diante, a ponto de ser hoje na Europa doença



exotica. Pela America se propagou então, e aqui se estabeleceu em muitos focos, temerosos, porque augmenta dia a dia a sua propagação.

*Causa.* E' conhecida, ha muito tempo, se de facto é, como parece até agora, o bacillo descoberto por Hansen, em 1868.

Não está apurado como se transmite, do doente ao são, o germen; tem-se lembrado varios transmissores possiveis; o mais cotado, no momento, é o mosquito. Facto provado é que as ulcerações leprosas, o muco nasal e outros excreta são ricos de germens.

A idéa da transmissão hereditaria perde terreno dia a dia. Nas leproserias de Madagascar filhos de dois lazarus, recolhidos e afastados ao nascerem, não adquirem a doença. Hansen certificou-se do mesmo facto, visitando nos Estados Unidos descendentes de leprosos da Noruega. Naturalmente, a vida domestica facilita a parentes o contagio da infecção.

*Infecção.* A lepra transmittida por contacto, ou inoculação de agente intermediario, tem, não raro, incubação demorada. As primeiras manifestações são, ás vezes, accessos febris, dores articulares, prurido cutaneo, antes da revelação clara em algumas das formas typicas de — *lepra tuberculosa*, manchas avermelhadas ou escuras na pelle, salientes, arredondadas, duras, lepromas que se ulceram por fim e dão á face o aspecto typico reconhecido, ou — *lepra nervosa* ou *anesthetica*, em que dominam as perturbações nervosas, manchas sem pigmento, erupção de bolhas, deformações crises dolorosas, com anesthesia tegumentar etc., ou ainda, — *formas mixtas*. A doença tem longa duração, de muitos annos, até 10 e 20 e ainda é muito duvidoso o tratamento, apenas palliativo.

*Prevenção.* Se a lepra não tem hoje o caracter de violenta propagação como teve na Europa durante a idade media, não ha duvida que assistimos nos nossos dias a uma recrudescencia, que póde ser muito grave. Sobretudo na America, cujos focos na Colombia, no Paraguay e no Brasil vão em constante progresso.



No Maranhão principalmente, mas um pouco por todos os Estados, nomeadamente S. Paulo, Minas, Bahia, verifica-se augmento accentuado de leprosos. O calculo official de 5.000 leprosos brasileiros, que Octavio Freitas achou exagerado, é, para Adolpho Lutz, apenas de metade do real. Como quer que seja, a propagação é indiscutivel: em S. Paulo havia no meado do seculo passado cerca de 800 lazarus, tem agora, sessenta annos depois, mais de 2.000 desses enfermos (Belmiro Valverde). Assim por toda a parte no Brasil.

O perigo é serio e instante. Oswaldo Cruz chamou a attenção para elle. A hospitalização dos lazarus é deficiente e sem rigor. Em algumas capitães ha irmandades que possuem leproserias limitadas a poucos leitos, sobrando nas ruas, convivendo livremente nos logradouros publicos os leprosos restantes, que ninguem isola, por não ter onde os recolher. No Rio a hospitalização é tão sem criterio que a irmandade dá festas sumptuosas, no hospital, a mesarios e ao publico.

Deve ser de regra a *notificação compulsoria*, o *isolamento*, e a *desinfecção*.

A notificação permittirá conhecer o caso, para as providencias decorrentes.

O isolamento será feito em lazaretos ou leproserias, para os indigentes, a isso compelidos, ou em domicillio, sob vigilancia, para aquellos afortunados que o possam, ou queiram tolerar.

Os Americanos estabeleceram um serviço prophylatico modelo, colonizando os leprosos de Hawai. Oswaldo Cruz propôz ao Governo da União adquirir uma ilha na bahia de Guanabara, ou alhures, para o isolamento compulsorio de todos os nossos lazarus indigentes, naturalmente dando a esses infelizes trato, diversão, trabalho, compatíveis com o seu estado de saude. A benemerita administração sanitaria de S. Paulo preoccupa-se com o caso, traçando solução digna de ser imitada.

O isolamento domiciliar é possível, se ao leproso reserva a familia apartamento, objectos, roupa, pratos, talheres e convivio separado, com as regras strictas de desinfecção



de excreta e de objectos contaminados, exercida para execução dessas regras.

Este processo foi empregado na Noruega por Hansen, que, graças a elle, e á hospitalização dos indigentes, segregou os leprosos, dando-lhes meios humanitarios de vida, mas cerceando-lhes as possibilidades de contagio: assim, de 2.883 leprosos que neste paiz havia em 1856, restavam em 1907 apenas 438. Se os enfermos perduravam, casos novos não appareciam. A esta hora serão poucos, e com alguns annos mais estará extinta a horrivel praga.

Não é uma lição e um exemplo?

Permittir que perambulem nas ruas, nos cafés, nos vehiculos publicos, nas salas de espectaculo, não é só um attentado á caridade, que assim os abandona á humilhação de repellente doença, mas um crime, de lesa-saude, senão, um perigo nacional.

### TRACHOMA

*Historico.* O trachoma ou conjunctivite granulosa é uma velha doença, desde muito conhecida no Egypto, na Grecia, na Italia, e propagada a toda a bacia do Mediterraneo, e alem della, pelos Balkans, na Hungria, na Prussia, na Polonia. Os casos não tratados acabam na cegueira, 3 em 4 vezes: no Egypto existem cégos de um olho, 5 por cento, e dos dois, 3 por cento, do total da população.

E' o typo das doenças que a nossa incuria e desmazêlo deixaram penetrar no Paiz, e já numa epocha em que a hygiene bem podia, com o conhecimento de causa, certamente evital-o. Veiu com os immigrantes, italianos, polacos, syrios, que nos procuraram, e que recebemos sem escolha, como recebemos estropiados, aleijões e até loucos, que nos chegam do estrangeiro e que accitamos, como se não fossem bastantes as mazellas da terra. A consequencia é que o trachoma ganhou o interior do Brasil e já Neiva foi encontral-o nos sertões de Minas, Bahia, Pernambuco.

Nem depois de roubados fechamos a porta: continuamos a receber os trachomatosos que nos procuram; no crivo da immigração nacional não ha tamiz para os indesejaveis...



*Causa.* A causa da conjunctivite granulosa não está ainda bem apurada, é talvez um animalculo, extremamente diminuto, um clamidozoario, que se propaga do doente ao são, por contágio de objectos ou mãos sujas. E' o trachoma doença da immundicie, do desleixo, da miseria, que se transmite pela convivencia e uso de lenços sujos, toalhas comuns a sãos e doentes, toques de mãos contaminadas, talvez pequenos mosquito que pousam nas palpebras ramellentas dos infectados. Se a miseria e o desasseio pagam o maior tributo, o desleixo pode concorrer para o mesmo effeito nas classes superiores: será sempre, porem, a promiscuidade, a convivencia, a communitade de objectos impuros, a causa de transmissão da doença, dos doentes aos sãos.

*Infeção.* Pode ser lenta, insidiosa, sem reacção accentuada, apenas um pouco de ardencia nos olhos, lacrimejamento, leve photophobia ou vexame á luz, e, pela manhã, as palpebras colladas nos bordos por um pouco de ramella. Nessa marcha podem ocorrer crises de maior intensidade e a ophthalmia, ou conjunctivite aguda, se declarar.

E' uma inflamação da mucosa que forra as palpebras por dentro e por fora reveste quasi todas a face externa do globo ocular, com a produção das granulações typicas, arredondadas, translucidas, acinzentadas, no canto dos olhos, principalmente nas palpebras superiores, tambem nas inferiores, acompanhadas de purulencia, vexame á luz, reacções na córnea e até ulcerações, que chegam a ser muito graves. A retracções cicatriciaes da conjunctiva ou das palpebras, a mesma cegueira, podem ser consequencias do trachoma, doença longa, capaz de remissão, ainda quando bem tratada, tratamento paciente, custoso, prolongado, ás vezes doloroso, raramente de segura efficacia... O trachoma é a infecção reincidente por excellencia: 40 a 90 % dos trachomatosos, considerados são, recaem doentes...

*Prevenção.* A primeira medida de prophylaxia seria, como se faz nos Estados Unidos, é impedir a importação de trachomatosos... Já que a nossa deploravel incuria, ou ineptia sanitaria, deixou que nos contaminassemos, não nos contaminemos indefinidamente...



Depois, teremos de promover, por medidas sabias, a campanha contra essa desesperante enfermidade, que inutiliza tantos homens validos e tanto trabalho dá, para ser mal vencida, quando seria tão facil ser prevenida.

A *notificação compulsoria* dos casos de trachoma é a primeira exigencia sanitaria: para ella é necessario diagnostico seguro e a tempo. Como a instrucção medica, em materia de doenças oculares, deixa muito a desejar, nos paizes trachomatosos — e é o nosso caso — postos devem ser criados para soccorro, não só de diagnostico, como de tratamento. Haveria mesmo, alem dos ambulatorios, necessidade de hospitaes especiaes, de isolamento, pois nos casos agudos, a media da duração é de 30 a 40 dias, de doença, sendo necessario ás vezes até pequenas intervenções cirurgicas, etc. Nos ambulatorios e hospitaes far-se-ia a educação hygienica dos doentes, para aos sãos não transmittirem a doença: lenços, toalhas, bacias, objectos de "toilette", privativos e exclusivos. A inspecção medica das escolas está a este proposito indicada, para o melhor serviço, reconhecendo os casos desde o inicio e promovendo, com o afastamento do alumno doente, o tratamento d'elle; aos professores e medicos cabe tambem iniciar e completar a educação hygienica anti-trachomatosa, da população escolar em geral, nos logares contaminados.

S. Paulo foi no Brasil o ponto em que se deu o primeiro alarme contra o trachoma: o numero dos infectados, immigrants e contagiados por elles, foi tão crescido, que os poderes publicos lançaram-se a uma verdadeira campanha de saneamento á calamidade: em 1908 havia ahi 90.000 trachomatosos sendo 8.000 crianças, para uma população de 2.800.000 homens; nada menos de 40 postos e 300 despensarios apprehenderam a lucta anti-trachomatosa.

Como os resultados não corresponderam á expectativa e aos gastos, foi extinto o serviço.

Cumprê recommêçal-o, mais modesta e mais effizamente, com a experiencia adquirida.

O Prof. Abreu Fialho propóz, e foi acceito pela Academia Nacional de Medicina, uma conferencia do trachoma, em que os medicos de todos os Estados se possam reunir, com-



prehenderem a extensão do mal, trocaram ideas sobre os meios de o combater e, numa decisão uniforme, emprehenderem não só o tratamento, como a prevenção. Assim seja, e os attenda os poderes publicos e a beneficencia privada, para suprimirmos mais essa desgraça, que faz tantos enfermos e cegos a brasileiros, os quaes, mesmo com os dois olhos sãos, já veem tão pouco, ou tão mal, nesta sua terra...

### LEISHMANIOSE: "FERIDAS BRAVAS", "ULCERA DO BAURU"

*Historico.* O "botão do Oriente" é conhecido, desde data remotissima, no Velho-Mundo; na America, deduziu Rabello, de antigos textos e peças de ceramica dos museus, a sua vetustez no Perui e na Colombia; no Brasil ha authenticação recente, mas o diagnostico retrospectivo pode já recuar a denuncia da doença a um seculo. A *ulcera do Baurú* (Lindenberg, Splendore, Rabello, Carini, Paranhos, Terra...), o *botão da Bahia* (Juliano Moreira, Pirajá da Silva, Cerqueira...), as "*feridas bravas*" da Amazonia (Carlos Chagas, Oswaldo Cruz) e de todo o Brasil, são identificadas hoje á *leishmaniose tropica*.

Assim, muito caso supposto de syphilis, dermatoses anonymas, boubas ou "buba brasiliana", ulceras impenitentes, foram reduzidas a uma só culpa infectuosa.

*Causa.* E' um parasita diminuto, um piroplasma, chamado *Leishmania tropica*, descoberto por Wright, em 1903, o mesmo autor certificado do "botão do Oriente".

Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, attendendo á circumstancias que este mal tem evolução cyclica, cura expontanea e é capaz de ser prevendo por inoculação na infancia, como o observou, em Bagdad, Wenyon, o que não acontece á leishmaniose brasileira, reclamam differença de gravidade para a nossa. D'Utra dos casos observados "nos hospitaes do Rio" conclue que 81 % delles são de grave localização mucosa e apenas 18 % cutaneos. Parece que se dá para ahi uma selecção dos casos graves: é opinião de Rabello.

De facto, num foco antigo e importante, Brumpt e Pedroso encontraram 90 % de casos benignos, semelhantes ao botão do Oriente, e apenas 10 % de formas malignas, de localização cutanea e mucosa.

Não se sabe ainda como se transmitem, dos sãos aos doentes, os corpusculos de Wright, productores da leishmaniose: crê-se, com todos os visos de verdade, que seja um insecto hematophago (que suga o sangue), um mosquito provavelmente.

*Infeção.* A invasão do mal pode ir de alguns dias a meses, sem signaes de alarme; a ausencia de reacção geral, febril ou outra, faz que, só declarada a localização d'elle no tegumento, pelle ou mucosa, possa haver suspeita. As manifestações cutaneas são botões endurecidos, que amolecem e se ulceram, e corroem, espalhando-se e se aprofundando, ou reparando e cicatrizando. Formas malignas, mutilantes e destruidoras, papilomatosas, e que sangram ao menor toque, escamosas e crustaceas, são communs. As mais graves porem são as formas mucosas, nasal, labial, buco-pharyngiana, laryngéa, palpebral, que alem de irremediaveis, pela gravidade das lesões, ainda o são mais pela improficuidade do tratamento, ao menos até agora.

A leishmaniose é doença chronica, ordinariamente, e nas formas que não se curam á primeira investida, doença grave; nas formas mucosas, gravissima. Enfermos numerosos ha por ahi alem, impossibilitados de trabalho, exaurindo-se, repellentes, na sanie de suas ulceras, nos leitos dos hospitaes, ou nas esquinas, á caridade publica... Com o tratamento adequado, enorme quantidade d'elles seria immediatamente restituída á saude.

*Prevenção.* Emquanto não se sabe qual o insecto hematophago que propaga a leishmania, o recurso prophylatico exclusivo é o tratamento do leishmaniotico, repositorio do virus, assim desinfectado e incapaz de o transmittir. Este tratamento applicado, quasi sempre feliz nos casos mais numerosos, de leishmaniose cutanea, tem, alem disto, a vantagem de suprimir invalidos que, em crescidissimo numero, são encargo serio da economia nacional.



O tratamento é simples e foi descoberto por patricio nosso — o Dr. Gaspar Vianna, infelizmente fallecido precocemente: consiste em injeções endovenosas de uma solução esteril e recente, de tartaro emetico a 1 % em soro physiologico, na dose de 4 a 6 e até 8 c.c., em dias alternados. Alem disto, applicações topicas da solução de emetico. O proveito faz-se sentir, ás vezes, ás primeiras injeções; a antiguidade das lesões exige tratamento mais pertinaz. Nas formas cutaneas é quasi constante o bom resultado; as formas mucosas são mais rebeldes e, ás vezes, insubmissas.

Até pouco tempo tudo isto se ignorava; sabel-o, hoje, é esperanza de successo proximo. As feridas bravas, a ulcera de Baurú, são enfermidades curaveis, e agora até com facilidade. Cural-as é evitar a propagação de outras muitas leishmanioses. Ainda ha muito que esperar do tratamento curativo e prophylatico, pela chimiotherapia, iniciada com o tartaro. Se chegarmos ao conhecimento do transmissor, a prophylaxia terá dado outra passo consideravel. Desde já o que ha por fazer, é quasi, como ao Lazaro da escriptura, levantar para a vida e para o trabalho milhares de ulcerosos que ha por aqui, inúteis e a explorar a caridade publica... E apenas com algumas injeções de excellent, facil e barato medicamento.

### OPHIDISMO: COBRAS VENENOSAS

*Historico.* Uma das mais antigas preocupações da therapeuthica foi acertar o antidoto contra a peçonha das viboras, causadoras da morte, accidental ou criminosa, muito frequentes na alta antiguidade. Os remedios foram sempre de exito duvidoso. Na era scientifica, que é a nossa, foi que se acertou com o especifico contra a peçonha das cobras venenosas.

São estes ophidios numerosisimos no Brasil e produzem, por todo elle, numero avultado de accidentes e de mortes. Calcula o Dr. Vital Brasil, o sabio director do Instituto de Butantan, em 5.000 estas e 20.000 aquelles, annualmente.



*Causa.* Nem todas as cobras são peçonhentas e nem sempre as especies venenosas inoculam peçonha na mordedura. E' esta a razão pela qual tanta gente mordida de cobra, no interior do paiz, se cura com os remedios mais extravagantes, e até passes e rezas.

Ha porem especies de cobras certamente perigosas e mortiferas. Taes, a cascavel, *Crotalus terrificus*; a jararaca, *Lachesis lanceolatus*, o surucucú *L. mutus*, o jaracussu', *L. atrox*, o urutu' dourado, *L. jaracussu'*, o urutu', *L. alternatus*, a jararaca de rabo branco, *L. newiedüi*, o surucú patioba, *L. biliniatus*... e outros: *L. itapetiningae*, *L. castelnaudi*, *L. Lansbergii*, *L. cotiára*, etc.; a cobra coral, *Elaps coralinus*, a *E. frontalis*...

O maior numero dos accidentes, em todo o Brasil, é produzido pelas jararacas, não só pela sua abundancia como por habitarem mattos e capoeiras, onde, habitualmente, os lavradores fazem roçado para plantação.

As cascaveis, tambem muito abundantes, produzem menor numero de accidentes, pelo facto de existirem de preferencia nas regiões do campo, logares pouco trabalhados pelo homem.

As outras especies determinam accidentes em numero limitado, porque não são abundantes, têm distribuição restricta e algumas são pouco accessiveis ao homem.

*Intoxicação.* Os signaes de envenenamento dependem da especie de cobra e da quantidade de peçonha inoculada na mordedura.

Ha tres especies de intoxicação: *typo crotalico*, produzido pela cascavel, *typo bothropico*, produzido pela jararaca e parentes, surucucús, urutús, cotiara etc., (*Bothrops* era o antigo nome do genero, hoje *Lachesis*), *typo elapineo*, produzido pelas coraes venenosas.

O veneno crotalico, de formidavel intensidade, se manifesta por paralyrias dos membros, que se estendem á função respiratoria, com escurecimento da vista, phenomenos nervosos, bulbares, sensoriaes, da mais alta gravidade, quasi



sempre mortaes. As hemorragias, quando ha, são secundarias e circumscriptas.

O veneno bothropico é antes congestivo e hemorrhagico; no local, rubor intenso, dor, esphacelo dos tecidos; internamente congestão dos orgãos vitaes, principalmente figado e rins. Nos casos gravissimos hemorrhagias pela pelle e mucosas.

O veneno elapineo é o que produz dôr mais intensa e tem acção mais prompta; o tremor e o exagero das secreções é o seu caracter mais accentuado.

*Prevenção.* Os primeiros ensaios de tratamento especifico de mordedura das cobras são de Phisalix e Bertrand; Calmette preparou sôros contra as cobras indianas; Vital Brasil estudou os nossos ophidios, isolou-lhes as peçonhas, calculou as doses mortaes, immunizou cavallos e obteve sôros especificos contra as tres especies de veneno.

Na pratica ha, pois, remedios ou *soros anti-crotalico, anti-bothropico, anti-elapineo e anti-ophidico*, isto é, resultante dos tres venenos inoculados, na proporção de frequencia de cada cobra, para o caso, não raro, em que não se sabe qual a responsabilidade pelo accidente, pois um veneno não é contrariado senão pelo seu antidoto, especifico. Evidentemente, o soro anti-ophidico, complexo, é menos activo do que qualquer dos outros para o veneno respectivo, mas tem a vantagem de servir contra todos, o que não acontece aos mais.

A applicação do sôro deve ser a mais rapida possivel; após algumas horas, se ha tempo, são ainda proveitosas as injeções. Faz-se a injeção com seringa fervida ou esterilizada, debaixo da pelle, applicando 10 a 30 centimetros cubicos de sôro, segundo a gravidade.

Nova injeção pôde ser dada horas depois, se as melhoras não são accentuadas.

O exito é porem de quasi cento por cento, se feita prontamente, na dose conveniente, e o sôro recente e apropriado.

E' o melhor proventivo contra o perigo das cobras peçonhentas. O fazendeiro ou trabalhador rural não deve deixar

de ter seringa e sôros apropriados, renovados por sôros de preparação recente, segundo as indicações do Instituto de Butantan. Aliás a aquisição delles é facil, por que é trocado por cobras, remetidas para estudo e colheita do veneno, e destinadas ao preparo dos sôros.

O melhor seria extinguir as cobras, o que é impossivel; dar-lhes combate em todo caso. A tradição popular indica certas aves (*emas, seriemas, mutuns, acauãs*) como destruidoras de serpentes; o Dr. Vital Brasil testimonia a observação popular que um ophidio não venenoso, a cobra musurana, *Oxyrhopus cloelia*, faz das outras sua alimentação ordinaria. Seria o caso de poupá-la e até criar, para este immenso beneficio.

### ALCOOLISMO

*Historico.* A embriaguez alcoolica é velha como o mundo conhecido. Já na tradição biblica, e por todos os livros antigos ha descrições typicas dos excessos alcoolicos. No Brasil, antes dos colonizadores, já era habito inveterado dos aborigenes: viviam em guerra, caçadas, dansas e libações de *cauim* ou *cajuim*, bebida feita de sumo de cajús fermentados, nome generico, depois, de mais de trinta variedades, fabricadas com todas as fructas silvestres; a mais usada era feita com mandioca mastigada, tambem conhecida por *tiquira*. Pôde-se dizer que as doenças importadas pelos descobridores (*variola, syphilia* etc.) e as bebidas destilladas (*cauim tâtá*, chamavam os indigenas, isto é, cauim de fogo, no qual se devoraram...) foram os principaes factores da extinção dos selvagens brasileiros.

Os aborigenes quasi desapareceram, mas o alcoolismo continúa intenso nos povoadores do Brasil, que a elles succederam.

*Causa.* A causa é o *alcool*, sob mil formas insinuantes, desde o declarado e popular, a *cachaça* ou *paraty*, com os seus disfarces, *gomma, capilé, ferneté, pimenta, anis, laranjinha*, até o elegante, aristocratico, peregrino, dos *aperiti-*



*vos, vermouths, absintho, licores, vinho de pasto e sobremesa, cerveja, cognacs, rhum, whisky...* que tudo é alcool, com mais ou menos agua, assucar, essencias, rotulos e custos, mas redundante em intoxicação aguda ou chronica, embriaguez ou alcoolismo inveterado. Se as essencias e outros venenos, alcooes inferiores, collaboram no effeito, o grande criminoso é o alcool ethylico, que entra em dose formidavel em muitos e não falta em nenhum. E' o seguinte o titulo alcoolico das bebidas usuaes:

Cerveja nacional 4 a 6 %; vinhos, do Rheno 8,5, clarete 9,5 do Rio Grande do Sul 10,1, Colares 10,8, Sauterne 11,0, Bordeaux 11,3 Champagne 12,5, Bourgogne 13,5, Figueira 14,0, Chianti italiano 14,0, Tinto hespanhol 14,0, Madeira 18,0, Porto 21,0, Xerez 23,0; aguardentes nacionaes 38 a 48; whisky 48, cognac 55, rhum 77 %...

*Intoxicação.* O alcoolismo manifesta-se pelos phenomenos notorios da embriaguez; pelos da intoxicação sub aguda, que chega ao delirium tremens e á loucura alcoolica; finalmente, que attingem a intoxicação chronica, de muito a mais commum, que deteriora progressivamente todas as funções e depois todo o organismo, systema nervoso, aparelhos digestivos e circulatorio, produzindo degenerações e esclerose, facilitando o accesso ás infecções, principalmente á tuberculose. No moral o alcoolismo corrompe a sensibilidade, a intelligencia, a vontade, tornando o bebedor insuportavel no seu meio domestico e social.

As estatisticas provam que o alcoolismo intervem em 33 % dos casos de morte nos hospitaes, sendo em 10 % a causa principal e em 23 % a accessoria. Não se contam os casos de *para-alcoolismo*, em que a tuberculose, a pneumonia a febre typhica, a colera, os traumatismos se aggravaram ou foram fataes, porque os doentes eram bebedores. A mortalidade destes é tres vezes maior do que a da população em geral.

A loucura alcoolica é um terço do total dos casos de alienação mental; 30 % dos suicidas são alcoólatas; dos criminosos encarcerados 40 % praticaram o crime sob a influen-



cia immediata da bebida; em 100 bebedores, todos possiveis criminosos, 66 chegam certamnete ao crime.

Soffre e se degrada a geração; o alcool é nocivo ao embrião, ao feto, á criança, mais ainda que aos adultos. Os filhos que vingam aos bebedores são sujeitos a convulsões, meningite, epilepsia, e, como idiotas, imbecis, epilepticos vão, inevitavelmente, para o hospital ou para o hospicio, não raro pelo caminho da prisão.

No Brasil bebe-se espantosamente.

Faltam-nos estatisticas, directas, de producção e importação, mas ha as indirectas de consumo: no Rio de Janeiro a quota de loucura alcoolica é de 24 % (Duque Estrada), de 28 % (Afranio Peixoto) ou mesmo 32 % (Henrique Roxo) do total dos alienados, como Paris ou Vienna, Londres ou Petrograd. No norte do paiz os abusos são ainda maiores, pois não ha o derivativo do café. Oswaldo Cruz testemunhou que na Amazonia se abusa de alcool "de maneira incrível". "O consumo d'elle é ahi fabuloso".

Isto é tanto mais perigoso quanto, nos climas quentes, o alcool tem acção muito mais deleteria, do que nos temperados e frios: nestes elle se emprega em produzir calor; aqui, desnecessario este seu effeito, se torna em estrago do organismo. Combustivel que faz o calor nos paizes frios, aqui e nos paizes quentes applica-se em destruir e queimar o motor humano. E' por isso que os habitantes do norte da Europa, que se embriagam methodicamente na sua terra, durante a vida, morrem em poucos annos nos paizes quentes, se conservam os mesmos habitos.

Desgraçadamente, os bebedores nacionaes habitam o Brasil, clima quente, onde o alcool os mata muito mais depressa. De todas as nossas imitações civilizadas é a mais funesta.

*Prevenção.* Os recursos são varios e nem sempre de efficacia bastante: devem pois ser tentados todos. Enumeram-se:

1.º Taxa elevada de imposto para o alcool de bebidas, sob todas as suas formas, difficultando-lhe o uso, permittindo



premiar o alcool desnaturado, para fins industriaes. Sob o governo de Witte a Russia diminuiu a sua bebedice, obtendo folgas orçamentarias consideraveis com o imposto. No Brasil, já para auxilio da industria do alcool desnaturado, já para applicar na instrucção publica, egual medida foi insistentemente proposta pelo illustre sr. Miguel Calmon.

2.º Reducção do numero de casas de retalho do alcool, tornando menos facil a obtenção delle, o que promove menor consumo. Na Suecia e Noruega a medida surtiu resultados benéficos, em pouco tempo.

3.º Rectificação dos alcooes, reduzindo a toxidez das bebidas, pelo monopolio ou fiscalização do Estado.

4.º Protecção das bebidas succedaneas, não alcoolicas, leite, suco de fructas, xaropes, refrigerantes.

5.º Propaganda hygienica nas escolas, nos livros, pelo cinematographo, pelos cursos, pelas conferencias.

6.º A educação sanitaria, complementar e essencial a toda educação, e que, como esta aliás, está por se fazer no Brasil.

A Grande Guerra teve ao menos isto de bom: tornou os Europeus mais sóbrios e temperantes; a nós, nem este beneficio ella nos fará...

## CONCLUSÃO

No fim dessa penosa, mas salutar excursão, pelas "doenças do Brasil", que são as de toda a parte, quasi de todo o mundo, mas que aqui a nossa incuria e o nosso desleixo deixaram que vingassem, como se fosse dellas a terra e a ellas destinada a gente, cumpre, antes da campanha nacional, da cruzada de saneamento que vamos, que devemos ir empreendendo, firmar umas tantas idéas geraes.

Não existem doenças climáticas, "doenças tropicaes", doenças fataes de latitude, como a prevenção européa admittiu e a nossa ignorancia, se não pretextos de nossa preguiça, o acceitaram commodamente. Todas ellas são doenças causadas



por germens especificos, sem os quaes não existem, germens conhecidos, combatidos, evitados. As condições physicas, quando muito, facilitam a propagação, em certos logares. A febre amarella dissemina-se mais facilmente nas zonas peri-equatoriaes, porque ahi habita de preferencia o estegomya ou aedes, o mosquito transmissor; ella póde entretanto assolar a Hespanha ou a Argentina, eventualmente, em certas epochas proprias: ahi, porem, como na zona intertropical, não ha a temer taes mosquitos, se elles não tiverem doentes onde recolher o virus para o propagar. A extinção da febre amarella independe da extinção dos seus propagadores, para a vida dos quaes concorre a tepidez do clima tropical.

Que tem a ver o clima com a febre amarella, se a soubermos, como soubemos, extinguir pelo isolamento dos infectados e expurgo dos mosquitos nelles contaminados?

A ancylostomose existe nos paizes temperados, porque o ancylostoma, como o necator, exigem, para viver, taes e quaes condições de calor e de humidade. Não será uma doença climática? Lembrem-se que nas regiões quasi frias, minas de carvão da Belgica, do norte da França, da Westphalia... ella campêa desassombrada. Embora o clima, nos buracos das minas e dos tuneis occorrem taes condições de calor e humidade. O clima, portanto, não só não é causa, como nem mesmo as condições fortuitas de quente e humido; a causa é o ancylostomo, é o necator, que devem ser expellidos dos verminosos, que não devem ser depositos no solo, para não infestarem os sãos, que se tornariam verminosos. Enquanto pensarmos em clima, calor, humidade, irremoviveis, descuramos do timol e do oleo de chenopodio, das latrinas e fossas para receber os dejectos, do calçado para proteger os pés, sobre tudo da educação hygienica do povo, que essa fará o milagre total da preservação da saude.

O clima, se concorre para a saude, é como causa accessoria, nunca determinante. E tanto o clima quente, como o clima frio. Neste, o rheumatismo articular agudo é doença grave pelas consequencias, naquelle o alcoolismo é intoxi-



cação grave pela concorrência: os autores porem desses males são um germen microbiano e um veneno ingerido, sem os quaes não ha uma nem outra desgraça. Não invectivemos o clima, innocente, porque, emquanto isto, nos escapará á sanha o culpado, perfeitamente evitavel e evitado, se o quizermos.

Não existem tambem doenças fataes de raças, raças fortes e raças fracas, como credulamente supponmos. Não nos extasiemos admirados ante homens grandes, brancos e corados, nós que somos pequenos, morenos e pallidos... Isto não significa coisa alguma. São caracteres ethnicos ou adaptativos do homem ás condições do habitat, e não, como parece ao lyrismo ignorante, signal de decadencia e degeneração. Os povos peri-equatorianos e tropicaes e ainda dos paizes temperados, são menores, de compleição mais franzina ou delicados, que os habitantes das zonas extremas: ninguém dirá que um patagonio vale um cubano, nem que um amarello japonês é inferior a um vermelho moscovita. O valor historico das raças é feito pela civilização intellectual, como o do homem pela educação technica, em qualquer latitude, seja qual for a longa adaptação mesologica que se chama raça. Que importa a nossa procedencia? Educados, civilizados, os brasileiros serão um povo digno, dos mais cultos e mais esforçados do mundo. Em vez de discursarmos sobre as tolices sovadas da decadencia latina e das raças inferiores que não são aryanas, eduquemos e civilizemos os Brasileiros, que elles serão eguaes ou superiores a quaesquer povos nobres do velho mundo.

Pasmados na contemplação da cultura européa, não imaginemos que esse é um privilegio do seu clima ou do seu povo que jamais poderemos attingir: a Historia nos ensina que todas as civilizações tiveram por berço as regiões quentes e dellas se irradiavam para os extremos do planeta. Da India, para o Egypto, para Grecia, para Roma... Do Perú e do Mexico... Ella refluirá, se o quizermos e o soubermos querer e a primeira condição della será a restituição dessa salubridade que perdemos, por incuria, desleixo, pre-



guiça e principalmente o prejuizo dessas idéas accommodatícias, de clima, raça, decadencia, com que nos consolamos da mágua e nos despensamos do trabalho.

A saude, primeira condição da felicidade de viver, é uma conquista do genio e do trabalho humano. A natureza não se oppõe a que a alcancemos. Só ha entretanto um meio de conseguirmos, e facil, se for pertinaz: trabalhando!

AFRANIO PEIXOTO,

*Professor de hygiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.\**



---

---

# VIAJANDO (1)

(COIZAS DO MEU DIARIO)

1913

De Roma a Florença. Março, 9.

— Diluculo. Na estação. Despedidas. Abraços de novos amigos que, de tão bons, já me parecem velhos. Despacho de malas aos tombos. Gritos e gratificações. Tezos, olhando cada um para a propria importancia, quatro soldados lembram anônimos indicados para qualquer cargo electivo. No vagão quatro logares vazios, e uma americana com joias falsas e marido verdadeiro. Fi! fi! fi! fi! Run! run! run! run! Parte o trem. Adeus, Roma. Alé a volta, Tibre.

.....  
— Sucedem-se estações que, de pequenas, passam a inviziveis, obrigando á suspeita de desastre sempre que o comboio pára. Repetem-se villas mortas e cidades amortecidas. Dormem as povoações ao clarão dum sol dudidozo. Não se vê uma criança. E' domingo, sei disso; devo imaginar, porém, que entre Roma e Florença a semana se compõe de sete domingos.

Alegro-me, ao almoço, porque o café não está pessimo e o vinho é qualificavel. Assentam-se-me em frente um polaco e um italiano. Não me cumprimentam; não se cumprimentam; possivelmente não se conhecem. Observo-os,

---

V. a Revista do Brasil de agosto, setembro e outubro.



porém: parecem-se tanto! Desconfio de que sejam irmãos por parte de pai. Quem sabe?

— A' direita, longo, algo verde, o lago Trazimeno. Fecho os olhos e abro a memoria para bem ver, no pensamento, esse decimo terceiro embate entre a argucia do punico e a defeza do romano. Terrivelmente assombroza a calma aproveitadora de Annibal! Tudo lhe foi oportuno: uniram-se, arregimentaram-se, para lhe entregar a vitoria, a vaidade temeraria de Flaminio, o nevoeiro prolongado, a estreitura do caminho lateral, a manobra da cavallaria descendo das montanhas de Cortona e completando o estratagemma pela utilização inteira da emboscada. Aogados os fugitivos. Acorrentados os prizioneiros romanos. E mais seis mil legionarios, e ainda quatro mil auxiliares, cercados e escravizados. E o inverno annullando as consequencias dessa artificioza manobra que Bonaparte, sempre mentirozo, insinuava haver imitado na batalha terrestre de Aboukir.

Abro os olhos. Já tão longe o lago! Tudo em paz. A' portinholla dum dos compartimentos, sobraçando tres jornaes uniformes no lamanho, e olhando-me sem se que-res capacitar de que eu fosse eu mesmo e estivesse fóra de Santos, o Antonio Leal, antiga afeição e aceitavel cliente. Bom e inesperado encontro.

— Chegada. Barulho. Trambolhões de malas. Tudo como na partida? Peior! Minha mulher e a italiana conferenciam brandamente, pensando uma falar em italiano e outra responder em inglez. E' a primeira vez que isso lhes succede. Por diferença de dois terços de minuto não vamos os quatro parar em Bolonha. Reclamante, um guarda da estação gesticula como um moinho.

**Em Florença. Março, 10.**

— Vantajosamente aproveitei metade de hontem e metade de hoje. Installei-me em hotel confortavel, logicamente asseiado. Deixadas as malas na estação, nelle penetran-



do com meros intuitos culinarios, dirigi-me ao lavatorio para desempoeirar as mãos e o rosto. A toalha estava suja. Rezolvi ficar nesse hotel. Toalha suja denuncia gente limpa, gente que lava as mãos; toalha limpa denuncia gente suja, gente que não lava as mãos. Ou isto é a verdade, ou a dialética não existe. Ninguem se deve aboletar em hotel cujos lavatorios tenham toalhas limpas.

.....

— Florença é muito menor que S. Paulo e muito maior que Santos. Terra de pouca indolencia; sete horas da manhã e já irracionaes e racionaes correm ao trabalho! Mesmo á noite os sinos se fazem despertadores. Boa carne. Estreitas no centro, largas e embellezadas á proporção que dalli se afastam (melhoramento cuja maioridade foi retocada á custa dos protoccollos que S. Paulo provocou e o Brazil pagou), ostentam as ruas velhos e grandes palacios. Falassem suas paredes, e quanto segredo medieval desvendado! Quanto brilho da Renascença reacendido!

Florença... cavallos magros. Automoveis baratos. Dezoito mil réis por terno de roupa que, lá no Rio, custa sessenta. Furtos moderados. Jardim rodeando a quarta parte da cidade e terminando como numa foz, na Praça Miguel Angelo, donde se domina, em fulgentissimo espetaculo, o Arno, volteadamente simpatico, como que puxando as cazas que lhe estão encostadas, mas dividindo a cidade meio a meio.

Florença: terra pequena com arte grande. Não é cidade para movimentos civicos; capaz de rezoluções artisticas, é incapaz de revoluções populares. Aqui a preocupação do bello sobrepuja á do feio e á do bonito. Aqui quem não produz copia; ser copista é uma profissão rendoza quando competentemente exercida. Não ajustei por preço baixo uma reprodução, soberba! da celebre **Casta Suzanna** de Guido Reni a externar, num mesmo lance fizonomico, o medo, a surpresa e o pudor; nem me ficou de graça uma miniatura da **Flora** de Ticiano.



Tem, tem uma feição excessivamente original esta cidade recheiada de copistas.

#### Aconselhando-me. Março 11.

— Nunca é demais, aqui, o uzo do sobretudo, e é sempre de menos o da desconfiança: muito illudem em Florença artistas e constipações. Não passam de miscellaneas de quarta classe, com bustos vulgarissimos de Augusto e Tiberio, umas exposições particulares onde aristocratas de unha larga e bolso vazio premeditam passar para os estrangeiros vizitantes, por alto preço, ruindades muito baixas. Numa dellas o guia, praticante do engodo, me instruiu haver Demostenes nascido em Siracusa!

Indispensavel a imposição de silencio logo que o guia enterreira, para a venda, o elogio de qualquer estatua; sua agencia é tão ameaçadora como a de coraes em Napoles e a de mozaicos em Roma.

Cumprê não falar, nem bem nem mal, de Dante. Respeitado o meio esquecimento em que permanece, nas cogitações da classe média, a memoria do poeta, não ha risco de agitação antigebelina ou antiguelfa. Na duvida abstente: ensinou Simonides, e repetiu S. Agostinho.

---

#### Galleria degli Uffizzi.

— Nunca subi tanto por tão pouco. Por meia lira de ascensor estive tres horas num mundo interminavel de colleções artisticas, de raridades, de maravilhas. Alli, crescente o interesse de momento a momento, se encadeiam as surpresas, cativada a atenção, atenuado o cansaço pelo deleite.

Sim. Muito exalto isso; mas como redigir esta nota? Fosse a confusão um programma, e facil seria o trabalho! Saia lá, porém, o que sair: tudo me serve. Fui á **Galleria** buscar impressões, e não catar expressões. Relido, este



"diário" me recordará, na adeantada velhice, um por uma, as revelações artisticas e as instruções históricas que, ao acaso, fui vendo, admirando, armazenando para meu uzo intellectual, nesta Florença inolvidavel.

— Não discuti, assevero-o, a pouca comida e as roupas anacronicas da reproduzidissima Geia de Veronezo. Aceitei, por insubstituivel, o pardo terreo de Ticiano, preferindo-lhe, nos retratos, a fidelidade vivaz do Tintoreto. Lembrei-me da meninice da fluminense "Diva", quando enxerguei a embaraçada **Venus** de Lorenzo de Credi. Não resisti á vontade de unificar a **Esperança** dos Paolliolos a desesperado bilhete da loteria de S. Paulo. Compreendi que a **Annunciação** de Lionardo da Vinci já era, para Nossa Senhora, fato sabido e resabido. Achei innegavel a similhaça do auto retrato de **Vandick** com a fizionomia animada e simpatica do deputado Flores da Cunha quando não diz que está calmo.

Extaziou-me aquella taça de jaspe donde **Hercules**, valentissimo, dezafia a hidra de Lerne, que é a propria taça! Parei, olhos azezos, deante daquelle camafeu, pequeno de tamanho, inexcédivel de gesto, donde o nariz, os beijos e o queixo de **Savanarola** se estão a arrojear contra tudo e contra todos.

Voltei ás salas habitadas pela pintura e pelo marmore. Não me arrependi. Nas costas do moço helleno tentando arrancar o **Espinho** que lhe maltrata o pé esquerdo, constatei a perfeição da arte grega no conhecimento osteologico do corpo humano; restaurada, a cabeça o foi tão acertadamente que, mesmo prevenido, o observador discute a originalidade inteiriça do trabalho.

— Avizado por importuno, cuja conversação ladra me enganara a espontaneidade com que pretendia, desde a Villa Adriana, admirar a **Venus de Medicis**, não me ponde alliviar da sentença que condemnou Cleomenes á increpação dos entendidos por a finura das feições haver, na sua espoza de Vulcano, preterido algum tanto a apetitosa lar-



guezia da estetica. Meiga, proporcionada, graciosa, a deusa mais parece uma noiva; apaixonada, encanta, mas deziste de adoração. A elegancia veste a arte; não a totaliza, porém. Agradavel, muito agradavel a **Venus de Medicis**.

Dezagradavel, dezagradavelmente espantoso, não tendo em todo o corpo um pedacinho que não ruja irritação, damnado, frenetico como um colleto convidado a prestar contas, mas sincero e veridico até os limites possiveis da veracidade e da sinceridade, é aquelle **Javali**, conhecido pelas cópias, desconhecido quanto ao autor. O assa-nho, a ira, a raiva, todas as irrupções da colera se convocaram para uma reunião violenta naquella singular revelação de competencia artistica! Ninguem a vê sem erriçar os cabellos. Ninguem a deixa sem lhe guardar a imagem.

Antiteze, inesquecivel tambem: do javardo passei ao genio. Estacionei deante daquelle olhar brando e profundo, verdazulado e docil, desse **Lionardo da Vinci**, filozofa, poeta, estatuaria, pintor, mecanico, fisiologista, sociologo, previzor do balão, profeta do vapor, e que valen, elle só, por uma vanguarda na legião dos intellectuaes da Renascença. Uma superioridade dessas dimensões, especialista em enciclopedia, enriquece uma nação, fertiliza uma epoca, valoriza a humanidade inteira!

— Um derradeiro prazer mental: devo-o ao poliarlista Boticelli quazi ao dizer á **Galeria** as miúbas despedidas. Na "Delação" de Luciano de Samosate, deus literario que incessantemente cultúa, ha uma descrição da calumnia tão pormenorizada e bem feita que, suponho, pela primeira vez, então, a calumnia não foi calumniada: pela primeira vez a justiça da critica reconheceu nesse sentimento as elogiaveis provocações á energia e á vitoria da verdade. Do alegre sirio extraiu o melancolico gravador florentino uma tela exigua e complicada, interessante a despeito da frieza do colorido, captadas as ideas dambos nas tradições desse Apelles de Efezo (não é o do Cós), immortal quazi morto em consequencia duma calumnia. Boticelli



pinta o que Luciano escreve. Nem por a quantidade de figuras embaraçar o observador, o merito do quadro deza-parece.

**Assim penso.**

A "Calumnia" é uma das vitimas da malicia, da malvadez e da malignidade do bicho-homem. Filha respeitosa, mãe amantissima, eternamente fiel ao seu programma e leal aos seus compromissos, nunca, por mais que lhe variassem as circumstancias, esqueceu ella a gratidão devida á "Persistencia" e á "Meditação", suas inevitaveis prole-toras desde o berço. Note-se: a "Verozimilhança", sua in-fallivel collaboradora em todas as emprezas, della não tem, jamais teve, o minimo resquicio de queixa.

Genealogia da "Calumnia"? Mas é tão conhecida! Neta do "Despeito" e da "Inveja", nasceu, filha do "Embus-te" e da "Fraude", na caza paradiziaca de Adão, Cain & Cia.; padrinho lhe foi o "Odio", madrinha a "Pouca Ver-gonha", gente que alimenta a afilhada mesmo durante o somno.

Solteira, nem por isso deixou de arranjar familia, e com ella são á rua todos os dias, todas as horas. Que luzida procissão! Dis-se-á uma teoria completa ao templo de Del-fos! Que porção de pessoas notaveis! Ao lado da genitora, mas querendo olhar ao mesmo tempo para todos os lados, zoupeira, medroza mas caprichoza, a "Maledicencia" piza sem que seus passos sejam ouvidos mesmo pelos tizicos em decimo gráu; atrás, mas ao alcance da mão materna, a "Discordia", meia idade, ventas abertas e olhar averme-lhado, segue carregando inventarios, procurações e pro-messas cleitoraes; afastadas, guardas-costas, prontas para o que der e vier, a "Colera" e a "Covardia", ameaça-dora esta, reconcentrada aquella, não perdem de vista a marcha sobranceira da "Calumnia". Só isso? Não. Ha ainda, na peça, dois comparsas. Com toga de juiz, mas ten-do por baixo um poncho de caipira, a "Ignorancia", uma

duzia de metros antes do prestito, consultando de vez em quando as ordenações do Livro 5.º, sentença que a sociedade abra alas para a "Calumnia" passar.

E segue. Acompanha-a, cadenciando-lhe a marcha, zumbindo, com todas as qualidades necessárias ao desempenho do seu papel de mosca varejeira, a "Mentira", irrequieta, importuna como um caloteiro profissional. Aonde vai? Algumas vezes á moradia da "Lizonja", sua prima irmã pela linha diabolica; outras em vizita á "Intriga" e ao "Mexerico", parentes cujo desconceito os afasta de convivio muito ostensivo. Quando doente, e por isso obrigada a ser mais sedentaria e menos foliona, consente a "Calumnia" em receber a vizita do "Arrependimento". Raras vezes, porém, isso succede.

.....

— Repito: não desgosto da "Calumnia" como elemento de dinamica social. Eliminem-na, e que será da verba secreta? Das subvenções? Desse sonho de egualdade que equipara o bom ao máu, o limpo ao sujo, o desfalque á prestação de contas?

Talvez me eu engane. Talvez. Confesso que não a conheço bem, e, si bem recordo, só uma vez nos encontrámos. Foi no fôro, e ceremoniozamente nos cumprimentámos. Disse-me ella ter eu, por perverso e mais ou menos infame, sido enviado para o Paraguai logo que houve a declaração da guerra. Contento, mandei reproduzir a noticia em varios jornaes. Inutilidade! Ninguem acreditou que, ainda impubere, eu houvesse batido a esquadra de Solano Lopez.

Não é licito, pois, attribuir a interesse a consideração que tenho pela "Calumnia". Nunca me prestou o minimo serviço.

#### A proposito da Flora.

— Reparo na miniatura comprada a Nimes Mashione, feiinha artista, mas competente em copias de coizas bo-  
mitas. Perfeita.



Ha, communico isto ás minhas duvidas, tres perfeições na belleza, correspondentes a tres provincias deliciosamente habitaveis na região do amor: a belleza que chama, a belleza que prende, e a belleza que mata: a pudicicia da **Flora**, o sorriso da **Gioconda** e os seios altos, rijos, unidos de **Venus**.

Quando me observam que confundo escolas, misturo feitos, comparo heterogeneos, respondo que, em arte, o que me contenta é a sinceridade da emoção. Alli, na **Galeria dos Officios**, a alma se fortalece na certeza de que o bello é sublime independem de classificações que, como em geologia, só existem para facilitar mnemonica. Por sobre todas as escolas pairam o bello que é a expressão do verdadeiro, e o sublime que é o bello grandioso. Inspiramos a mulher, a religião e a patria; servem-nos, acolitando-os, a intelligencia que é a compreensão, o talento que é a competencia, e o genio que é a supremacia. Na Iliada, a maior expansão da sicologia humana, ha a concomitancia destas tres determinantes: a belleza de Hellena, a ingerencia da divindade e o sentimento incipiente da patria grega. Daí sua preeminencia: daí o conceito de haver Homero inventado e delimitado a epopéa.

— Estas considerações estão um pouco quentes. Para que fiquem de acordo com os oito acima de zero que está o centigrado a marcar, e porque noutra pagina falei do Paraguai, fecho a nota de hoje assinalando que, em Iguape, em 1865, um homem se suicidou para não ir para a guerra. Já é ter providencia! Matar-se para não morrer. Como fica a perder de vista a imaginação de Homero! Si elle era cego, e Iguape vê tão longe!

**De manhã — Galeria Pitti — Março, 12.**

— Salas entre vastas e enormes. Cheguei cedo, e fui entrando em assunto. Excellente, empolgante, o busto de **Napoleão** por Canovas. Dá vontade de a gente pactear pazes com o grande bandido, escriturando-lhe ainda algum



saldo de gratidão por se haver prestado a semelhante obra de arte. Vale mais que uma batalha aquelle busto; é uma vitória da intelligencia sobre a fórma. Um pouco depois...

Se eu me pudesse esbofetear! Alli na segunda sala, como obra completa mas em realidade simples estudo, estava um **S. Pedro-ermidão**. Mas eu o conheço! Mas desse mesmo quadro um estudo menos adeantado eu, tolo, recuzei por trezentos mil réis em Santos. Recordo, recordo. Vi-o numa agencia de loteria, gerida por mocinha parladora; discutimos; consultado o Larousse, voltei decretando que se tratava dum S. Jeronimo, cópia doutro de Dominiquino. Encasquelou-se-me isso na teimozia. Ha grande distancia a separar um ignorante dum tolo? Em mim não houve: fui ambas as coizas.

— Fartei-me de Rafael. Mobiliara o espirito com consultas e motivos, de maneira a quazi ocupar a atençaõ, na Galeria Pitti, com esse, o mais joven, dos tres pintores extrageniaes da Renascença. Fartei-me? Modo errado de dizer. Tudo tão bonito, tão leal, tão encantador, porém tão uniforme! Repetem-se as virgens; o manto azul chega a importunar a vista; os anginhos parecem procição de gêmeos. Até no riscado do vestido a **Gravida** repete **Madalena Doni**; **Angelo Doni**, reproduzindo os cabellos e a cara de Rafael, demonstra que os retratos, feitos por um grande artista, sofrem sempre a influencia do seu ideal.

Cança tanta insistencia nas figuras e nos pretextos, nos temas e nos accessorios. As "Annunciações" parodiam-se; parodiam-se as "Ascensões" e as "Sacras Familias". Mania correta, bellissima, porém mania. O rosto joven e as feições finissimas de Sanzio resurtem no retrato do **Cardeal Donzi** (sala de Saturno); a **Fornarina** é, quando menos, sobrinha da **Virgem** (sala de Jupiter).

Genial, Rafael, porém limitado, circumscrito. Afasto-se dos seus proprios modelos e, já não sendo o mesmo Rafael, dar-nos-á o retrato de **Leão X** com a tradicional papada, estando um dos vultos accessorios a olhar inconscientemente para a moldura, e, mais, aquella motineira **Vizão**



de Ezequiel, com relativa justiça desterrada para a sala da Justiça. Mantenha-se, porém, no seu proprio modelo, e seu genio ignorará o erro; exemplo: aquelle retrato de **Julio II**, o pontifice intelligente, de feições quazi tão encantadoras como as do artista.

Assim penso. E' este o meu juizo. Mas que é o juizo afinal de contas? Coincidencia da tolice propria com a loucura geral.

**No correr do dia. Correndo. Fiezoli.**

— Em Florença, quem quizer fazer a barba não conte com barbeiros; quando existem, estão dormindo. Si for cazado, compre uma navalha mecanica e peça á mulher que o barbeie; si for solteiro, caze-se.

.....

— Ninguem vá a Fiezoli sem grande sortimento de adjetivos laudaticios. Duas horas de prazer, ida e volta, substituindo-se os descortinos com uma variedade festival. A natureza ri. Ha contentamento em todas as coizas. Bosques de ciprestes trocam seguidamente de fórma, fingindo a pressa do automovel mudar-lhes a direção. E o caminho vai rodeando, de longe, muito de longe, Florença lá em baixo, no valle que se alonga até que a vista o perca. Bellissimo! As chacaras trouxeram-me alguma lembrança das da Laranjeiras, menos a violencia verde de nossas arvores.

Fiezoli está lá em cima, quieta, com sua fabrica de chapéus, cujos preços, fazendo a gente perder a cabeça, dispensam a despeza de qualquer compra. Fiezoli tem, em util prejuizo de Florença que para lá os empurra, mendigos em abundancia; pedem esmola rindo, não sei porque nem disso lhes exigi explicação. A mendicidade é um problema que cada um de nós estuda em si mesmo; o verbo pedir é, quiçá, o unico que a gente aprende sem mestre. Cada qual o conjuga como entende.

.....



— A Catedral (1028), respeitavel pela idade e por mais nada, mostra orgulhoza uma tela, largamente quadrada, atribuida a Antonio Paolliolo — o **Martirio de S. Romulo**, padroeiro protetor da estacionaria localidade. Nessa boa obra de arte está, com vizível porém não rizível constrangimento, o martir, com ademanos interrogativos, a perguntar aos moradores de Fiezoli: “Si eu não me poude proteger, como hei de proteger a vocês?”

Penalizou-me o sofrimento do santo. E não era a primeira vez que isso me sucedia: que essa historia dos martires cristãos confunde sempre o meu espirito e tritura por inteiro as minhas noções de logica. Que fossem espancados, queimados, eliminados da lista dos vivos, réus de lezo-messianismo como Arnaldo de Brescia, João Huss, Jeronimo de Praga, Giordano de Bruno e outros perfidos imbecis que negavam a arimetica da Santissima Trindade, a astronomia de Jozué, a harmonia divina da presciencia com a previdencia e outras verdades mais claras do que a agua da Cantareira quando está toldada: compreende-se: fizeram oposição ao governo do mundo-e sofreram o castigo da praxe. Mas que S. Romulo, e antecessores e sucessores seus em crenças, apanhassem pancada porque gostavam de Jezú-Cristo: é incrível, horrorozamente incrível! A mais elemental lealdade estava a aconselhar que, poderozo como consta que era e é o filho do Todo-Poderozo, interviesse, quando menos chamando a policia, e livrasse o santo do papel triste que representou, abandonado que esteve pelo divino amigo ao qual se dedicára!

Falo convencidamente. Não uzo vinganças, nem criei o mundo: mas filho meu, que concordasse em ser esbordado, não mais me entraria em caza. Não gosto de quem provoca, menqs porém de quem recúa. Abandonando seu filho na ocasião do perigo, firmou Deus um pessimo precedente, que Cristo imitou em relação ao pobre S. Romulo, cujo martirio me aborreceu conforme eu escrevi, lacrimante, no paragrafo anterior.



**Mais Fiezoli.**

— Com seus sete mil habitantes, suas prozapias de primitiva cidade etrusca, do que allega, pensando que exhibe, alguns vestígios que a delicadeza manda aceitar como incontestáveis, é hoje Fiezoli um núcleo humano singulárrimo. Tudo allí conjuga o verbo parar. O relógio da Matriz, para dar meio dia, gastou contadamente um minuto e quatorze segundos.

Num hotel onde pedi dois calices de licor, esperei vinte minutos para ser atendido por um velho francez, criado já pervertido pela localidade; veiu afinal; demorou quazi outros vinte minutos para se cobrar do pagamento, que lhe fiz em moeda ingleza. Custei a reconhecê-lo quando me trouxe o troco. Tinha envelhecido tanto!

Atendendo ao pessoal e aos assuntos das mezas proximas, notei que as conversações eram vagarozas. Ninguem em Fiezoli tem pressa. Não creio que haja lá precedente de criança nascida aos sete mezes. Si mudassem para Fiezoli a nossa Pagadoria do Exercito, poderíamos ficar devendo á pequena, simpatica e pachorrenta cidade a inauguração de saldos orçamentarios. Todos os pagamentos começariam no exercicio futuro.

**Dialogando.**

— Que mais dezeja? perguntou-me, segregando sillabas, o velho criado francez.

— Radagazio, respondi, rapido, sem vacillar.

— Não temos cá no hotel, nem o senhor encontrará por aquí por mais que procure.

— Admirá! Sobram-me razões para jurar que o degolaram num dos morros mais proximos, ha mil quinhentos e doze annos.

Fitou-me o bruto negligentemente. Coçou a testa, e com lentidão compassada se foi aproximando ao gerente, um vesgo magrinho que parecia virgular as expressões com



o movimento dos queixos. Confabulámos os tres. Que o crime a que me eu referia era de todo desconhecido na localidade, não convindo á gerencia do hotel intervir nas suas consequencias: foi o rezultado a que chegámos. Aceitei-o.

— Mas si o senhor sabe quem foi o assassino, porque não nos diz? observou-me o gerente em tom de censura.

— Stilson, respondi fechando carranca, e retirando-me enquanto o homem annotava não sei o quê numa carteira difficilmente tirada do bolso.

.....  
Na Italia é de cincoenta por cento a média dos analfabetos; de setenta por cento é a de S. Paulo. Um italiano, residente em Fiezoli, ignorava fato fundamental da historia da cidade! Ha tempos, um vice-presidente do Estado de S. Paulo mandou perguntar ao ministerio da marinha si, em Santos, a quarentena era para os navios que entravam ou para os navios que saiam.

— Quinze minutos no "Mozaico Florentino", rua Fratelli Bensini 2. Serviço modelar; cincoenta operarios aptos, contentes, cortezes; o guincho das limas cortando o marmore e o timpano; a calma na escolha dos materiaes; a applicação dos fragmentos, em frente ao modelo consultado pelo olhar; e tudo tão perfeito, tão demonstrativo da divizão do trabalho!

E adeus, Fiezoli. Até quando?

#### A' tarde.

Volto. Atravesso ruas limpas, denotantes de edilidade honesta, contribuinte fiscalizador, contas publicadas, povo briozo, linha divizoria, em summa, entre cofre publico e unha particular. Nem um funcionario tem, em placa, o nome nas esquinas. Gente implacavel!

— Disfarçadas em jornalistas, e dizendo-se do *Petit Journal* de Paris, agrupando-se para as despezas excursionistas, chegaram ao hotel quarenta e quatro pessoas. Das vin-

te e duas pertencentes ao sexo feminino, todas são antigas; nem uma, porém, uza meio fio de cabello branco. Uma se retirou do jantar carregando garrafa de vinho; outra embrulhava um raquitico ananaz. Gente dispensavel. Gente antipatica, a entrar continuamente no quarto do quazi banheiro. Vinte e duas mulheres sem uma criança; que têm feito ellas, ou que fizeram das crianças? Uma franceza que me avulta á direita é, possivelmente, homem; aquillo foi esperteza para fugir ao serviço militar. Ha caras que deveriam pagar indemnização a quem as encontrasse.

#### A' noite.

— No commodo "Teatro Maximo" que dá entrada, no minimo a uma pessoa, no maximo a tres mil, ouvi maviozos versos, de quando em vez com poezia, do hoje popularrissimo Sen-Benelli.

Era espetaculo promovido por estudantes em favor de orfãos feitos pelas balas otomanas. Muito barulho. Pouco entusiasmo patriotico. Apartes pilhericos dum grupo academico dissidente da festa. Caza cheia.

O que houve de melhor no espetaculo foi a collaboração da platéa. Num esplendido intervallo, quando ator barbaudo e categorico lia, com entono de baixo profundo, telegramma de San-Benelli explicativo de não comparecimento por doença, das ultimas filas da segunda classe, e imitando a voz do ator, uma espectadora pediu "bis". O telegramma teve releitura. Mios дума atriz mocinha e já com os dentes cariados (chamava-se Tempesti, e tinha na boca bastantes destroços) eram commentados por espirros. Rapaziada alegre, forte, fumando na platéa, conversando fraternalmente com a policia, e com ella solidificando a arte dramatica italiana! Cinco liras de entrada...

#### Tumulos. Bellarminos. — Março, 13.

— Nunca fui influenciado por intenções funerarias; eis porque me limitei, na egreja de Santa Croce, dos duzentos





e alguns tumulos que a ocupam, a vizitar os tres que mais estudiosamente me interessavam. Bom, alto, aproximado a imponente, mas sem a propalada suntuozidade, é o mausoleu de **Miguel Angelo**; sente-se, todavia, que a memoria do artista invade o edificio inteiro. Justo, commovedor, expressivo em sua longa inscrição, o de **Galileu**...

... Com orelhas de burro tem comparecido perante o tribunal da posteridade o cardeal Roberto Bellarmino, juiz-commandante da perseguição ao descobridor dos satellites de Jupiter e do anel de Saturno, ao inventor da balança hidrostática, do termometro, etc. Foi jezuita, e já algumas vezes escapou á canonização, perigo ao qual eu me acho arriscado. Traz a data de 26 de Maio de 1616 sua advertencia ao sabio Galileu de que lhe não seria consentido doutrinar que a terra se movia ao redor do sol.

Ora o Bellarmino! Ora os Bellarminos!

Nas suas meditatissimas "Questões Naturaes", Seneca, contemporaneo de Cristo, cogitára do movimento da terra sem receber mandado de prisão. O paganismo, só por motivos ocazionaes, uma ou outra vez processou delitos de opinião, e rarissimas vezes perturbou o exercicio do livre exame. Aos anatemas, ao terror do inferno e á exploração mais recente do purgatorio foi o ocidente euraziano devedor dessa vertigem de uniformidade que paralizou durante dez seculos, pelo menos, o desdobraimento normal do progresso. As disciplinas a chicote, as indulgencias, as onze mil virgens bretãs, a ascenção da quinquagenaria mãe de Jezús com roupas que a aviação já está modificando em prol da decencia, um dedo do Espirito-Santo mostrado aos fieis em Jeruzalem: mas que porção de sandices! Por não as acolher no raciocinio, foi Galileu recolhido á cadeia. Assim o quiz Bellarmino, o cardeal.

— Bellarmino é um tipo universalizado. E' uma instituição generalizada na literatura, na sciencia, nas artes, nas secretarias, em todas as profissões, na politica sobretudo. A aquiescencia permanente e o faro adézivo ao vencedor, a previzão de lucros, esse como sentido da orienta-



ção orçamentaria: constituem para Bellarmino uma fôrma que lhe modela a existencia inteira, significando uma evidente denuncia da personalidade. Mas ve-lo é conhece-lo; observa-lo é reconhece-lo.

Solemne, sua falta parecendo um intervallo ao seu silencio, deixando sempre o assunto por discutir, saindo-lhe as frases como obsequios concedidos aos ouvintes, é adoravel a mescla de altivez e de bonhomia com que Bellarmino profere: "A chuva humidece o solo", "Muitas recommendações á exma. senhora sua mãe", "Hoje mais do que nunca", "Os interesses conservadores da sociedade exigem que fortaleçamos o poder constituido", e outras desse teor que, em auto-tarifa, o convencem cada vez mais de excesso do proprio merito! Peçam-lhe colloraboração numa poliantéa, e, desdenhozo de gesto, certo, todavia, da gratidão do porvir, Bellarmino produzirá em letras corredias: "Presto minhas homenagens ao illustre homenageado", e datará essa revelação de suas divicias mentaes consciente, algidamente consciente, de haver salvado a patria e as batatas.

Bellarmino não sabe literatura, mas ouviu dizer que ella existe; não leu Tacito; pratica-o, porém, ficando ao lado da maioria sempre que prevê e teme perigos sociaes. O partido dos unanimes, esse que o oligarquismo fundou no Brazil em 1895 e cada dia mais se espapaça, traduz no mundo politico o permanente ideal de Bellarmino.

Ponderado, ponderozo, figura obrigada nas associações de mão-morta, grave, retraido desde os bancos collegiaes, como aquelle nullo filho de nullo, que Dumas esteriotipa no "Processo Clemenceau": Bellarmino, feliz ou infeliz na campanha da vida, com ou sem achaques na seriedade, sem ou com suspeitas na reputação, acaba irremissivelmente sua carreira neste valle de lagrimas... tendo uma herma no jardim de Palacio e o nome numas das praças de Conceição de Itanhaen.

Os Bellarminos...



— O busto sagaz de **Machiavel**, encimando-lhe o monumento funerario, prendem-me a atenção num pouco do passado paulista. Cinco contos de réis pagou o erario estadual, ha dezoito annos, por folheto da lavra de Alexandre d'Atri contendo o sensacional asserto de que varios chefes do partido republicano liam no original o "Principe", havendo-lhe decorado innumeradas paginas.

Os Bellarminos! Os Bellarminos...

#### Varios e Varias.

— Por ser das mais antigas, apresenta-se a igreja de "S. Lourenço" como a mais antiga de Florença; sua reconstrução, porém, traz no batisterio a data de 1425. Outra mania das construções italianas é a de que cada uma é a maior de todas. No **Castel Vecchio**, hoje Camara Municipal, mais uma vez me informaram estar eu na maior sala da Europa.

Maior, porém, do que a sala das sessões foi a alegria com que me vi fóra della! Si, durante as informações que democraticamente me forneceu um ajudante ou auxiliar do secretario, e que autenticavam a lizura e a clareza do manejo de todos os serviços municipaes, o homem tem a má lembrança de pedir que lhe eu noticie como vai de saude a edilidade para a qual contribuo com os meus impostos em dia: que atrapalhação! Tinha eu de confessar-lhe que o municipio de Santos, metade em população ao de Florença, arrecadando dez milhões de liras annualmente, sem obras publicas em andamento, gasta metade da renda em serviço de dividas flutuante, externa e outras. Mas o Italiano foi convenientemente discreto. "Milagrei escapozaamente!", como exclamava o sarcastico conselheiro Brotero.

— Em "S. Lourenço": a tribuna de cristal, brancomarmorea, trabalho de Donatelli; o largo pulpito, em bronze, ladeado de relevos, com as principaes senas da vida de Cristo; a figura de **S. Damasceno**, quasi a falar, reclaman-



do, suspeito, contra as da **Aurora** e da **Noite** que lhe ficam fronteiras, e que inauguraram o nú nos templos do ocidente; o **Genio da Vitoria**, intrepido, vigoroso, mas cuja cabeça, duvidosa de sobranceira, pela primeira vez desloca Miguel Angelo da altura de Miguel Angelo: foi o que vi e trouxe para este diário".

Mais prolongada foi a minha estadia na "Academia das Bellas-Artes". Giotto e sua insistencia na vida de **S. João Baptista**; Cimabue e sua dezagradavel maneira bizantina: pouco tempo me tomaram. De duas obras, relativamente moderna uma, objecto de acirrados debates outra, fizera eu o programma da vizita. Mantive-o.

A grande tela de Bezzuoli — **Entrada de Carlos VIII em Florença** (1494?) está a crescer diariamente de observadores e de aplauzos. Abundancia de fisionomias; variedade de personagens e de sentimentos; o respeito, a apoteoze, a alegria, o desprezo, a vaidade: tudo, tudo diferenciado numa policromia vivacissima! Allí, até no olhar dos cavallos, os pensamentos se distanciam, divergem as preocupações!

— Na sala espaçosa, a segunda, onde o marmore em enormes blocos vai deixando aparecer e gemer imaginados prizioneiros, lá no fundo, debaixo da cupola, completo, grande, proporcional, se ergue o **David** de Miguel Angelo. Tem, é exato, a inexactidão do cabello curto e crespo das divindades pagãs, mas aquelle olhar é semita, semita é aquelle nariz quazi imperfeito. Mais firme na perna direita, membruda, retezada, o moço vai, com a mão esquerda, puxar a funda, puxa-la instinctivamente. A direita agarra a pedra, nervozamente a aperta. O conjunto do rosto, porém, delibera, sabe o que quer, quer o que sabe; os olhos, esses, marcam, alvejam. Um homem, uma vontade, uma resolução, uma ação: tudo completo: eis o **David**.

Não domina como o **Moizés**; interessa, perdura, persiste. E' a obra do talento em sua transição para o genio.



**Numa praça.**

Uma centena de pessoas ouve discurso dum gordo zabolho. Verbozissimo, um jornal estendido no chão para que do auditorio lhe atirem moedinhas de cinco ou dez soldos, promptifica-se o homem a discursar de improviso sobre qualquer assunto.

Interrompi-o com uma lira e a palavra — "Brazil". Rapido, derramou o parlante um diluvio de frases toleradamente connexas. Viagem de Pedralvares, belleza da baía do Rio de Janeiro, via-férrea de Paranaguá a Curitiba, futuro de Matto-Grosso, riqueza de S. Paulo, elogio e reinado de Pedro 2.º, hospitalidade brasileira: esses temas todos, atravessou-os o improvisador sem descarrilar numa reticencia, sem tropeçar num engasgo. O auditorio, crescente, oprimia-se aos empurrões; a lira correrá em boato, agitando o espanto geral. Uma lira por um discurso! Na Italia! E o orador proseguia sem pausa, sem rouquidão, sem copo dagna. Aceitavel. Quazi bom. Eis, porém, que melhora, perorando com a seguinte frase: "Quantos patricios meus, tendo daqui partido com a consciencia perturbada por erros na vida, talvez por crimes, encontraram no Brazil, além da regeneração pelo trabalho, a saude e o dinheiro!?"

.....

— Onde esse zanaga quarentão se instruiu de tanta coiza a respeito do Brazil? Onde? Fôra talvez, quando joven de onze a dezenove annos, quando nitidamente lhe trabalhava a fotografia da memoria, immigrante subvencionado; talvez um daquelles em cuja tabelleta o primeiro algarismo, escrito em uma linha réta, se prestava a ser alterado para o numero dois, de modo a engrossar, para contractantes e politicos intermediarios, pagamentos por ocasião do ajuste semestral de contas. Manhas administradoras de minha terra, iniciadas no ocazo da Monarquia a pretexto de substituição do braço, mas vorazmente desenvolvidas pela impunidade irascivel do matriotismo republicano!



O que é certo é que esse orador popular conhecia teórica e praticamente o nosso problema de colonização. Tinha incolectavel preparo.

#### Ardil.

— Incidentes. A' porta da igreja de Santa Croce, quando reclamei faltar mendiga pedindo esmola, apareceram immediatamente tres; uma dellas, cega, ao receber uma pratinha, agradeceu-me em francez dizendo: "Merci, madame."

— Ninguem, em Florença, me elucidou algumas duvidas que encontrei aqui e aqui deixo. Por exemplo: porque tem o nome "Gambrinus" o melhor restaurante que é possível imaginar: estalagem grande onde tudo é grande: a quantidade de comida, a banda de muzica, o luxo, a boa vontade dos criados, e só são pequenos os preços? Que tem ou que teve o inventor da cerveja, marido ou quazi da Izis egípcia segundo legenda, com o macarrão e a vitella do hotel Gambrinus? Outra incerteza: porquê razão o "Paraizo" de Dante influiu mais, muitissimo mais, na pintura italiana, em todas as escolas de pintura italiana, do que o "Inferno" aliás mais lido, mais discutido, mais poetico, indiscutivelmente mais genial? Ainda: que determinantes incentivos tem a policia florentina, afavel, atencioza nos outros pontos da hospitaleira cidade, para nas estações das vias-ferreas proteger escandalozamente rapinagens e esperlezas no transporte de bagagens? Póde o passageiro ajustar quanto quizer, com designado carregador, preço, prazo, entrega, transporte, despacho, etc.; á ullima hora, guinchando, gesticulando, são inevitaveis a reclamar pagamento tres ou mais carregadores! Dúvidas! Dúvidas. Quem não as padece? Dum perplexo, fallecido cheio dellas, varejon Parni em tradução de Curvo Semedo:



Partiu hontem daqui quazi á noitinha,  
Para ver se podia noutro mundo  
Ver-se livre das dividas que tinha.

.....  
— Teria eu de todo perdido a sagacidade? Lidei com tanta gente sem lhe notar diferenças fisionomicas? Mal communiquei ao gerente do hotel a resolução de partir amanhã para Veneza, comeei a saber que todos os criados da casa, simplesmente todos! tinham estado ao meu serviço! E sem eu os ver, sem os chamar, sem siquer suspeitar que houvessem nascido! Todos.

Um fôra comprar os bilhetes á estação mesmo antes de eu annunciar a viagem; outro me levava os jornaes da manhã do primeiro para o segundo andar; uma criada tomára a roupa, que outra levára e outra engommára; um hercules loiro, que pela primeira vez me aparecia, ajudára um meio hercules a pôr as minhas malas á cabeça. Decizivo, um menino me entregou a conta do hôtél; modestamente contrafeito, allegou um outro haver aberto a portinholla do carro quando eu chegára de Roma. Parente do porteiro requeria gratificação porque auxiliara o cunhado, que da calçada me endereçava olhares ambiciosos, no encaixotamento duma estatueta de Rabeca, paga mais do que realmente valia. O irmão do gerente, porque me recommendara um guia, aliás toleravel, murmurantemente ciciou que me não esquecesse eu delle. Era um nunca acabar de gratificações!

Silenciei minutos. Refleti. Organizei meu plano de defeza. Com voz cavernozza e rosto entristecido implorei do gerente conferencia urgente para negocio reservado.

Com incidentes que, tambem, a imaginação me forneceu, contei-lhe haver perdido no jogo seis mil seiscentas e sessenta e seis liras, e pedi-lhe cento e oitenta e quatro, por emprestimo, para ocorrer a despezas de viagem a Veneza, prometendo, sob palavra de honra dobrada de juramento, reembolso efetivo dentro em vinte e quatro horas. Pedi perfeitamente bem; pedi como se não livesse feito



outra coiza desde que começára a uzar mamadeira. Pedi como um jornalista da opposição. Apavorado, pallido, retirando-se de frente, receiozo de que lhe eu agredisse os bolsos pela retaguarda, "que não! que não!" ora gritava, ora balbuciava o infeliz.

Cinco minutos de colloquios na saleta da gerencia. Retirada do inimigo. Autonomia de minha carteira. Na Italia, um bom meio de afungentar larapios é pedir-lhes dinheiro.

Na Italia só?

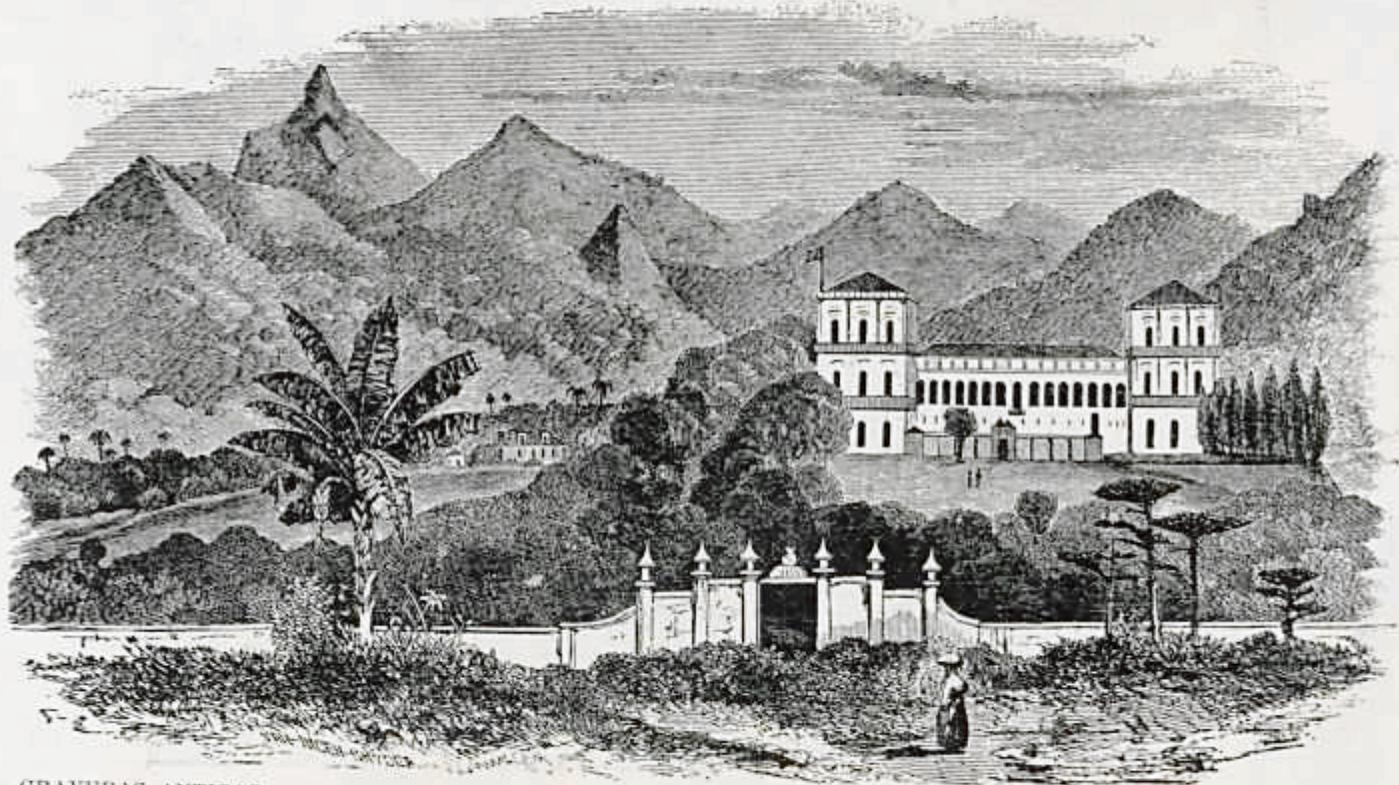
MARTIM FRANCISCO

*(Continúa)*





GRAVURAS ANTIGAS      Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher  
D. PEDRO II



GRAVURAS ANTIGAS

*Do livro Brazil and Brazilians, de Kidder e Fletcher*  
Palácio da Boa Vista (S. Christovam)

---

---

## POESIAS

### ORGULHO

*Fui ver o morro azul, o teu, que te conhece;  
Cheguei além da ponte, á beira do declive...  
Mas ouve; e ao menos finge um pouco de interesse,  
Pois nem sempre se tem a sensação que eu tive.*

*Foi orgulho? Talvez, mas foi orgulho e gozo.  
Era de tarde. Olhei o sol em agonia.  
E ao longe, o mundo inteiro, o mundo prodigioso  
Parecia brilhar na tarde que cahia.*

*Não rias, meu amor, da insensatez dos crentes.  
Eu via o mundo ao longe, os rebanhos, as vinhas...  
E eu senti avistando as planícies ardentes,  
Que as riquezas da vida eram minhas, só minhas.*

*Eu olhava de longe as murtas e os acanthos,  
Eu via as capitães no horizonte profundo.*

*A tarde ia morrer com seus silêncios santos...*

*E eu estendi a mão sobre as cousas do mundo.*

### ELLA

*E' mais leve que uma idéa,  
E' uma mulher borboleta,  
Com audacias de Phrynéa,  
E abandonos de Julieta.*

## A PRISÃO

*A grande lua ri-se entre nuvens de incenso.*

*Deixo a fronte pender sobre o livro esquecido,  
Prendo a fronte nas mãos, fecho os olhos...*

*E penso*

*Que ella tem scios nús atraz de seu vestido.*

*Sinto a noite em redor. E' tarde. Não ha bulha,  
Ninguém, nem uma voz. E ha rumores tranquillos.  
Sons d'agua mansa, ao longe; e enquanto a agua marulha,  
Trila dentro da noite a musica dos grillos.*

*Eu queria fugir de meu sonho. E por isso  
Fiz os sonhos da noite entrar pela janella.  
Não quero viver preso, humilhado e submisso,  
E uma mulher não vale o que se faz por ella.*

*A lua grande ri-se e parece que escuta.*

*Faço então contra o sonho um esforço perdido,  
Mas só descubro enfim, depois de tanta lucta,  
Que ella tem scios nús atraz de seu vestido.*

## SINCERIDADE

*Depois do beijo, ella me disse duas phrases.*

*Ella me disse que eu já tinha alcançado e que eu ja esquecer.  
Que eu partiria alegre e sem remorso, pensando d'ella o  
que se pensa das cousas faceis d'este mundo.*

*Contestei sem temor a phrase triste...*

*Mas eu me ri por ver que era verdade.*

*Ella me disse: "Pode ser, entretanto, que a mim pareçam  
tristes as saudades do beijo que eu te dei. O amor nasceu, o amor  
melhor e differente ... E eu penso em mim no dia de amanhã".*

*Calci-me então. Olheia longamente...*

*Mas eu soffri por ver que ella mentia.*

## A SURPREZA

*E' o caso que succede em caminhos montezes.*

*Vae-se andar. Vae-se andar sem rumo, quando ás vezes,  
Um vento que soprou sem se esperar por isto.  
Faz passar no caminho um perfume imprevisto.  
Leve como um segredo. E' uma aragem distante  
Que visitou jardins e desfolhou rosaes...  
E' um perfume que dura ás vezes um instante,  
Que vem para fugir e que não volta mais.  
Mas nasceu de um canteiro e traz numa caricia,  
O sonho da verbena e a tristeza da clicia.*

*Dura um momento só.*

*Que importa. Num momento,  
Recebe-se em visita o perfume do vento;  
E sem saber porque, tem-se a alma commocida,  
Por uma inquietação de amor e de chimera...*

.....

*Ella veio. Ella entrou em minha vida  
Como um perfume azul de primavera.*

GOFFREDO

T. da Silva Telles.

---

## QUE É A EUGENIA?

Não são poucos os que ignoram a significação e os fins da nova sciencia, baptisada por Galton com a bella denominação de EUGENIA. E, não ha de que se envergonharem, porque, si esta divindade surgio já de ha muito na constellação de Minerva, só ha bem pouco ella veio a ser conhecida e reverenciada entre nós. A sua apparição nos dominios dos nossos estudiosos originou, como em outros paizes aconteceu, a formação da religião que tem por escopo prègar preceitos eugenicos dentro do seu dogma: — a saude integral do corpo e do espirito.

A definição da Eugenia é curta, os seus fins é que são immensos: — é a sciencia do aperfeiçoamento moral e physico da especie humana. O homem perfeito é um homem feliz; a sociedade de homens felizes seria o ideal. Para que este ideal se realize cumpre ir plantando desde já as sementes que nos fornece a Eugenia.

Eugenizar quer dizer seleccionar a especie humana, fazendo com que o planeta se povôe de gente sã, isto é, sã moral e somaticamente. Quando ella se expurgar dos individuos doentes, incapazes, criminosos e amoraes; quando a terra for habitada por — bem gerados, eugenizados, — o que não é utopia — então os descendentes de Adão viverão no Eden terrestre depois de haver, tão cruelmente e por millenios, pago o peccado original.

Utopia, porque? Si hoje é de pratica corrente a selecção de animaes e vegetaes? Quem não conhece os resultados surprehendedes colhidos pelo zootechnistas no apuramento das raças cavallares e bovinas? Baekwell, illustre criador inglez, não conseguiu obter um typo de gado com o maximo de carnes e o minimo de ossos? Outros, pelo apuramento de qualidades optimas, não teem obtido selectivamente bellos especimens de cavallos, que primam pela força ou ligeiresa?



As plantas prestam-se admiravelmente para experiencias de selecção e os plantadores variam ao seu capricho até o sabor das fructas, não se contentando com a polychromia deslumbrante das flôres creadas pelas suas phantasias.

Porque nós homens, atomos da humanidade, não havemos de melhorar a nossa propria raça, tendo em nossas mãos — a bagueta magica — da selecção, que são as leis da hereditariedade, no dizer expressivo de Darwin e outros muitos ensinamentos biologicos, comprovadamente, indubitavelmente valiosos como se verificam entre plantas e animaes ?

Eugenia é a sciencia da boa geração. Ella não visa, como parecerá a muitos, unicamente proteger a humanidade do cogumelar de — *gentes feias*.

Seus objectivos não se restringem a callipedia, isto é, ter *filhos bonitos*.

A belleza é um ideal eugenico. Mas a sciencia de Galton não tem horizontes limitados; ao contrario, os seus intuitos além de complexos são de maior elevação; ella não é sómente como um buril esculpido de bellezas plasticas, para gaudio das nossas-satisfações artisticas, para a inspiração divinisante dos poetas ou a exaltação phantastica dos pintores de imaginações ardentes e de tintas magicas.

São demonstrações eugenicas os versos fulgidos dos poetas que cantam a belleza de olhos alegres e talvez mesmo tristes, como os de Luiz Edmundo:

Olhos tristes, vós sois como dois sóes no poente,  
 Cançados de luzir, cançados de girar,  
 Olhos de quem andou na vida alegremente  
 Para depois soffrer, para depois chorar.

O fetichismo poetico de José Bonifacio, o moço, fel-o cantar na lyra o pé:

Um pé, como eu já vi, de tez mimosa,  
 De tez folha de rosa,  
 Leve, esguio, pequeno, carinhoso;  
 Um pé de matar gente e pisar flores,  
 Namorado da lua e pae de amores !  
 Um pé, como eu já vi, subindo a escada  
 Da casa de um dontor;  
 Da moçoila gentil a erguida saia  
 Deixou-me vêr a delicada perna.  
 Padres, não me negueis, se estaes em calma,  
 Um coração no pé, na perna um'alma.



São exteriorisações de sentimentos eugenicos os traços do pintor que representa na tela densas da formosura. São eugenicos os contornos que o cinzel do esculptor entalha no mármore reproduzindo o ideal plastico da fôrma. Entretanto a Eugénia não se restringe á elevação das perfeições que se exteriorizam, quando se sabe que muitas vezes... "por fóra filó, filó, por dentro pão bolorento!" Ella tem a visão do exterior, porem a sua mira de atilada agudesa deseja a representação completa da perfeição esteriotypada na belleza moral e somatica. A Eugénia quer a uniformidade dos homens segundo um padrão, com índice optimo de robustez.

A implantação da Eugénia corresponde ao estudo das gerações passadas, ao computo das energias das presentes para a salvaguarda do futuro da humanidade. Si os principios pregados por Galton, germinando como temos a absoluta certeza que estão sendo, frutificarem, então o triumpho do eugenismo reservará aos nossos descendentes o mais bello porvir.

Não somos utopistas. Na phrase de illustre cientista, pode-se taxar de utopia todo projecto ideal de futuro social que elaborado pela imaginação de um homem, falho de base sã e real, vá de encontro á natureza humana e dos resultados da experiencia, e não tenha por consequencia nenhuma *chance* de successo. Da mesma fôrma que para o futuro social, applicemos para o nosso caso a definição de utopia e vejamos: a Eugénia é uma idéa realisavel, pois a sua base é sã e real. Ella não vae de encontro á natureza humana e aos resultados da experiencia; pelo contrario, e sobretudo temos a mais absoluta confiança no seu successo.

Mas, dirão os leitores, quaes as lanças que empunharão os eugenistas para combater os factores degeneradores da especie humana? Estudando, inspecionando as causas dysgenisantes e eliminando-as prophylaticamente.

Neste afan deve não só o governo se iniciar como tambem o publico. A coadjutoria do individuo é essencial. E para que ella surta effeito carece de uma base de conhecimentos que ás sociedades eugenicis está reservada diffundir. A instrucção eugénica, diz collega illustre, deve ser ministrada em profusão, constituindo disciplina obrigatoria tanto nas escolas primarias como nas superiores.

Em que consistirão esses ensinamentos? No ensino da hygiene individual, urbana e rural. Nas explicações simples de como se adquirem as molestias. Neste sentido, o batalhador incançavel e illustre Dr. Belisario Penna escreve no seu livro, rico repositório de preciosos ensinamentos: "A educação hygienica, com as noções prophylaticas exactas das doenças in-

fectuosas existentes no paiz, deve ser obrigatoria, de licção diaria em todas as escolas publicas e particulares”.

A prophylaxia do ankylostomiase é relativamente facil. Da mesma fórma o são o impaldismo, a molestia de Chagas e outras doenças mais que reinam endemicamente no nosso paiz. Mas, si ellas continuam ceifando impiedosamente ou degenerando cruelmente a nossa gente, é porque temos descuido de sanear as regiões infestadas (quasi todo o paiz!) é deixado essas pobres victimas das maldades da terra, á mercê da sorte, da ignorancia.

Como se adquire o trachoma todos nós sabemos e o evitamos. Já não acontece o mesmo com os incultos (percentagem formidavel) que ignoram os mais comesinhos preceitos de hygiene e para os quaes lavar as mãos representa um luxo superfluo, não sabendo que leval-as assim aos olhos constitue perigo ainda maior, quando ha pessoas trachomatosas em convivencia.

Instruir o povo é desvendar-lhe o palco roseo da vida, é mostrar-lhe o valor da saude, o caminho da honra e do trabalho. As idéas prégadas pelos evangelistas da harmonia social, só encontrarão terreno semeavel onde reine a saude, em terras de individuos eugenicos. Cumpre, pois, sanear physicamente para em seguida fazer o saneamento politico. Seria desolador ver o effeito de prégações doutrinarias entre “os parias que vegetam na mais sordida miseria, em ranchos de palha ou de taipa, inçados de barbeiros, de perceijos e de piochos, dormindo promiscuamente paes e filhos em giraos de paos roliços, sobre enxergas de palhas de burity, sem noção de asseio rudimentar, sem utensilios dos mais comesinhos, até entre a gente dos povoados, alimentando-se deficientemente, innumerados delles apenas com raizes, peixe, farinha e caça”, parias esses que alem de analphabetos são atrasados mentaes verdadeiros cretinos como observaram Belisario Penna e Arthur Neiva, que durante sete mezes percorreram 4.000 kilometros atravez os nossos sertões. Diz o primeiro: “Nucleos de populações desde 60 a 300 individuos, na sua maioria idiotas, cretinizados, ou aleijados ou paralyticos, percorremos nós, onde difficilmente se deparava um *semi-idiota* capaz de dar algumas ligeiras informações”. E continua este illustre patriocio: “uma viagem atravez dos nossos sertões, e mesmo fóra delles, confrange a alma e abate a confiança no futuro da patria, sobretudo pela indifferença ou inconsciencia dos poderes publicos, federaes, estaduaes ou municipaes, quanto á solução do problema sanitario, certamente o mais grave para a salvação economica da nação”.

Felizmente, ainda que tarde, enveredamos no caminho da solução deste serio problema nacional. O benemerito Sr. Presidente da Republica prometteu em sua mensagem ultima tratar do assumpto, tendo sido assignado um decreto de saneamento rural, cuja feliz oportunidade despertou o applauso geral da nação. A campanha eugenica começa assim a ser patrocinada pelos poderes publicos do Brasil.

Os escópos da Eugenia são incommensuraveis. Instruir é eugenisar, sanear é eugenisar; esta nova sciencia preoccupa sabios e legisladores.

Diz muito bem João Ribeiro: "eugenisar quanto possivel a familia, é um dever de boa politica e uma tarefa para os futuros estadistas. E é tambem um dever domestico, confiado á vigilancia de todos os homens intelligentes e cultos".

A Eugenia é pela elevação das nações. Ella lucta pela defesa da raça, pela elevação moral e physica do homem de hoje e dos nossos descendentes. Nós não somos donos da nossa personalidade; della nos constituimos "depositarios ephemeros de legados eternos".

Compete-nos zelar carinhosamente da confiança em nós depositada pelos acasos da natureza. Assim como censuramos a prodigalidade do esbanjador de moedas devemos não só increpar, mas impedir que levianos dissipem conscientemente na orgia ou inconscientemente no trabalho excessivo a maior fortuna com que Deus nos doou: — a saude.

A Eugenia evita os males nas suas origens. Ella prohibe o casamento a todo individuo atacado de mal hereditario. Quem não applaude esta disposição prohibitiva em defesa das nossas futuras proles, que o talento admiravel e benemerito de Souza Lima defende ha 20 annos?

A Eugenia procura fazer a educação sexual dos moços ensinando-lhes na "nudez rude da verdade" — os perigos que os esperam as paixões, os vicios.

A Eugenia é, em summa, a sciencia que deseja a elevação moral e physica do homem, que uma vez dotado dessas qualidades optimas será o elemento de paz na familia, na sociedade, na Humanidade.

DR. RENATO KEHL.



---

---

## O "SALÃO" DE 1918

---

Estou a crer que o successo alcançado pelo "Salão" deste anno, não attingirá as raias da celebridade que palra sobre os "Salons" parisienses de 1836 e 1837, onde foram expostas algumas telas encomendadas por Luiz Philippe, Rei de França, para a Galeria das Batalhas do Museu de Versalhes. E isto é natural. Não estamos nos principios do seculo XIX, não temos o Museu de Versalhes, nem batalhas a commemorar; quanto a este ultimo ponto devemos curvar a nossa admiração em homenagem ao destino...

Inaugurada a 12 de agosto do corrente anno a XXV Exposição Geral de Bellas Artes, permaneceu a mesma aberta durante mez e meio, despertando interesse relativamente pequeno.

E' isto uma injustiça oriunda da nenhuma educação artistica do nosso povo...

Adepto da lei do menor esforço o publico empanturrava o recinto da exposição dos marmores florentinos, installada a dois passos do *Salão*, entusiasmado pelos perfis das heroínas e santas amoldadas em fabricas engenhosas.

Ir ao *Salão* era um trabalhão: primeiro porque era preciso despender uma pratinha de mil reis; segundo porque estando o *Salão* installado no primeiro andar da Escola Nacional de Bellas Artes, havia uma longa escada a subir... Uma massada...

A não ser nos dias do *vernissage* e da inauguração quando comparecem na sisudez obrigatoria de sempre o mundo official e a garrulice sem senso da gente da moda o *Salão* era visitado apenas por alguns curiosos.

Allás uma estatua ou um quadro, pedem mais attenção e cultura a quem os observa, do que outras manifestações artisticas, como o theatro dramatico ou a musica, que forçam o espectador, mesmo de mediana intelligencia e que nada percebe do que se executa ou representa, a ouvir-o silenciosamente ou considerá-lo como um simples divertimento...

A *Lição de Anatomia* de Rembrandt pode passar despercebida a um cidadão qualquer que passeie o seu olhar de *touriste* pela Casa de Maurício de Nassau em Haya; mas si este mesmo cidadão se encontrar entalado numa poltrona do theatro, ante uma orhestra que execute uma das symphonias de Beethoven, forçosamente (mesmo que os seus nervos não se emocionem) se manterá numa attitude de silencio respeitoso... Em caso contrario, pode ter a certeza de que seu espirito attingiu o grau maximo da cretinice humana...

...

Foram 118 os artistas que levaram ao *Salão* deste anno o concurso de seus trabalhos de pintura, esculptura, gravura, architectura e artes applicadas. Destes 118 expositores alguns já são mestres consagrados, outros ainda promettem melhoras futuras e muitos accentuam uma lamentavel decadencia.

Os *Salões* poderiam ser mais equilibrados si a commissão competente para collocar o *placet* nas obras aspirantes aos mesmos não fosse tão benevolente. Consta, aliás, que esta commissão recusou este anno, cerca de 40 % dos trabalhos apresentados. O corte podia ser maior, evitando as notas dissonantes e desafinadas numa exposição onde primam esculpturas de Corrêa Lima e paysagens de Baptista da Costa.

E' lamentavel o numero de trabalhos expostos onde não ha uma unica manifestação de intelligencia, a mais vaga idéa do que seja uma obra de arte e onde domina a mais completa ignorancia do bom gosto.

Dizem que certos trabalhos são acceitos e tolerados unicamente como recompensa ao esforço, incitamento e ajuda á arte nacional! Mas isso é um erro. O contrario é que é racional, logico e util. Um artista nem se fabrica nem se inventa e a exposição de maus trabalhos é o melhor depoimento contra a nossa vaga cultura e um crime commettido contra os infelizes autores, que assim perdem um precioso tempo, ao em vez de procurarem um melhor officio.

A verdade porém é que temos artistas reaes, sem pretensão nem *pose*, artistas que vivem dentro de um bello sonho, isolados do mundo aspero que os cerca. São raros abnegados que, como disse o Sr. Monteiro Lobato "perpetram um heroismo tangencial á loucura, heroismo maior que o dos guerreiros emminhocados na terra de periscopio no olho, loucura igual a de Poetas que esperem da Bolsa, cotação para rimas".

Não sei si vai nisso algum exagero do illustre escriptor. O que é certo é que serão sempre poucos os hosannas levantados em louvor de taes artistas.

Mas já é tempo de entrarmos pelo *Salão*.

Ha uma certa harmonia na distribuição dos trabalhos expostos. Logo no topo da escada, na primeira sala, começa a exposição das obras de esculptura; começemos pois por ellas.





BAPTISTA DA COSTA: Primavera

O "SALVO" de 1918

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16

O "SALÃO" de 1918



CARLOS OSWALDO: retrato de Henrique Oswald



LEOPOLDO GOTUZZO: Plaza del Socorro — Hespanha

O trabalho que me pareceu mais completo, nesta secção, foi um estudo em gesso do Barão Homem de Mello executado pelo Sr. Pinto do Couto. E' um meio corpo admiravel retratado do natural. A physionomia do illustre Barão, está immortalizada na obra do Sr. Pinto do Couto em traços definitivos. Tudo neste magnifico trabalho é emocionante: o sulco das rugas, o olhar amortecido e triste, a lassidão do corpo, onde se sente uma grande cansaço de viver... O Barão Homem de Mello pousou para este trabalho nos ultimos tempos de sua vida, e quem o viu por essa occasião poderá verificar a fidelidade com que o esculptor o executou.

E' de notar ainda a paralyisa da mão direita, esplendidamente esculpida na sua immobilidade.

Os trabalhos expostos pelo Sr. Corrêa Lima vieram augmentar — si isso fosse possível — o seu renome de grande esculptor. Os bustos de Baptista da Costa, Raul Pederneiras e Gama Rosa, são fidelissimos, imprimindo cada um o momento *physionomico* mais peculiar aos retratos: Baptista com o olhar triste e sonhador, Raul reflectindo a viveza de seu talento e Gama Rosa o cansaço de sua longa vida.

O busto em gesso de uma senhora tambem exposto por Corrêa Lima, e que obteve a medalha de honra, bem a mereceu: é uma linda cabeça, amparada por uma linha de pescoço elegantissima, que se prolonga nuns hombros e collo magnificos, tudo envolto num bello panejamento.

O Sr. Modestino Kanto foi contemplado com o premio de viagem. E foi justa a distincção.

O jovem esculptor empregou na feitura de seu monumento "*On ne passe pas*" o melhor do seu esforço e do seu talento. E' a promessa do que poderá fazer para o futuro si continuar a trabalhar.

O motivo de sua obra premiada é universal e actual: symbolisa o esforço gaulez em Verdun, impedindo o avanço dos barbaros. A figura é arrojada, tem *elan* e a anatomia é boa.

Imperdoavel, porém, são os outros trabalhos expostos por Modestino: os bustos de José do Patrocínio, Collatino Barrozo, Calixto, Luiz Peixoto e Olegario Marianno não satisfazem.

O de Olegario por exemplo é um estudo que não devia ser exposto: apresenta o poeta com duas faces diversas; os outros, si têm alguma parecença, falta-lhes vida.

Almir Pinto é um optimo discipulo de Corrêa Lima. Apresenta um trabalho que merece especial destaque, *As Primeiras Desilusões* — que demonstram uma alma de artista onde ha idéa e originalidade. E' gravissimo o perfil de immensa tristeza das figuras representativas das Desilusões.

O Sr. Umberto Cavina, não parece ter nascido em Florença e desmente as medalhas recebidas anteriormente, expõe um grupo em gesso — Arditti — onde a dureza dos soldados abnegados, causa pessima impressão.



Celso Antonio expõe uma cabeça de criança — *Primeira magua* — de uma naturalidade flagrante contrapondo a este trabalho um busto do desenhista Corrêa Dias onde sobressae um riso pouco feliz.

Gustavo Debine e Marcel Debut, dois francezes, expõem ambos optimos trabalhos. O primeiro um *Rêveur* de longas barbas commodamente instalado numa poltrona e em attitude muito natural; o segundo expõe *O Viúvo*, pequena esculptura que commove na sua expressão de magua e de tristeza...

Precisamos não nos esquecer de Hildegardo Leão Vellozo, que si tiver juízo ha de ser um dos primeiros na sua arte. Os trabalhos que expõe — *Collar* — admiravel são em cimento branco onde ha muito movimento e optima anatomia e o pequeno busto do Prof. Rodolpho Bernardelli, são esplendidos testemunhos do que poderá produzir seu brilhante talento.

Não conheço; dizem que não tem vinte annos o que é para elle uma felicidade aproveitavel.

Devo mencionar ainda os Srs. Francisco de Andrade, autor de um grupo — *A Vida* — muito suggestivo, Casemiro Corrêa, Magalhães Corrêa e Paulo Mazzuchelli, que expõe *O Vencedor*, interessante baixo-relevo em gesso patinado.

Passemos agora rapidamente pela Architectura onde vemos bellos projectos de Victor Dubugras e Filinto Santoro e pela gravura, onde L. Campos leva a palma com o seu delicadissimo *Lyrio*, meiga rosto de mulher desabrochado de dentro de umas petalas delicadas.

Gomes Marinho apresenta os magnificos retratos de Altaír e Alda e Adalberto Mattos um artistico retrato do Dr. Miguel Pereira.

...

Nesta nova geração de pintores Carlos Oswaldó é incontestavelmente o artista mais de accordo com o tempo em que vive, dotado de muita imaginação e talento, e conhecedor e senhor profundo de sua arte.

Este anno apresentou-se galhardamente com 8 telas, das quaes tres verdadeiramente notaveis: um retrato de *Henrique Oswaldó*, *A ultima ceia* e o *Fausto*. Os outros cinco trabalhos são estudos de luz artificial bastante interessantes.

O retrato do pae do pintor é o melhor trabalho: parecença, technica, luz, sombra, fundo, nada deixa a desejar. E' preciso porém notar que Carlos Oswaldó teve em auxilio de seus talentos de pintor a *chance* unica de ter tido um esplendido modelo. De facto, quem encara nos olhos o retrato de Henrique Oswaldó sente faiscar nelles o brilho vivo de sua alma de artista.

*A Ultima Ceia* é um quadro de composição muito harmonica: o Christo está sentado á cabeceira da mesa rodeado por seus discipulos, agrupados com arte.





GEORGINA ALBUQUERQUE: Carnet de baile



H. SEELINGER: Caravella

O "SALÃO" de 1918



MODESTINO KANTO: On ne passe pas!

E' o momento em que elle declara que sabe que está sendo trahido. Ha um grande espanto na physionomia dos apóstolos. Judas levanta-se bruscamente, arrastando no seu gesto o panno da mesa e derramando o vinho de um copo: é o symbolo da tragedia divina que vae começar.

O movimento brusco de Judas, está delineado com toda a precisão e a luz que cae de uma candeia presa ao tecto produz effeitos de luz e sombra admiraveis, num ambiente mysterioso.

Antonio Parreiras expõe uma pajsagem de grande vulto — *La vallée de Chêreuse* — onde a pincelada firme do artista não deamente o seu passado de grande pajsagista: é outomno e as folhas amarellas caem pelo frio que vem chegando... Ha uma agua parada sobre a qual paira uma bruma suavissima.

Edgard Parreiras tambem expõe uma pajsagem, onde se reflecte a influencia do mestre, o que é lisongeiro para elle.

Rodolpho Chambelland um dos nossos pintores de maior talento, apresenta o magnifico retrato do *Barão S. de F.* muito elegante e sobrio, onde o talento do artista se manifesta em toda sua pujança.

Baptista da Costa é o mesmo de sempre. A frescura encantadora de sua pincelada alegra o olhar de quem a contempla. Ao olhar-se um quadro de Baptista tem-se a impressão agradável de que se abre a janella para uma pajsagem muito lavada e muito boa.

Ninguem melhor do que elle, consegue dar vida ao verde da nossa pajsagem e fazer mais leve o ar puro dos campos.

Bem representados ainda estão André Vento, Antonio G. Bento, Gutman Bicho, dos melhores retratistas da nova geração, sendo de lastimar que este anno tenha exposto o *Retrato de Mme. Zú*, pardavasca faceira e luzidia que si está optimamente pintada, é um modelo de mau gosto; Augusto Bracet apresenta uma *Lindóya* dolente e Raymundo Sella, premio de vingem do anno passado, um retrato de Gustavo Barrozo, onde o pintor viu umas sobranceilhas e uma boquinha que o illustre homem não tem.

Coelho Magalhães, Pedro Bruno, e Gotuzzo apresentaram trabalhos bons e estudados; os irmãos Timotheo da Costa trabalharam com amor; Helios Seelinger expõe denodadamente um painel decorativo *Caracellas*. Os seus trabalhos têm sempre uma nota bizarra, por vezes extravagante, mas sempre intelligente.

Colon e Rocco affirmam cada vez mais o justo renome que já possuem.

Podiamos citar ainda outros si os fossemos extrahir e procurar na confusão das naturezas mortas e mais especiarias de bazares e quitandas.

Ha certos senhores e senhoras que ao em vez de pintarem deviam praticar aquella outra arte proclamada por um personagem de um romance de Oscar Wilde: a arte muito aristocratica de não fazer cousa alguma...

Deixei o ultimo espaço destas notas, para as senhoras expositoras. Mas antes de tirar-lhes o meu barrete numa saudação galanteadora, não devo



me esquecer de Raul Pederneras que representou brilhantemente a caricatura no actual *Salão* expondo entre outras, o *Sacy-Pererê* e *Tangomania*.

Na escultura devemos chamar attenção para Margarida Lopes de Almeida que começa a sua carreira com uma bõa promessa: o busto da Sra. A. L. A.

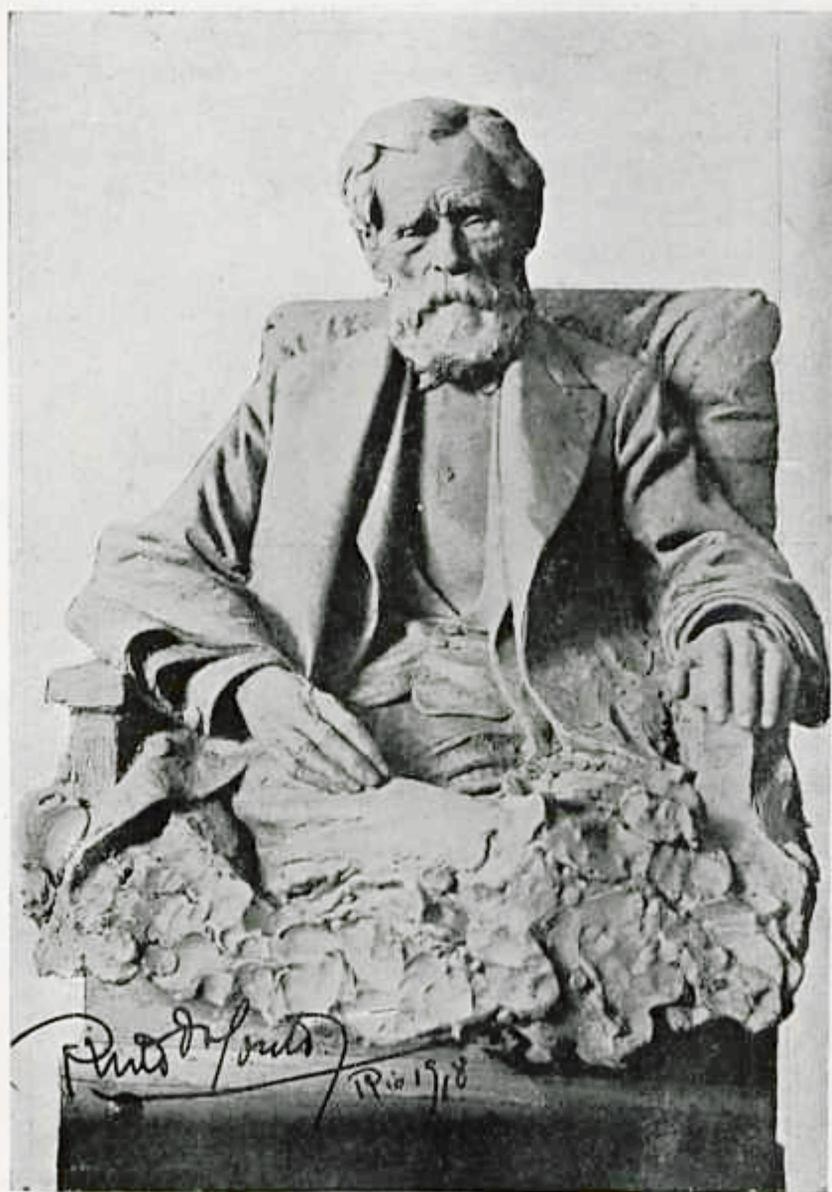
Na pintura Georgina Albuquerque que apresenta entre varios trabalhos duas excellentes telnas: *O Jardim florido* onde ha muito calor e bõa luz e *O Carnet de baile* pequeno quadro de muito gosto, optimamente colorido; Maria Pardos satisfax muito com a *Zuleika* que expoz; Sylvia Meyer tem um bom pastel e finalmente Regina Veiga apresenta o unico nu' do *Salão* — *Dande* — tendo conseguido um bellissimo modelo de feições encantadoras Os pequenos defeitos de desenho que se observam no quadro, não são bastantes para diminuirem a bõa impressão que delle se tem.

As expositoras são, creio eu, vinte e cinco. Só me referi a cinco. Confesso que tenho serios receios em passar por galanteador...

RODRIGO OCTAVIO FILHO.

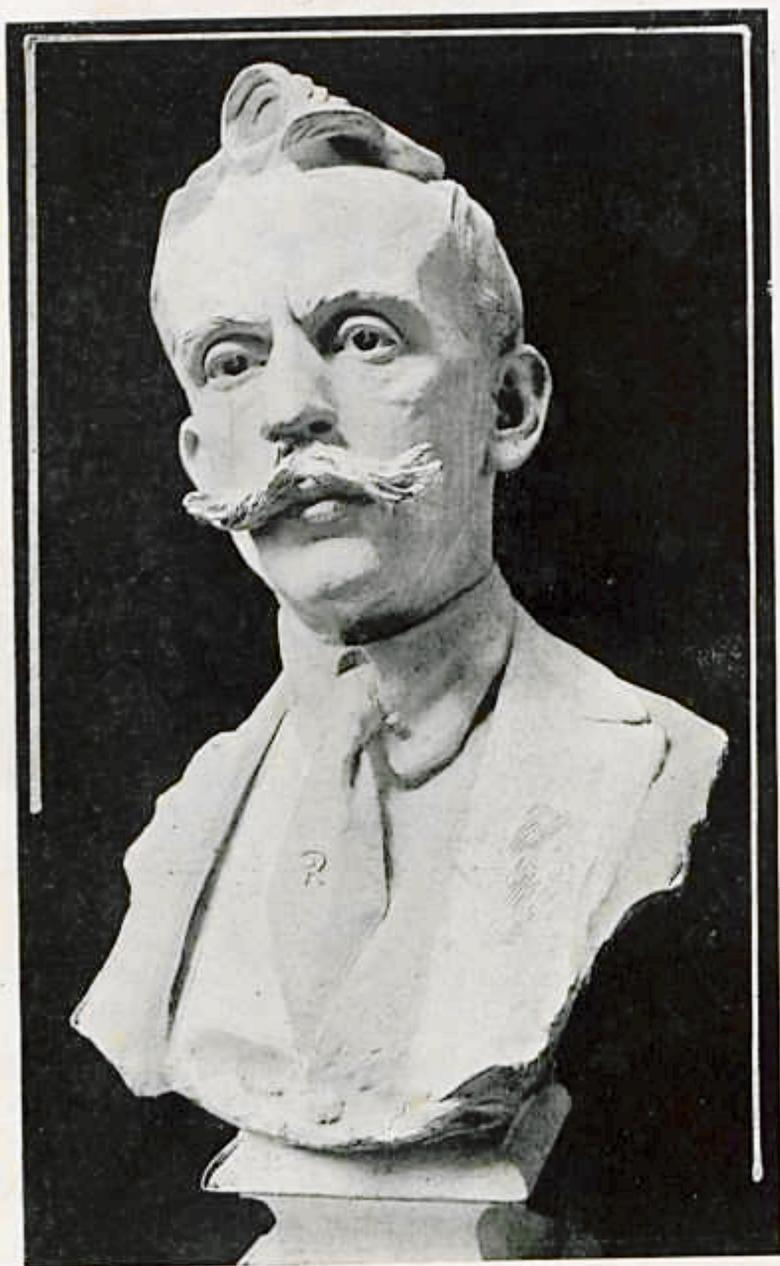


O "SALÃO" de 1918



PINTO DO COUTO: busto do barão Homem de Mello

O "SALÃO" de 1918



CORREIA LIMA: busto de Raul Pederneiras

---

---

## O FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

---

A ira não guarda os direitos à razão, a inveja desprêga as velas ao desejo, o ódio traz-nos tão desterrado o juízo, que não vemos o mal que fazemos a nós, com o querer fazer aos outros.

Fr. Heltor Pinto.

Desprezando motivos inferiores, todos de ordem pessoal, que contra nós lançaram um cathedraticeo do Gymnasio de Campinas, e sr. Othoniel Motta, pela *Revista do Brasil*, numero de Setembro, vamos glosar-lhe algumas das *Breves annotações ao livro AÉRIDES* (1), nas quaes pretendeu elevar-se acima de si mesmo — linguística e literariamente.

(1) Dos 41 estudos, que formam a collectanea, apenas 4 foram esboçados, parcialmente, na secção *Ferros velhos*, da *Cidade de Campinas*. Os demais appareceram depois, em varias épocas: no *Correio e Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes*, daqui; no *Estado de S. Paulo*, no *Commercio de S. Paulo*, no *Diario Popular*, na *Noticia* e na *Iris*, da capital; na *Gazeta de Noticias*, no *Paiz*, no *Jornal do Commercio* e na *Revista Americana*, do Rio, etc.

Assim, falta à verdade o sr. Othoniel Motta, quando affirma em tom desdenhoso:

"Quanto ao valor da materia que encerra, pôde-se dizer que é obra leve, a reedição de ligeiros artigos que o autor publicou outr'ora em um jornal de Campinas sob o titulo *Ferros velhos*." (Nunca houve em Campinas jornal subordinado a este titulo).

O negar-lhe, em absoluto, qualquer merecimento extranho ao *folk-lore*, que acredita ninheria, só argue incapacidade de ver.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, cerrando uma carta que nos endereçou em 28 de Outubro, assim se exprimiu:

## §

Por abuso do proprio desconhecimento do grego, não só quanto á lingua, mas ainda quanto á literatura, esse professor negou, a pés juntos e de beijo sobre dedos cruzados, a existencia do adjectivo *φιλία*, amiga (2), com registo dos lexicographos Schneider-Donnegan, Liddell e Scott, Alexander, Chassang, e Bailly, afim de achincalhar-nos a interpretação do verso 8.º da ode XLIII de Anacreonte, aliás decorrente de emenda ao texto impresso de Estienne pelos philologos Lefèvre, Hermann, Brunck e Boissonade.

Não deixaremos de summariar o caso, devéras interessante, delle abstraída a tardonha figura do egolatra mettediço.

O apographo que serviu a Estienne, para a edição *princeps* da anacreontea, na qual se conservou *φιλία*, tinha a cõta marginal *φίλος*. E, no intuito de obviar duvidas possiveis, dada a parallela existencia do substantivo *φιλία*, amizade, Hermann, Brunck e Boissonade optaram pela segunda fórma, já havendo preferido Lefèvre uma terceira, equivalente, *φίλος*.

D'ahi, do voto de grandes autoridades, as versões concordes:

“Tu es la bonne amie des laboureurs”.

M.<sup>me</sup> Dacier.

“Nas AÉRIDES, de que teve a bondade de oferecer-me um exemplar, vejo quanto V. Ex. ... e como lê e medita, e que se occupa com equal interesse dos generos populares e artisticos. Por isso, espero que olhará tambem para as NOTAS VICENTINAS, que lhe envio.” (declina parte de um régio presente de produções diversas da penna de S. Ex.).

E Ruy Barbosa, cujo voto é decisivo em assumptos que constituem metade do livro, a mais depreciada pelo energumeno, escreveu-nos em 1.º do corrente, dias após a entrega do exemplar destinado a S. Ex.:

“Embora a minha convalescença, ainda atrasada, me não haja permitido até agora exgottar a leitura do volume, basta o que delle com prazer já tenho percorrido, para não ter receio de ser precipitado, apresando-me em felicitar o seu autor, e agradecendo-lhe o conhecimento que me deu, tão amavelmente, dessa sua collecção de trabalhos de paciente critica literaria, exuberantes de curiosa e instructiva erudição.”

(2) Fem. de *φίλος*, que, em emprego poetico, assume ás vezes esse genero, particularidade commum a *φίλος*.



"Tu es l'amie des laboureurs".

Alexandre Machard.

"Del buon colono  
Fida amica ognor tu sei".

Paolo Costa.

"Tu del colono amica".

D. José del Castillo y Ayensa.

"Tu del colono amica"

D. Federico Baráibar.

"Del ser laborioso amigo". (3)

D. Angel Lasso de La Vega.

Ha mais, porém.

Gente investigadora da antiguidade, estudiosa das crenças e tradições respectivas, gente de cothurno exegetico, empenhada em semelhantes deslindes, acreditou não simples amiga, mas *multissimo amiga dos lavradores a cigarra*, no conceito dos gregos remotos.

Σὺ δὲ φίλατος γεωργῶν

seria o verso questionado, — achando-se provavelmente no ms. orig. φίλα por φίλας, consoante Valentino Rose, de reporte a Bast, — verso traduzido em prosa por Emmanuele Rocco:

"Tu poi amicissima degli agricoltori".

Entretanto, o sabio sem livros, suppondo-nos isolado, protestou:

"... o que elle (Anaeronte) quiz significar não é que *a cigarra ama aos lavradores* — coisa sem sentido — mas que *os lavradores amam a cigarra*...".

(3) Equivale a "Eres amigo de los labradores", traducção literal de φίλος γεωργῶν por D. José del Castillo y Ayensa. Em espanhol, ha *cigarron*, masc., explicando-se por este augmentativo de *cigarra*, fem., tal fórma de adjectivação, impossível em nossa lingua, como na franceza e na italiana.

(Esse protestante leviano tem o séstro de chamar *cousa sem sentido* a tudo quanto não entende, ou não sabe explicar, como se verifica, ameúde, em suas pessimas obras didácticas.)

“Eis porque, em vez de “tu do lavrador amiga”, como traduziu o autor (nós) ou de “a amiga és tu do agricola”, conforme a traducção de Castilho, Leconte de Lisle, que sabia grego a fundo, traduziu “Le laboureur t’aime...”

A dous de fundo, viriam bem melhor, considerando φιλία substantivo, exemplos de outros francezes, Longepierre e Desmarais:

“Tu fait des laboureurs les plus chères delices”.

“... sei l’amore  
Del rozzo agricolto.”,

especialmente o ultimo, em metro toscano.

Louvando-se em traducção menos feliz, a do chefe do parnassianismo, — cujas opiniões, no assumpto, nem sempre eram immutaveis, segundo consta do final de nosso artigo *Uma ode anacreontica*, — o erudito a titulo negativo apavonou-se com uma só penna de emprestimo, fincada no pescoço:

“São justamente essas subtilezas volateis que fazem de Anacreonte um dos poetas mais difficeis, como acima ficou dito.”

E no trécho a que acena:

“... elle (nós) se arroja a traduzir Anacreonte, um dos poetas mais difficeis que a Grecia nos legou (\*), e na empresa se sae de um modo desastrado.”

Até o leitor commum, apenas intelligente e sensato, percebe logo, da exposição supra, quem foi na realidade o desastrado...

(\*) O. Müller, contestando o legado, ao pieltear a inauthenticidade do *Anacreonte conhecido*, mostrava-se menos dogmatico...

Refere fr. Amador Arrais:

"Dos grous se lê que, quando vôm de Cilicia e passam pelo monte Tauro, povoado de aguias, tomam pedras nos picos, para que pela voz não sejam sentidos, e assi o passam a seu salvo."

O sr. Othoniel Motta devia imital-os, para forrar-se a vexame, resultante da surriada dos hellenistas e poetas que invocámos.

Nós demos:

*Orgam estival*

*Do (almo) estio nuncia (antiga),*

como traducções, em prosa uma e em verso outra, de *προφήτης*, *θέρεος*, donde não ha deduzir qualquer ignorancia.

Mas traçou o annotador canestro:

"A palavra *προφήτης* foi traduzida por *orgam*: a cigarra é *orgam estival*! Ora, tal palavra, além do corriqueiro sentido que vemos no nosso *propheta*, significa o *precursor*, o *proclamador*, e como prova disto o excellento dicionario de Liddell and Scott (desprezado pelo mesmissimo annotador, quanto a *φιλία*, lembrese entre parenthesis) cita justamente o passo de Anacreonte, em que o termo vem transformado em *orgam*, roufenho e minuscuro, pela traducção do critico. Ainda uma vez venha Leconte de Lisle: "tu leur annoncees l'été". Aquelle *orgam* está, pois, muito desafinado."

Desafinada está, sim, a velleidade jocosa do sr. Othoniel Motta, que lobriga divergencia onde só ha concordancia, pois si chamámos *orgam estival* á cigarra, de quem Leconte de Lisle disse: "tu leur annonces l'été", foi exactamente porque tambem a reputámos *nuncia do estio*...

Somma de tudo: elle é que não é *orgam* de qualquer opinião, boa, ou má; que não chega a ser meio pelo qual se manifeste conceito algum, proprio, ou alheio (apenas joga, inconsciente e descabidamente, com fariseos de leitura).

Um descuido de-revisão, *rico* em vez de *rei*, deu ensejo a novo arrastamento, ocioso, de Leconte de Lisle, em cita demasiada:



*rito forte*: em face do *τίτω* das *Breves annotações*, elle deve ter empinado... de raiva.

Nos limites da méra *grammaticiçê*, não se aveiu com mais prudencia.

Eis a *ultima* do sr. Othoniel Motta, no dominio do grego:

“A’ pagina 209 lemos a expressão *Ἀρχαιότερος Ἰβύκου*, explicada entre parentese: “mais antiquado que Ibyco”.

Ora, comquanto nunca eu tenha visto essa phrase, posso jurar que está errada. *Ἰβύκος* tem como accusativo *Ἰβύκον* (perseguem-no os *espíritos*, ás *parelhas*). O que devia estar alli era o genitivo *Ἰβύκου*, no qual houve deslocação do accento pela regra de que, sendo a ultima longa, o accento não pôde ir além da penultima. A demais, a fórmula genitiva é pedida no caso pelo adjectivo no gráu comparativo, como em latim era querido o ablativo: *major Petro*. Tenho disto certeza absoluta. (8).

Donde concluir-se, sem nenhum desdouro para os meritos roaes do autor, que elle absolutamente não pôde traduzir Anacreonte.”

Poderemos, ao menos, chamar rei dos trapalhões a quem, pretendendo dar o tiro de misericordia na exegése d’*Uma ode anaerontica*, alvejou uma *gralha* da *Natureza denunciante*?

Pobre grammaticão, sem gosto nem graça!

§§

Agora, ao francês.

Da parodia de Jean Goudezki ao celebre soneto de Félix Arvers, transcripta á pag. 223 de *Afames*, destacou o censor *quand même*:

“Toujours assez coté”,

metade de um alexandrino que, sendo de percepção facilima, até a qualquer aprendiz da lingua, não no foi, comtudo, a quem

(8) Fique sciente o typographo que cambiou o *v* final de *Ἰβύκου* por *ρ*: o homem tem certeza absoluta da deslocação do accento, do *major Petro* e das sobras da ensinança fastidiosa. Em grego, como em latim, o sr. Othoniel Motta declina.



julga examinandos della, fazendo parte de bancas em nosso Gymnasio official.

Sem hesitar um minuto, poz-lhe tacha de "expressão sem sentido algum", como era de esperar do sestroso, cuja phrase parasita já assignalámos.

E accedeu em ecoante português da costa:

"Ora, por mais que se queira ser generoso para com o autor (nós), não ha senão concluir que os seus ouvidos não estão afeitos ao phraseado da lingua tantas vezes estropiada nas citações, e que, uma vez despregados os olhos do texto, não lhe resta recurso para perceber uma citação empastelada."

Similhante *aplomb* resolve-se, afinal, num tremendo *fiasco*.

O sr. Othoniel Motta imaginou que *assez* representaria ali empastelamento de *à ses*...

E, neste caso, em lugar de

"Toujours assez coté" (Sempre bastante cotado), devia ler-se:

Toujours à ses coté (Sempre a seus cotado),

o que, sim, importaria em verdadeiro *non-sens*.

A tal despenhadeiro conduziu-o a leitura anterior do hemistichio parodiado:

"Toujours à ses côtés" (Sempre a seus lados).

Ignorando haver *assez* e não distinguindo *coté* de *côté* — phantastico! —, como poderia ser-lhe perceptível o trocadilho do parodista?

No verso de Arvers, este diz seguir constantemente a uma dama, que, entretanto, permanece extranha a sua paixão amorosa:

"Toujours à ses côtés et pourtant solitaire".

E Goudezki, no de arremedo jovial, faz uma paisagem dizer que, embora reputada em todas as exposições, ninguém a leva:

"Toujours assez coté et pourtant solitaire".

O sr. Othoniel Motta, martelado por algum amigo caridoso, talvez acabe convencendo-se de que isso tem sentido e até graça. Mas não lhe será licito retractar-se, pelo menos sem humilhação, dada a soberbia da investida.

Então, ha de arrepender-se de suas *altas cavallarias* na cidade, em que se atirou ás letras; ha de tambem recordar-se saudoso da sitióca do avô, onde viveu môdestamente:

"Só havia ali um refrigerio para mim (elle): era uma afastada figueira branca, cujos ramos, num perimetro de muitos metros, quasi que varriam o solo, offerecendo refugio aos animaes de sella que refugiam á canicula implacavel". ALGUM RISO, MUITO SISO, pag. 14.

O autor do livro, o mais sisudo dos homens, assegura no *Prefacio*, pag. 3, que "se revestiu da coragem necessaria afim de dizer aos pequeninos as verdades primordiaes no dominio da moral, buscando fazel-o através de um vocabulario mais ou menos rico, mas de uma fórma quanto possivel transparente, suave, attrahente e impressiva."

Reconheçamos-lhe, sem favor, o éxito: aquella *verdade primordial*, de sua condigão pastoril, foi dita *em fórma* bem *transparente* e muito *impressiva*...

§§§

Do italiano? Do inglês?

Emmudecendo ante as transcripções de dous sonetos de Stecchetti, nas quaes pullulam versos mancos e vocabulos corrompidos, o sr. Othoniel Motta desentrou a lingua ao enfrentar com o traslado de um soneto de Wordsworth, assignalando-lhe meticulosamente fallencia de monosyllabos e desarranjo de virgulas...

E' que, como propala, uma senhora de Boston, ou de Chicago, em cuja casa foi pensionista, achava-o igual a Shakspeare e Byron...



Si um dia, indo á Península da bota, encontrar albergueira que o equipare a Dante e Petrarca, volverá a preencher aquella lacuna.

As viagens dão-lhe a consciencia da sublimidade em idiomas peregrinos!

§§§§

Passemos ao português, de que se apropriou, com a maior *sans-façon*, o sr. Othoniel Motta, publicando — O MEU IDIOMA (9).

E' curiosa a defesa de sua *propriedade*, por nós invadida barbareamente...

"Na pagina 30: Haja vista áquella cachopa", com uma crase despropositada, visto que *aquella cachopa é sujeito*".

Anatomicamente, cachopa seria talvez *sujeita*; mas sujeito não é, siquer syntacticamente.

Eis como se analysa a oração malsinada:

*Sujeito* — indeterminado (no caso, o leitor).

*Verbo* — haja.

*Objecto* — vista.

Complemento indirecto — áquella cachopa.

Tem a mesma analyse, portanto, que estas, collacionadas pelo prof. Carneiro Ribeiro, SERÇÕES GRAMMATICAES, 2.<sup>a</sup> ed.:-

"Haja vista a Plutarcó e a Xenophonte entre os gregos, e a Valerio Maximo entre os latinos." Filinto Elysis.

"Haja vista ao minuêto de *Bellorma misera*, que vem nas Operas do Judeu". *Idem*.

(9) Outrem, estheticamente equilibrado, não linguista megalomaniaco, egeria *O meigo idioma*, sympathica expressão de Filinto Elysis, para titulo de livro que ambicionasse de algum modo, em nossa litteratura, corresponder ao de Edmondo de Amicis, IDIOMA GENTILE, na italiana.

"*Haja vista às* tão graciosas e admiráveis fabulas de La Fontaine". Antonio de Castilho.

"*Haja vista ao* seguinte passo" (*Idem*).

"*Haja vista ao* Soares de Passos, que enterrou a musa sob os autos forenses e morreu; *haja vista ao* Alexandre Braga, que está mudo, *ao* João de Lemos, *ao* Pereira da Cunha, *ao* Palmeirim... (lá tornava eu...) enfim *a* tantos e tantos, que estão mudos." *Idem*.

"*Haja vista dos* élos que elles representam na cadeia da criação." C. Castello Branco.

E mais estas de Julio Ribeiro, colligidas pelo prof. Carlos de Góes, SYNTAXE DE CONCORDANCIA, 2.<sup>a</sup> ed.:

"Haja vista às acceções diversissimas".

"Haja vista ao seguinte fragmento".

Assim como as seguintes:

"...haja vista do livro..."

Manual de Mello, DE GLOTTICA EM PORTUGAL, pag. 83, n.

"Haja vista ao seguinte passo de Vieira em suas CARTAS."

Carneiro Ribeiro, *Op. cit.*, pag. 303.

Na hypothese de mais de uma cachopa, teriamos que escrever:

*Hajam vista aquellas cachopas,*

segundo a regra a *Candido* de Figueiredo tomada pelo sr. Othoniel Motta, para quem tudo são cachopos, i. é, perigos (19).

Todavia, Ruy Barbosa, por elle pateado alhures, continuará a graphar:

(19) O emmaranhador de *diagrammas* (*diaphragmas*, na gíria dos estudantes trocistas) é calpura em questões de sujeito.

Nas LIÇÕES DE PORTUGUEZ (terceira fornada, 1918), pags. 2, *in fin.*, e 3, *in pr.*, apresenta a sentença: O canario, lindo passaro do Brasil, canta admiravelmente em nossas mattas. E diz:

"Haja vista as minhas CARTAS DE INGLATERRA".

"Haja vista os exemplos disso em Castilho".

E Julio Ribeiro, si resuscitasse, mandal-o-ia definitivamente á tabúa <sup>(11)</sup>.

Resumindo: *aquella cachopa* não lograria honras de sujeito para autoridades como Filinto Elysio, Antonio de Castilho, C. Castello Branco, Manuel de Mello, Julio Ribeiro e Ruy Barbosa, em que pése ao *dono da lingua*...

Este, comquanto já tenha entrado em dous concursos de português, desconhece a bibliographia da materia, até na parte escaassa da contribuição nacional! Peior que isto, exercendo ha annos o magisterio publico, ainda não está apto para falar aos alumnos a respeito de typos syntacticos equivalentes!!!

Nem se diga que somos impiedoso, por exprimir-nos com tal franqueza; pois o sr. Othoniel Motta, embora manhosamente, quiz guiar-nos para a amiga sombra da afastada figueira branca...

Senão vejamos.

Apontou como "anti-classicas" estas construcções nossas:

"... se observarmos bem, veremos que entre as sete palavras do sujeito ha uma indispensavel: é *canario*. Por similhante modo, o predicado tem uma palavra indispensavel: é *canta*. Ainda quando supprimissemos *todas* as outras, ellas por si formariam *sentido*, e constituiriam sentença: *canario canta*. Pelo contrario, si supprirmos qualquer dellas, ainda que conservemos todas as mais, já não existirá sentença, porque não haverá *sentido*".

Val o discipulo, tira da galola da analyse o canario, depois lê: O lindo passaro do Brasil canta em nossas mattas, e conclue que... o mestre *cantou de gallo*.

(11) Na revista *Sésamo*, numero de Setembro ultimo, numa pagina de reminiscencias escolares, conta-nos o sr. Othoniel Motta, retrospectivamente invejoso dos condiscipulos de Captivary:

"O nosso mentor espirital, philologo e estylista consagrado, mostrava-se esperançado com este, satisfeito com aquelle, entusiasmado com aquelloutro. Para commigo, muito carinho, amizade, tudo, *menos uma pequenina amostra de caperança no que respeitava á imprensa, á literatura*."



"Para bem se apreender o espirito de um poeta, é mistér, antes de tudo, comparal-o *consigo* mesmo."

"...cujo coração, á guisa do crystal, ondê os reflexos deslisam e se apagam, olvida tudo que conteve, tudo que passou deante de si",

convindo, entretanto, em representarem ellas simples "peccado venial, porque o canón já era violado algumas vezes em latim";

mas ajuntou:

"Se bem que foi descendo essa ladeira que alguém escreveu: "Tenho muito dó de si", o que provocou a Camillo aquella archi-monumental sarabada."

Ora, Camillo chamou "adulta e descompassada besta" a Marianno Pina, porque usara familiarmente do pronome da 3.<sup>a</sup> pessoa pelo da 2.<sup>a</sup>, — uso vernaculo e até classico, conforme demonstrou Leite de Vasconcellos, nos opusculos "As "LIÇÕES DE LINGUAGEM" DO SR. CANDIDO DE FIGUEIREDO, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 13, e O GRALHO DEPENNADO, 3.<sup>a</sup> ed., pag. 16, mediante os exemplos de Alexandre Herculano e D. Francisco Manuel de Mello:

"A carta que me dirige tem um sabor acre... queime-a... Não é por mim: é por si."

---

"Não desanimei. Fui arremessado para o sertão bravo," etc.

"Lá, nesse afastamento, ouvindo o piar saudoso dos macucos em redor dos pousos, no silencio angusto das selvas inspiradoras, gastei horas e horas no convívio dos classicos. Li-os, reil-os, abeberei-me delles com sofreguidão, como que a lhes supplicar que me instillassem n'alma alguma coisa com que a Providencia os dotára, corrigindo assim as deficiencias da minha organização mental.

Não me arrependo desse esforço."

Ilusão, para ilusão a de similhante vangloria! A cabeça não lhe estalou, como no padre Antonio Vieira. E, por isso, anda a confundir lições de classicos com plos de macucos. Julio Ribeiro tinha razão na desesperança.

"...quando V. M. (vossa mercê) nos der aquella occasião de alegria que desfaça em *si* e em *nós* os pesares presentes, como *seus* servidores e amigos de V. M. desejamos..."

Camillo, que, em represalia tambem, chamara *burro* a Alexandre da Conceição, o qual havia empregado similhantemente *si* e *comsigo*, ainda lhe chamou *besta*, por ter escripto, em vez de *velho Victor Hugo*, a phrase mais elegante "velho do Victor Hugo", abonavel com centenas de exemplos de um purista... o proprio Camillo.

Tudo isso se resolve em *boutades* de polemica, as quaes não podem ser dignamente invocadas, a proposito e muito menos sem proposito, por quem se presume de sensato legislador grammatical.

Outra corrigenda do sr. Othoniel Motta, que lhe confirma a formidavel ignorancia e a absoluta falta de intelligencia, merece frisada:

"Escreve:... *cumprida*, por *comprida* (pag. 207)..."

No citado logar de AÉRIDES, derivámos dous versos de Petrarca e Tasso, respectivamente:

"Femina è cosa mobile per natura"

e

"Femina, cosa mobile per natura",

dos de Vergilio:

"... *varium et mutabile semper*  
*Femina.....*",

ajuntando: "em prosa directa e cumprida: *mulier (res est) semper varia et mutabilis*".

Ora, é evidente que *cumprida* está ali por *cheia, plena, completa*, em razão do interparenthetico restabelecimento da ellipse



*res est*, a que respondem nos metros italianos "è cosa" e "cosa".

Nada mais simples, nada mais claro.

E, sem embargo de tanta simpleza e claridade tanta, o sr. Othoniel Motta suppoz que quizeramos dizer: prosa... *cumprida, i. é., extensa, distendida, longa!*

Depois disto, o jornalista e literato da *Sésamo* devia pedir á terra que se abrisse, consentindo-lhe afundar immensuravelmente...

Um de seus *fracos* é ser forte em poesia.

Apreciemol-o a este novo aspecto, que não exclue ainda o linguistico.

Fala de nossa traducção do *Récif de corail*:

"... o segundo quarteto deixa a desejar.

Eil-o:

"E tudô quanto o sal, ou quanto o iodo córa,  
Musgo, anémoma, ouriço, algas filimentaes,  
Cobre, a púrpura escura, em linhas triumphaes,  
O alvi-rendado chão que o polypo elabora."

E' tão obscuro (o pensamento do trêcho) que só póde ser apprehendido com facilidade mediante o original francez. E tudo vem daquella expressão "a purpura", de colorido francez, em vez de *com purpura* ou *de purpura*, que é a nossa phrase genuina."

O leitor imagina encontrar no original *à pourpre*, mas o que lá encontra é:

"Couvre de *pourpre* sombre", etc.

E' visivelmente illogico, quanto ao "colorido francez", o commentario.

Fica-se sabendo apenas que trevas apertam no cerebro do commentador, quando este vê, por exemplo, um artefacto de seda *bordado a retroz*, ou *recamado a ouro*, e que ali só se faz luz inteira, quando elle vê, tambem por exemplo, o mesmo artefacto de seda *bordado com retroz*, ou *recamado de ouro*...



São exigencias, não menos ridiculas que a seguinte:

"Na pag. 213 fala nos "habitantes da Bethanis", determinando com o artigo uma simples aldeola, na supposição, talvez, de que se trata de uma provincia, ou região."

Saibam quantos moram na capital, ou nesta cidade que, para não incidir na condemnação do geographo improvisado <sup>(12)</sup> devem dizer *habitantes de Penha*, ou *habitantes de Arraial dos Sousas*; pois, si disserem *habitantes da Penha*, ou *habitantes do Arraial dos Sousas*, é porque talvez supponham esses logarejos Estados, ou regiões. . .

*Risum teneatis?*

Mas, ia-nos esquecendo a poesia sem obscuridade, a poesia *pão-pão*, *queijo-queijo*, a poesia ao sabor do sr. Othoniel Motta, cuja musa sacra desovou outr'ora num livrêco digno de eternas luminarias.

Desta feita, limitar-nos-emos a respigar passagens de sua musa profana, chôco recente, no ALGUM RISO, MUTTO ISTO (original) e no VALOR (tradução).

Olhos e ouvidos abertos para o embasbacamento.

Início de um soneto descriptivo:

"Encontrei-o sentado na sargeta,  
 Todo em frangalhos, misero mendigo,  
 De olhos castanhos e barba preta".

Que estaria a fazer o descripto, ali, *parado?*

Apenas inquerido pelo verzejador, deu á torneira sentimental:

"Senhor — gemeu — sympathisae commigo!  
 Orphão de pae e mãe, como um cometa  
 Vago assim pela terra, sem amigo."

(12) A proposito e de raspão: Nas LIÇÕES DE PORTUGUEZ, pag. 206, "Cresso era rei da *Lybia* (*sic*), e nos LUSIADAS, ed. commentada pelo prof. Othoniel Motta, pag 209, o rio Seleph é o "ant. Cydnus, na *Cicilia*" (*sic*).

Talvez pareça aos *cometas* terrestres duvidosa a imagem comparativa, e aos outros que os versos não têm positivamente harmonia comparável á das esferas...

Pareceres suspeitos, ao cabo.

Avante:

“Com o meu coração premido  
 Por amarga tristeza, cedo vi-me.  
 Mas disse um dia: o tempo tem corrido  
 E este fardo me opprime.”

“No banquete mais franco e amigavel,  
 Eu irriquieta, pensativa e lassa,  
 Sentia que me faltava certa graça  
 Que me era inolvidavel.”

“E quando percebi o alto valor  
 Do thesouro...”

Não prosigamos, nem commentemos; bastam essas bellezas flagrantes, para dar uma idéa *crystallina* do insigne traductor de Adelaide Procter.

Leitores: *Onorate l'altissimo poeta*, que lá ficou á porta do “thesouro” com o seu “alto valor”!

§§§§§

O sr. Othoniel Motta, em cujas obras ha saltos de palavras, falhas, ou trocas de letras, que já lhe causaram dissabores (haja vista a uma *escuma* por *ascuma*...) não hesita em attribuir-nos, como erros grosseiros, consimiles negligencias de impressão nas *AÉRIDES*.

Uma das *Anotações*, no genero, reza assim:

“No verso de Juvenal: *Quum Gaetula ducem portaret bellua luscum!* o verbo *portaret* apparece-nos transformado em *porterat* (p. 4.)”.



E as *Anotações* trazem, como epigraphe, os versos do mesmo poeta:

"... Miserum est aliorum incumbere famaе,  
Ne collapsa ruant subductis tecta columnis."

mas duplamente estropiados:

"miserum est aliorum incumbere famaе,  
Ne collapsa ruant subductis tecta columnis."

Bem certa é a velha maxima de que *o castigo anda a cavallo...*

Em casos no molde do *que* por *qui*, no molde do *traslator* por *translator*, *através a* por *através da e* outros menos accentuados, torna-se-lhe flagrante a má fé.

Vendo á pag. 135:

"*Qui* nous a vu? — est-ce la nuit?"

"*Qui* nous a vu? — est-ce l'aurore?"

"Et *qui* nous enviait là-haut"

"*Qui* la chantait devant sa femme"

"*Que* nous a vu, dis-moi? personne",

foi buscar á pag. 240, para fazer companhia a este *que*, por *qui*, mais dous.

Quando ha acerto, credita-o ao typographo; mas, quando ha desacerto, debita-o a nós!

A's vezes, porém, serve-lhe isso de pretexto para fingir de etymologista, a custa alheia.

Assim é que, excluindo a hypothese de simplificação formal em *estrela*, papagueia ter vindo *estrella* do lat. *stella*, intercalado ao étymo um *r* por influencia analogica de *astro*. Era-nos licito, porém, sustentar, com apoio de Michel Bréal, outra derivação: *sterula*, *sterla*, *estrela* (estrela).

E porque elle grapha *litératura*, por *litteratura*, procedendo o vocabulo de *littera*, a despeito de affirmação insciente de Candido de Figueiredo, já liquidada por Leite de Vasconcellos?

E ainda o tradicional *estylo*, por *estilo*?

Mas não vale a pena esmiuçar parlapatices quejandas <sup>(13)</sup>.

Neste capítulo, da lingua de Camões e do sr. Othoniel Motta, resta uma sancadilha: a de que empregamos archaismos (*a la par, alfin, antanho, etc.*) e neologismos (*filamentaes, ghirlan-da, orgiastico, etc.*), sem venia do segundo, por "prurido do preciosismo".

Que nos perdõe a irreverencia e o ousio quem, com indubitavel oportunidade e gaiatada inexcédível, assim se confessou, numas cogitabundas e prolixas *Questões philologicas* (*Ensaio de syntaxe historica. — A evolução do gerundio*):

"E' aqui que bate o ponto. Para Julio Moreira e Leite de Vasconcellos essas funcções não podem ser exercidas em portu-guez pelo gerundio.

Mas porque? Andam ahi, como dizia D. Duarte, "razões non catylicadamente dictas".

(O leitor não sabe o que é *catylicadamente*? Não se incomode, porque eu tambem não sei. E ninguem sabe. Usei o termo porque em nosso meio não ha nada que faça um auctor crescer tanto no conceito publico, como empregar elle palavras de que não entende nemigalha e de que o povo nada pesca."

*Nemigalha?* Pois, não!

Nós somos *preciosos*; o que seja fr. Gerundio, caroavel de facecias entremeiadas a assumptos sérios, a outros deixamos dizer.

§§§§§

A' pag. 204 de *Afúbes* lê-se:

"Tomou-lhe a mão o luso seiscentista Jeronymo Côte Real,"  
*etc.*

(13) Deblatera em presença dos mais evidentes e insignificantes erros typographicos: *fratroelda*, *Indecível*, *infringidos* (destes estão in-cadas as obras de Garrett e Camillo), *Roumania* (quer, como Gonçáives *Vlana, Roménia*, em vez do corrente *Romania*), *destribuidos*, *veperino*, *etc., etc.*

E acode o annotador:

"E' grave essa affirmação na penna de uma pessoa que já fez concurso para a cadeira de literatura do Gymnasio local. Sim, é grave chamar de *seiscentista* um lidimo *quinhentista*, contemporaneo de Camões, e que nasceu, viveu e morreu dentro do seculo XVI. Ver Mendes dos Remedios, HIST. DA LIT., p. 115. (14)

E' que *quandoque bonus...*"

Não se trata de lapso de penna, como insinúa, pela cortada expressão horaciana, o autor da nota, no fim desta, quiçá meio arrependido da severidade com que a começara (o vacillar denuncia logo a quem o terreno foge sob os pés).

Dispensamos qualquer benevolencia, por parte do sr. Othoniel Motta, cujo *espírito livresco* ali se trai, mediante a citação de um compendio escolar. Para não se submeter a méro criterio chronologico, que é no passo o unico do mestre illustre, carece de *autonomia intellectual*.

Como bem escreveu Camillo Castello Branco, "Os diversos historiadores demarcam a seu arbitrio os periodos em que *as letras se manifestaram com diversa feição, quer progressiva, quer decadente*". E a quinta época da literatura portugueza, a da decadencia da respectiva poesia, vai de 1580 a 1700, segundo classificação do mesmo.

Ora, nesse periodo compoz-se e estampou-se o NAUFRAGIO DE SEPULVEDA (1.<sup>a</sup> ed. 1594), a mais significativa obra de Jeronymo Côrte Real, poema que o colloca á vanguarda dos *seiscentistas*, literariamente falando. Assim, não importam, para a critica de alguma agudeza, as datas extremas da vida do homem (1523-90).

(14) Essa questinucula não impediu ao dr. Mendes dos Remedios, reitor da Universidade de Coimbra, de escrever-nos em 17 de Outubro: "Cumprimento a V. Ex. e, muito reconhecido, agradeço a offerta de AÉRIDES, cuja leitura tem sido para mim um verdadeiro deleite espirital."



Nelle, o poeta é um iniciador do *seiscentismo*, porque sua obra capital abriu a série das *epopéas menores*, caracterizadas pelo intuito de supplantar os *LUSIADAS*. "Contemporaneo de Camões", ao aspecto physico, deixou de sel-o, ao espirital, tornando-se batedor dos autores do CONDESTABRE (1610), do AFFONSO AFRICANO (1611), da MALÁCA CONQUISTADA (1634), da ULYSSÉA (1636), da ULYSSIPO (1640) e do VIRIATO TRAGICO (1699, 41 annos após a morte do poeta). A esta luz, Francisco Rodrigues Lobo, Vasco Mousinho de Quevedo, Francisco de Sá de Menezes, Gabriel Pereira de Castro, Antonio de Sousa Macedo e Braz Garcia de Mascarenhas, quasi todos vindos ao mundo em meados e fins do seculo XVI, não passam de epigonos de Jeronymo Côrte Real (15).

As *epopéas menores*, votadas ao desenvolvimento de episódios, ou referencias da *maior*, nasceram da incompreensão da valia historica desta, que consagra o valor dos heróes portuguezes em

(15) Nelle tambem se inspiraram, sem embargo das datas de publicação da ELEGIADA (1588) e do PRIMEIRO CERCO DE DIU (1589), Luiz Pereira Brandão e Francisco de Andrade, ambos de seu bando e ligados entre si, como attestam documentos literarios do tempo.

Do estilo do segundo, a quem já algures chamámos *seiscentista*, dão idéa extractos da proposição e da dedicatória do poema:

*"Qu'engenhos sobrehumanos bem merece  
O sobrehumano seu merecimento  
Porém, se o meu intento não fallece  
O que nunca faltou a um bom intento.*

Heroicos varões, eu direi tanto  
De vós, que ao mundo seja inveja e espanto." C. I, est. III.

"Filippe invicto, a quem a Providencia  
E o Divino Poder hoje sujeitos  
Os Lusitanos fez .....", Id. est. IV.

*"Verás que em vender peitos não rendidos  
Tu muito, e tambem muito elles ganhãõ:  
Elles, pois coube em ti senhoreal-os,  
Tu, por seres senhor de taes vassallos." Id. est. VI.*



conjuncto, numa extraordinária synthese politico-social. E quem deu o *alamiré* aos poetas da *decadencia* foi, repetimol-o, Jeronymo Côrte Real, fazendo de um idyllo tragico-maritimo, objecto de tres estancias apenas dos LUSIADAS, assumpto dos dezeseite longos cantos do NAUFRAGIO DE SEPULVEDA.

O sr. Othoniel Motta, o ultimo dos commentadores dos LUSIADAS, incapaz de tocar-lhes mais que exterioridades rediscutidas, não tendo sequer penetrado o sentido do NAUFRAGIO DE SEPULVEDA, éla Camões e Côrte Real na mesma cadêa do *quinhentismo* literario.

Si tivesse *individualidade*, agiria talvez de modo opposto, separando-os convenientemente, sem a preoccupação de que o segundo "naseu, viveu e morreu no seculo XVI", como o primeiro.

Apontando ao que de melhor, ou de menos ruim, poz Jeronymo Côrte Real em o NAUFRAGIO DE SEPULVEDA, escreveu Camillo Castello Branco:

"A descripção das cavalhadas é o episodio que mais realça no poema. Não temos outro seiscentista que inquadrasse mais lustrosamente essa especie de festejo."

Outro SEISCENTISTA... Viram bem?

Agora, passe o sr. Othoniel Motta attestado de inepto ao grande vulto da literatura portuguesa.

Elle, coévo de Ruy Barbôsa, acredita, só por isto, que as BREVES ANOTAÇÕES equivalem á REPLICHA, devendo a critica do futuro reunil-os, numa classificação... impossivel.

Tem destas o aferidos do Jeronymo Côrte Real "lidimo quinhentista". (16)

(16) Havia de excitar-lhe a admiração, quando menos pelos ócos, a versejadura de Jeronymo Côrte Real:

"..... Isabel Madcira,

Do mestre João mulher fermosa e moça,  
Que sempre trabalhou, andando prenhe,  
Acarretando pedras e pesos grandes."

SEGUNDO CERCO DE DIU (1574), c. IX, V.º 600-3.



A' pag. 222 de AÉRIDES, em rápida nota, dissemos que o vetusto proverbio *respingar contra o agulhão é o advorsum stimulum calces* de Terencio, PHORMIO, v. 78 (17).

E acrescentámos:

"Tambem figura nos *Actos*, 9:5, Conversão de S. Paulo. O poeta e o apóstolo ter-se-iam abeberado na corrente grega." (18)

Visível estava nosso fito principal: acenar a primitivas fontes literarias.

Mas o sr. Othoniel Motta suspeitou que pretenderamos aposar-nos da seara biblica, privando-o das melhores espigas...

E saltou protestando:

"Os *Actos* foram escriptos por S. Lucas, que não era apóstolo, e a phrase é posta na bocca de Jesus Christo. O apóstolo Paulo, pois, entra ali como Pilatos no Credo."

Rectifiquemos-lhe a corrigenda capeiosa.

Sob a fôrma "dura cousa é para ti recaleitrar contra o agulhão", a phrase discutida ocorre primeiro nos labios do apóstolo Paulo, embora attribuindo-a a Jesus Christo, *Actos*, 26: 12-15, onde, na defesa perante Agrippa, conta aquelle a historia de sua conversão, com pormenores que faltam em outras narrativas.

E não altera essencialmente quanto lançámos, a despeito do

---

"Morreu mestre João, varão prudente,  
De ousado coração, de vivo sprito,  
E muito experimentado em cururgia" *Id.*, c. XI, V.º 428-30.

São "fulgurações épicas do rival de Camões", na phrase ironica de Camillo ou do "lildimo quinheentista", consoante ao sr. Othoniel Motta, sem ironia alguma...

(17) Uma variante, *stimulus pugnis caedis*, offerece-nos outro comico latino, Plauto, TRUCULENTO, v.º 717.

(18) Alludiamos a Pindaro, *Pythia*, II, v.º 173: *πὸς κέντρον...* *λακτιζόμεν*; e Euripides, BACCHANTES, v.º 791: *πρὸς κέντρον λακτιζοίμ*



equivoco de cita, o haver S. Lucas escripto os *Actos*, porque, no caso, teve ao apóstolo Paulo como fonte immediata.

Mas, o sr. Othoniel Motta saberá muito da BIBLIA, para arrogar-se fóros de corrector?

Não parece, a attentarmos nestes pedacinhos, referentes ao teixugo, em *ALGUM RISO, MUITO RISO*, pgs. 21 e 22:

“Não é animal de nossa floresta; habita a America do Norte.”

“Sua pelle impermeavel presta-se admiravelmente ao fabrico de malas. A BIBLIA nos conta mesmo que na construcção do templo muito uso se fez dessa pelle.”

Não sabemos que relação possam ter as malas com a BIBLIA... nem si o autor do amphiguri voltou da America do Norte com mala de teixugo...

Mas sabemos que commetteu um anachronismo quem, inculcando o *meles taxus* como privativo da America do Norte o apresentou, ao mesmo tempo, como fornecedor de pelles para revestimento do tabernaculo.

Aliás, existindo o teixugo tambem na Syria e na Palestina, comquanto em numero moderado, si se prestasse sua pelle para cobertura de tendas, que se não presta, poderíamos admittir a hypothese... sapecando a BIBLIA.

Transerevamos o que se lê em *Exodo*, 19:36, segundo a SEPTUAGESIMA e a VULGATA:

*déppara iacínthiva*

e

“... velamentum de pellibus ianthinis”.

Equipolendo a pelles jacinthinias, encontra-se em Pereira de Figueiredo:

“... coberta de pelles roxas”.

Só em Ferreira de Almeida é que se vê:

“... coberta de pelles de teixugos”.

O sr. Othoniel Motta, que se atrasa em ambicionadas descobertas linguisticas, que não acompanha de perto o movimento intellectual do país, ignorava termos já incluído aquella passagem numa conferencia, *Poesia popular no Brasil*, inserta na *Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes*, edição de 31 de Dezembro de 1909 — cerca de 8 annos antes de seus commentarios aos LUSIADAS...

Mas, como a probidade é uma de nossas poucas virtudes e a que mais zelamos, cumpre-nos trasladar para aqui algumas linhas edificantes.

Na *Revista do Centro*, que podia passar-lhe despercebida, acrescentámos ao ponto:

“Toda esta elucidação do *Papagaio real para Portugal* é a synthese de uma pagina inédita de João Ribeiro, o philologo eminente.”

E em AÉRIDES, que S. s. leu, releu e até tresleu, ao *texto* citado appensámos a *nota*:

“O período todo é um descorado resumo de quanto escreveu João Ribeiro nas FRAZES FEITAS, 2.ª série, pags. 93-5, patenteadando as successivas transformações de *arrayal por em arreal por, real por e real para*, lição etymologica que se oppõe triumphante á de Adolpho Coelho, Dicc., art. *real*.”

A obra de João Ribeiro, impressa no correr de 1909, veiu a lume em principio de 1910, precedendo de 7 annos a do sr. Othoniel Motta.

Expoliador de Epiphânio Dias, Luciano Pereira e outros, — do que já foi justamente argüido, — o sr. Othoniel Motta fingiu não ter visto a *nota*, para, mais tarde, aproveitar-se do trabalho do mestre collendo, sem declaração, ao contrario do que fizemos.

Entretanto, o mesmissimo sr. Othoniel Motta, cuja experteza assim reduzimos a nada, desceu a uma pérfida insinuação contra nós.



Dissemos em AÉRIDES, numa nota a phrase traduzida de Columella, *peras decumanas*:

“Provavelmente as mencionadas nos LUSIADAS, c. IX, est. 59, 2.<sup>a</sup> parte:

“E vós se na vossa arvore fecunda,  
Peras pyramidaes, viver quizerdes,  
Entregai-vos ao damno que co'os bicos  
Em vós fazem os passaros inicos.”

ainda não interpretada a rigor, que nos conste, pelos commentadores de Camões, desde Faria e Sousa, que caranguejou a respeito.

As peras pyramidaes, devido ao muito peso, vem a terra antes da plena maturação, si lh'a não apressam, pelo dessoramento, as bicadas dos passaros; soffrido este processo, em razão do qual o povo lhes chama *peras sangradas*, ficam na arvore, tornando-se saborosas, ao que ouvimos de pomareiros ultramarinos.

A sabios de etiqueta não agradará talvez a explicação, por demasiado simples, como sóe ser a verdade.”

Para não ficar entre os sabios de etiqueta, nosso detractor saiu-se com esta, á segunda cousa que lhe pareceu merecedora de encomios:

“Como se vê, se o facto é real — o que vou submeter á prova de entendidos em pomicultura — a explicação é cabal. Com vivo prazer a incluirei na 2.<sup>a</sup> edição do meu LUSIADAS (*sic*) com louvores ao autor de AÉRIDES, se a descoberta tambem já não tivesse sido feita antes pelo illustre poeta sr. Alberto de Oliveira, que m'a revelou em Junho de 1917, na casa Garnier, dizendo-me haver consultado tambem o seu pomicultor ultramarino.”

Ø novo Camões ou segundo autor de LUSIADAS, a despeito das referencias pelos dous Albertos a *pomareiros ultramarinos*, ain-

da vai ouvir "entendidos em pomicultura", naturalmente por não confiar na palavra de ambos (agradeça-lhe a cortezia o do Rio).

. Todavia, enquanto não tenta a consulta, procura desavir velhos e bons amigos, mediante a historia da prioridade na descoberta....

Para confundil-o, tornamos publico, rastreando-lhe a linguagem meio tabelliôa, que:

Aos 24 de Fevereiro de 1917, na Avenida Piabanha n. 148, em Petropolis, perante Afranio Peixoto, em cuja companhia não fermentam invejas, Alberto de Oliveira dava-se parabens por coincidir sua interpretação, do logar das peras pyramidaes e dos passaros iniecos, com a de Alberto Faria em AÉRIDES (autographos em mãos do editor desde Agosto de 1916).

Alguma vez, amargo pomo de discordia, indiscretamente bicado, adquire singular doçura...



Nosso inimigo, o sr. Othoniel Motta, que não é critico de officio, devia abster-se de tratar de AÉRIDES; mas, quanto possível *comouflé*, logrou embair a redacção da *Revista*, com secreto intento demolidor.

Para a cauda de seu artigo, cascadeavel de ineptias em bulha de intrigas, relegou elle a exploração de sentimentos odiosos, pensando crear-nos ambientes insoffríveis, neste e no outro mundo...

Vejamos como busca arregimentar, contra nós, vivos e mortos, a titulo de que — *não pôde deixar sem reparo o tom de menoscabo com que o autor se refere ás pessoas de quem discorda (sic)*.

"Na pagina 126, tratando de um literato mineiro, Lopes Neto, que entrou no rôl dos que tentaram traduzir o celebre pingo no verbo *aimer*, da poesia de Rostand, diz que elle "calinescamente interparenthetico, saiu", etc.



Querendo traduzir o alexandrino do *Beijo de Roxana*:

“Un point rose qu'on met sur l'i du verbe aimer”,

Lopes Neves saiu-se com a formula interpretativa:

“Roseo ponto sobre o i de *aimer* (amar) um méro Segredo, etc.

Que havíamos de dizer *disto* senão *aquillo*, nós que não traduzimos Heredia com a diaphaneidade com que o sr. Othoniel Motta traduz Adelaide Procter?

“E por descobrir umas linhas em que Anatole Francee muito se aproxima do referido soneto de Heredia, *Récif de corail*, não trepida em assegurar que o poeta commetteu um lindo plagio”.

O sr. Othoniel Motta é que não trepida em inverter quanto os outros escrevem. Não attribuimos o “lindo plagio” ao autor de *LES TROPHÉES*, mas sim ao de *BALTHAZAR* (o trecho é em prosa, cousa que o mesmo confunde com poesia...).

Si chamassemos *feito* ao plagio que Gustavo Michaud não archivou, tendo dedicado centenas de paginas ás apropriações literarias de Anatole Francee, é que talvez se zangasse comnosco quem fez com tanto espirito a *Apologie pour le plagiat*...

“Mimosea A. F. de Sant'Anna Nery com isto: “De improbidades semelhantes está cheio o livro do tapuia afrancesado.”

O amazonense traduzira para franceés, palavra a palavra, fragmentos de obras de Baena e de Alexandre Ferreira, sem declaração da autoria original, o que constitue, isto sim, feios plagios.

Decididamente, o sr. Othoniel Motta de questões de literatura

“não entende nemigalha”, para servirmo-nos de phrase sua.



“Referindo-se a Martius — note-se bem: a Martius! — exprime-se deste modo: “O que ha notavel de erroneo, no primeiro logar é ter dado elle ao guanumby — *ganambuch*, em sua lingua de trapos, — etc. (p. 192)”.

Devia ter concluido a transcripção: “o nome de coracina ornata, confundindo um beija-flor com uma gralha...” Pois era o que importava, como critica ao ensinamento rejeitavel.

Quanto ao portuguez, não admira que o illustre naturalista bavaro tivesse *lingua de trapos*, provindo isto em parte de ter ouvido de *espingarda*, segundo Alberto Löfgren.

Agora, é desenterrar este botanico suéco, afim de punil-o pelo *insulto* á memoria do outro...

“Com respeito a Gonçalves Vianna, gloria innegavel da philologia portugueza, usa da expressão “arroto de erudição”.

Ha ahí uma falsificaçãosinha, tola e innocente.

Eis o trecho allusivo:

“... *quitute*, com o sentido lato de manjar appetitoso e, conseqüentemente, occasionador de indigestões a gulosos (aqui, de certo modo, cabia tambem o *fressen*, em arrote erudito...)”.

Assim, com riso fugitivo, visaramos apenas uma descabida mostra de erudição, do notavel lusitano:

“... *papão*, o qual, sem a minima dúvida provem de papar, “comer com sofreguidão” (allemao *fressen*)”.

O sr. Othoniel Motta, porém, acha que *arroto erudito* é suprema offensa...

Não vão agora os srs. typographos comprometter-nos, cambiando, nalgum logar, *Breves annotações* por... *Breves arrotações!*

“Na pagina 17, discordando de Emilio de Menezes, chama-lhe malevolamente *errante*, procurando ferir, na dubiedade da significação contida no adjectivo, o caracter do illustre poeta.”



Entretanto, Emilio de Menezes nem suspeitou a *intenção*... que nos empresta o adversario lealissimo...

Já depois de publicado no *Jornal do Commercio*, do Rio, o artigo *Traduttore, traditore*, Emilio de Menezes communicou-nos, por intermedio de Venicio da Veiga, conforme documento datado de 25 de Abril de 1915, em nosso poder, acceitâr emendas que soubera propunhamos aos sonetos *Girasól* e *Romã*, os melhores talvez das POESIAS. E, mais tarde ainda, em 25 de Fevereiro de 1917, approximou-se de nós pessoalmente, rendendo nos preito carinhoso, do que é testemunha Filinto de Almeida.

O sr. Othoniel Motta chega até a adulterar textos, com o intuito de tornar-nos repugnante aos olhos da gente assejada.

Patenteemol-o, para sua vergonha, senão arrependimento.

Em nota á pag. 54 das AÉRIDES lê-se:

"Desattendendo ao caso particular destes versos, numa estrophe em que a palavra *ouro* não faz consonancia com outra qualquer, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, amigo de faceis expedientes para resolver questões intrincadas, achatou-se em tres paginas de uma nota geral, cujo remate *patusco* passamos a transcrever:

"Murióse el cigarron, tendió suas ancas,  
Y cargaron con él hormigas blancas:  
Fuerza del consonante, à lo que obligas,  
Que haces que sean blancas las hormigas."

Essa vulgaridade humorística, emprestada pela millionesima vez á Musa castelhana, só depõe contra a subtilidade de espírito do critico."

Nada mais justo e delicado, nada mais limpido e decente.

Pois, bem; vejamos o que elle nos imputa:

"Na pagina 54 diz que Pereira da Silva "achatou-se em tres paginas de uma nota geral, cujo remate *patusco* passamos a trasladar", etc."

De modo que, para mostrar o tom de menoscabo com que o autor (de AÉRMES) se refere ás pessoas de quem discorda o sr. Othoniel Motta, trocando nomes proprios, aliás excusadamente, grypha palavra honesta, afim de attribuir-lhe sentido obsceno, e trunca o que se segue, para maior éxito da fraude.

Patuseco, em acceção normal, é synonymo de alegre, divertido. E foi nessa que delle usamos, qualificando o commentario, fundado este em chiste revelho.

A emphase othonielesca, para o vocabulo exprimir cousa diferente, revela cultura do *folk-lore* escatologico, do qual não curamos, deixando-lhe o campo livre. Mas isso desabona o autor de ALGUM RISO, MUITO SISO, que se apregôa espelho de verdades moraes.

Quanto a invencionices, cumpre-lhe restringil-as aos contos familiares, como aquelle de seu parente caçador, que matou um onção, mettendo-lhe á garganta o caninho da *pica-pau*, *op. cit.*, pags. 31-2, ou aquelle outro de seu heroico irmão de cinco annos, que dominou um garrão a golpes de taquara, *id.*, pags. 84-6 (o mau gosto literario do sr. Othoniel Motta denuncia-se até no facto de incluir o tio dr. José Bento, seu collaborador latino, numa allegoria emplumada, *id.*, pags. 13-4).

Do contrario, o abuso da imaginação enfermiga, com o grave da phantasia indecorosa, tudo redundante em improbidade lesiva do credito alheio, provocará legitimo desforço, que as paginas desta *Revista* não comportam, mas cabe nas de um pamphleto, de analyse integral de sua mercancia didactica.

Campinas, Novembro de 1918.

ALBERTO FARIA.

P. 8.

Sob as Breves annotações, o signatario chama as vistas dos clientes para um trabalho do sr. José Ottilica versando AÉRMES, por entre o seu e o delle haver pontos de contacto, diz. Com effeito, o critico do *Correio da Manhã* dá-se egualmente á inoffensiva caça de erros typographicos da maior evidencia (Aérgues, camoneano, Sabio e douto significam tambem poeta, em vez de algures, camonianos, Sabio e douto significam tambem poeta, etc.). Mas está longe de approvar certos processos do collega, de Campinas. Tanto assim, que lhe unhou a pagina d'O arzu moxa em que se profilga a doutrina acceita dos graus de adjectivos, especialmente "porque ahí se insinua, a alumnos, uma perfidia pouco respeitosa contra um professor apresentado como rotineiro e autoritario, tudo em chocarrice de gosto duvidoso." *Jornal nomeado*, n.º de 20-8-917.

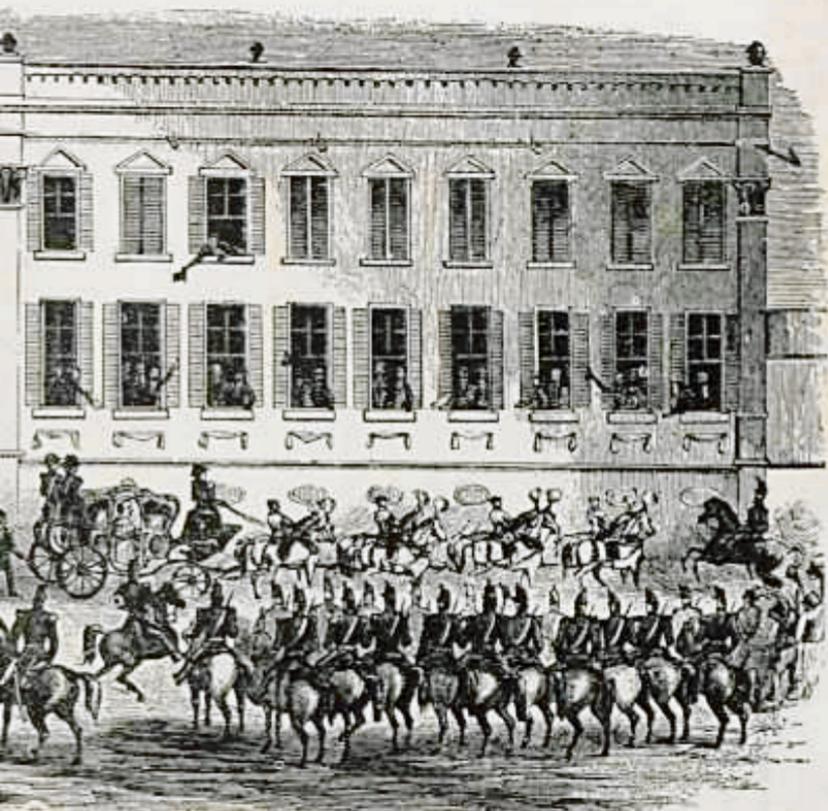
Quem com Ottilica quer ferir, com Ottilica é ferido...

A. F.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16

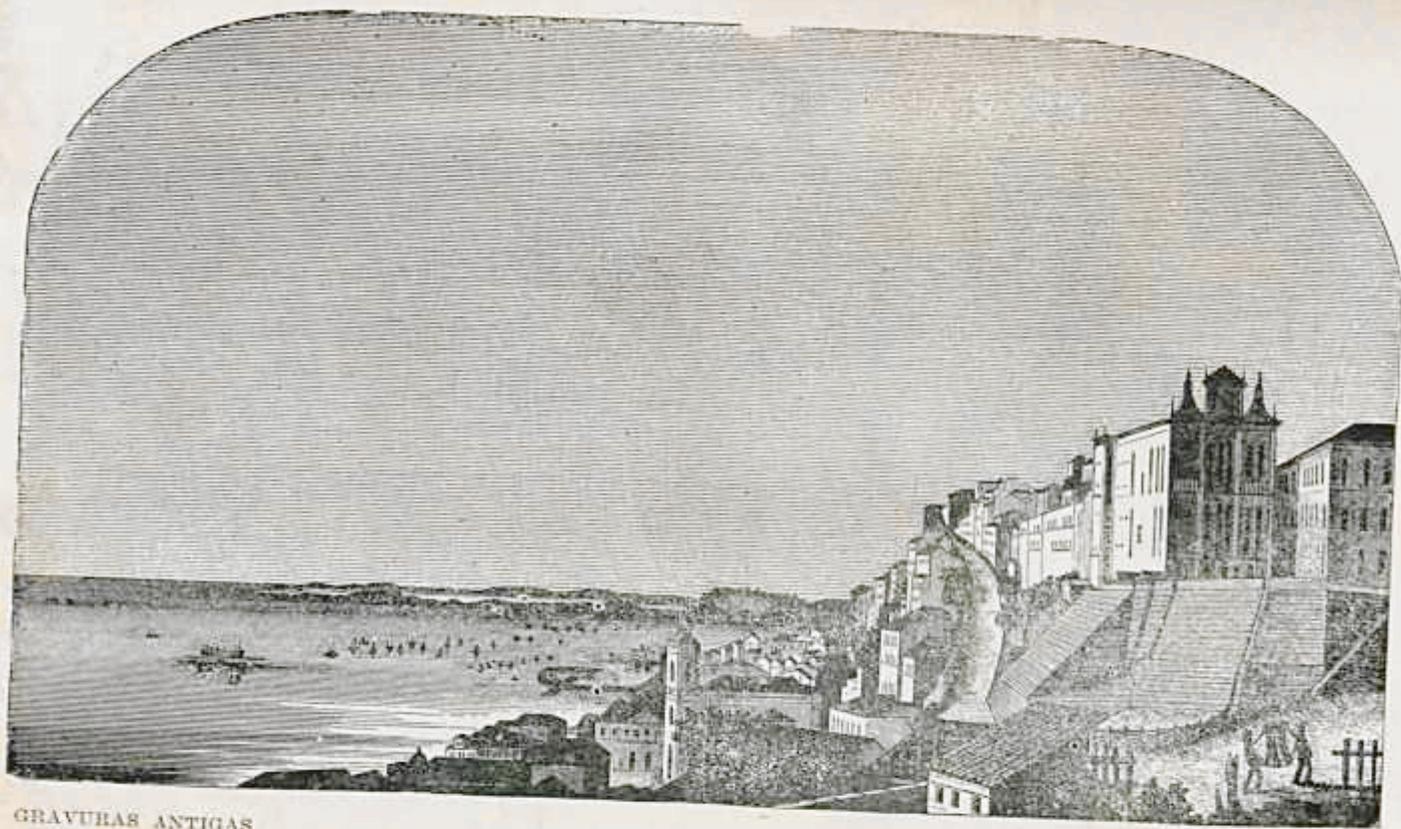


GRAVURAS ANTIGAS



Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher

O Senado



GRAVURAS ANTIGAS

Vista da Bahia.

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher



---

## A TRANÇA

---

Quando um escravo veio avisal-a que a Sinhásinha estava acamada, parecendo ser as bexigas, a preta Rosa estremeceu de pena e sobresalto.

Todo o resto do dia, na tristeza do seu casebre de palha, que ficava bem ao fundo do sítio dos seus senhores, a velha mulher não teve socêgo, pondo-se a recordar, enquanto cachimbava, as vigílias vencidas ao pé do berço daquella menina que criára acarinhadamente, emballando-a aos seus braços humildes, amamentando-a nos seus peitos apojados e rijos. Crescida a creança, já se fazendo mocinha, deram-lhe a alforria, em paga; porém ella, como o cão devotado, deixou-se ficar a envelhecer, a esperar a morte, nas quatro paredes do mocambo de palha com que a generosidade dos amos recompensara o seu devotamento de longos annos, o seu leite de mãe roubado ao proprio filho que lá se fóra para o céu, quasi a mingua... E quem se lembrava da negra Rosa? Lá uma vez por outra a Sinhásinha, menos desamorcea que trafega, vinha vel-a, trazia-lhe uns molambos, um pouco de café. Era só.

Até certo dia ouvira dizer que o "senhor" cuidava de mandal-a embora por carecer da morada para uns escravos novos. Que fosse tudo pela vontade de Deus! O peior é que a Sinhásinha estava com a peste: — o coração se lhe apertava só em pensar aquelle rosto tão macio, tão côr de rosa, coberto de pustulas, deformado... Em quem era bonito certas molestias não deviam dar. Pobre Sinhásinha! Tinha vontade de ir vel-a, tinha, mas, si não a deixassem entrar no quarto?!...

Escurecera e ella se pusera á porta, affileta, receiosa, attenta aos pios das aves nocturnas, temendo ouvir a gargalhada hysterica das corujas, num annuncio de máo agouro. Já tarde o escravo voltou: desta vez trazia um chamado dos patrões para que a Rosa fosse servir de enfermeira da "menina". O medico, vindo ha pouco da povoação, confirmára as bexigas, mandára separar as outras

crianças, dizesera ser preciso uma pessoa para tomar conta da doente, por serem das ruins as variolas.

— Aquillo péga "que nem" visgo de jaca... — exclamou o captivo, benzendo-se.

A velha Rosa, silenciosa, punha nos hombros o chale azul, apressava o passo por entre as bananeiras do sítio, rezando baixinho...

## II

Nem as promessas, nem os remedios serviram: a luta foi de vinte dias, vinte noites dolorosas, insomnes, de abnegação e de sacrificio da doce mulher, tudo debalde, porque, numa madrugada arrepiadora, chovendo forte, Sinháelinha, sem uma palavra de despedida, cerrou os olhos de vez.

Na vespera, o doutor mandara que se lhe cortassem os cabellos alourados, a linda trança da mocinha, tantas vezes desentreticida, pelas mãos carinhosas da preta.

Com a morte, sabindo o enterro, Rosa retornou no mocambo, já se sentindo mal, sem saber mesmo si era das saudades, si era do corpo. Mas, no outro dia, tinha febre, tinha dôres, tinha desmaios. Na terceira noite todo mundo sabia que a velha estava tambem com as bexigas, e ninguem queria cuidar della.

— E' o pago de quem faz o bem — rosnou uma escrava cheia de terror.

A noticia rolou pelo sítio, foi de écho em écho aos ouvidos dos senhores, ainda desolados pela filha.

Estavam ao jantar, no alpendre. Entreolharam-se. A epidemia rondava as vizinhanças: o instincto de conservação, o interesse em poupar os escravos, que eram dinheiro, foram mais exigentes que a piedade e o reconhecimento.

— E' preciso mandal-a para o hospital, na cidade — lembrou o marido.

— Naturalmente — secundou a esposa. Não podemos tratal-a... E teve um gesto simulado de commiseração.

Naquelle mesma tarde, enfardada numa réde, carregada por dois captivos, a Rosa se foi, estrada afóra, queimando de febre, para o leito da caridade.

O pavor dos amos era grande; o mocambo da doente foi incendiado, sem que se retirasse dellie um só trapo, enovellando-se de fogo, crepitando, avermelhando de chammas o crepe sombrio da noite, os perfis esgalhados das arvores...

E ninguem mais pensou na inditosa negra, morta decerto no asylo, enterrada na cova dos humildes, sem cruz e sem orações...

Uma tarde Rosa eurdli no sitio, tropega, emmagrecida, com as faces pintalgadas de marcas das bexigas.

Foi uma surpresa, um alarma. Houve quem pensasse ser uma apparição.

Os senhores, vexados, nunca esquecidos da filha, receberam-n'a no alpendre.

— Disseram-nos que você havia morrido. Mandei queimar o seu mocambo, Rosa; podia pegar... Bem sabe. Que fazer? — lamentou o patrão.

A velha enxugou uma lagrima.

— A culpa foi minha de não haver avisado vosmecês...

— Avisado o que? — interrogou a senhõra.

Houve um instante de silencio, entremesclando-se a anciedade dos amos com o receio da serva. Por fim, esta tartamudeou:

— E' que... no bahú da velha estava a trança de Sinhásinha, que "seu doutô" cortou...

MARIO SETTE.



---

## DO ARCHIVO "<sup>1)</sup> DE JOSÉ DE ALENCAR

---

LUIZ PEDREIRA  
(BOM RETIRO)

A' S. S. o Sr. Dr. José Martiniano de Alencar

Em 8 de Maio de 1856.

Ilmo. Sr. Dr.

Pode publicar que foi escolhido Senador pela Província da Parahyba o Sr. Commendador Frederico de Almeida Albuquerque.

Hoje á noite minha familia recebe em nossa casa do Engenho Velho algumas pessoas de amizade em reunião com caracter inteiramente particular. Muito estimaremos que V. S. e seu estimavel irmão façam parte della.

Sempre com particular consideração,

De V. S.

Amg., Obr.o e coll.

Luiz Pedreira.

VISCONDE DE SAPUCAHY

Ilmo. Sr. Dr. José de Alencar

Tenho a satisfação de participar a V. S. que Sua Magestade a Imperatriz ha por bem permittir que lhe seja dedicada a interessante comedia intitulada — O Demônio familiar — cujo autographo devolvo a V. S. para a representação.

Dando cumprimento á ordem Imperial, aproveito a occasião para congratular-me com V. S. pela feliz concepção e execução da obra. Sou com muita consideração

De V. S.

Admdor. e Obr.

Visconde de Sapucahy.

Paço. 3 de Outubro de 1857.

---

(1) V. a Revista do Brasil de janeiro, fevereiro, maio e junho de 1913.

## PEREIRA DA SILVA

Meu caro Alencar.

Aonde se metteu hoje? Incumbi a um moço que o procurasse para lhe pedir aquella carta que lhe pedi, do nosso excellente Senador, e tive resposta de que não foras achado.

Tenho urgencia de tal carta, e por isso lh'a lembro, e rogo-lhe que a entregue ao portador, e que seja boa — porque alem de ser para fim justo, é por homem muito de bem, e que eu em tudo desejo servir.

Sempre amigo e collega

Pereira da Silva.

S. C. 26 de Novembro de 1855.

## EUZEBIO DE QUEIROZ

10

Illmo. Amg. e Sr. Dr.

Campos, 18 — 58.

1

No dia 7 ás 9 horas da noite recebi em Quissamá uma carta sua datada de 2. Nessa madrugada partia eu com destino a esta cidade onde cheguei hontem ao meio dia.

Agora mesmo sei que agora parte o correlo, apenas tive tempo para escrever a inclusa. Peço-lhe pois desculpe a pressa de que se resente. Recommende-me ás Exmas. Senhoras D. Anna e Filhas, e a seus Irmãos e Cunhados. Disponha de quem é com estima

Amg. e Coll. Obrg.

Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara.

## MARQUES LISBOA

Paris, 7 de Setembro de 1857.

Illmo. Sr. Dr. José Martiniano de Alencar.

Recebi a Carta com que me honrou V. S. e o Album que nella se annunciava, destinado a Mr. de Lamartine, a quem com a maior satisfação entregal-o-hei logo que a esta Côrte regressar este illustre Poeta.

A chave e a fechadura da caixa em que veio o Album chegaram algum tanto damnificados, mas foram logo convenientemente concertados e dourados.

Aqui fico ás suas ordens, e tenho a honra de ser

De V. S.

Muito Att. Vdor. e Obr.

José Marques Lisboa.

## C. BAPTISTA DE OLIVEIRA

13 de Julho (1858?)

Illmo. Sr. Dr. Alencar.

Li com particular interesse os dous excellentes artigos que V. S. publicou no seu Diario, em refutação da doutrina expendida no recente folheto escripto pelo Dr. Torres Homem, sobre os impostos, dos quaes teve V. S. a bondade de dar-me conhecimento.



No meu entender não se pode refutar essa doutrina com mais lucidez e força de argumentação, do que a fizera V. S. nas referidas publicações; porquanto não ha ahí hum só raciocínio, que não asente sobre factos averiguados; e por outra parte são estes factos da ordem daquelles, que a sciencia economica tem reconhecido como a expressão practica da verdade dos seus principios.

Essa doutrina, que V. S. agora combate com decidida superioridade, he uma verdadeira antigualha, que apenas mereceria as honras de huma discussão seria ha hum bom seculo atraz ou ainda-mesmo nos bellos tempos de Colbert: e, senão fôra a consideração em que tenho os talentos do seu autor, ou antes restaurador, eu não hesitaria em dar-lhe a merecida qualificação de sciencia antediluviana, bem digna de figurar com honra entre as profundas lucubrações archeologicas de Mr. Vadins, relativamente ao estado de adeantada civilisação de huma graciosa raça de bipedes, hoje extincta, de que nos fallou ha dias o "Correio Mercantil".

Desculpe-me V. S. este gracejo, e considere-me entre os seus justos apreciadores.

De V. S. Vend. Obr.

C. Baptista de Oliveira.



---

---

# A GRIPPE E O SEU TRATAMENTO

A Academia Paulista de Medicina, recentemente fundada nesta capital, nomeou uma comissão de seus consócios para elaborar um estudo clinico sobre a gripe epidemica que ha mais de dois mezes infesta este Estado.

Essa comissão, constituída dos drs. Galeno de Revoredo, Rubião Meira e Eduardo Monteiro, apresentou um brilhante relatorio, que foi approved unanimemente pela Sociedade, e que reproduzimos a seguir, na íntegra, por julga-o digno de maior divulgação:

## A GRIPPE

**Diagnostic**o — A gripe, que acaba de nos visitar, espalhando-se pelas cidades do interior, tem caracteres clinicos que não permitem confusão com outras entidades morbidas. Antes de dar o tratamento que mais convem lhe seja opposto, achamos util apresentar, em linhas geraes, as manifestações symptomaticas com que ella se mostra, e as formas clinicas que reveste. Não é compilação de livro, mas sómente o fruto da observação cuidadosa que hemos praticado no decurso dessa pandemia.

A forma ligeira é a mais frequente, a que obedece rapidamente á therapeutica intelligentemente applicada, e que evolue sem complicações na maioria dos casos, uma vez não encontre organismo tarado ou já affectado por molestia anterior. Temperatura elevada, podendo attingir a 39,5 — raramente indo a 40° — pulso em relação com a temperatura — catarrho nasal, tracheo-bronchico, inappetencia, prostração, lingua branca, ligeiramente azulada, olhos brilhantes, dores de cabeça e no corpo, sensação de malestar, urinas escuras — eis os principaes symptomas por que ella se apresenta. Esses phenomenos permanecem durante cinco ou seis dias, com alternativas na columna thermometrica, que ora cae em lysis ora em crise. Casos ha em que a infecção dura mais tempo, sem á intercorrência mesma de qualquer complicação e outros existem em que só permanece durante dois ou tres dias. O clinico deve ter sempre, qualquer que seja o caso de gripe, a maxima attenção para os seguintes elementos:

1.° — A correlação do pulso e temperatura, porque se houver dispartidade, este phenomeno indica ameaça de collapso cardiaco e a necessidade de intervenção com medicação cardio-tonica energica (digitalina).



2.º — A quantidade de urinas emitidas nas 24 horas, porque a oligúria nestes casos é signal precursor, quasi sempre, de uremia, e annuncia o dever do medico applicar medicação diuretica poderosa (injecção de serum da veia renal de cabra) podendo evitar, muitas vezes, esse accidente mortal.

3.º — o grau de "adynamia", que é a marca da infecção grippal e que requer o emprego de adrenalina, do serum physiologico (se não houver contra indicação renal) e de Injecções de strychnina.

4.º — O estado dos pulmões, o exame diario fazendo-se imprescindivel para acudir ao apparecimento das complicações desde o seu inicio, o que trará para o medico a possibilidade de evitar mal maior.

Esses são pontos capitaes em materia de grippe, mesmo benigna e que devem estar no espirito dos clinicos, que só assim poderão contar successos.

A essa fórma sem gravidade juntam-se as fórmas complicadas. Merece seja dita, desde logo, uma advertencia, fruto de nossa observação nesses dias tristes que passaram. Em regra a grippe, quando tem de ser benigna, o é desde o inicio e se muitas vezes se presenciou o apparecimento dessas outras fórmas, a culpa está sempre em desvio de regimen, em falta de cuidados, em resfriamentos que apparecem, em um pequeno nada, que, aparentemente destituído de importancia, repentinamente avulta de valor e vem turvar o quadro morbido.

Convem salientar tambem que toda grippe que evolue em individuo anteriormente doente não pode deixar de ser considerada seria, de prognostico reservado.

Assim, os diabeticos devem ser olhados com attenção, assim os nephreticos correm o risco de irrupção da uremia, assim os fracos de forças ficam grandemente debilitados, e do mesmo modo os tuberculosos ficam na imminencia de ver reaccender o mal, que então, corre parelha com a grippe, e a symptomatologia da tuberculose domina a scena morbida.

Entre as formas complicadas as mais frequentes são — a congestão pulmonar, a broncho-pneumonia, a pneumonica, a pleuro-congestiva, a gastro-intestinal e a toxemica.

O diagnostico de cada uma dellas é facil.

Na congestão — além dos escarros hemoptoicos, de tosse frequente e secca, das dores thoraxicas — o exame do aparelho respiratorio elucida desde logo o juizo clinico. Submacicez, que pode faltar, e a existencia de estertores crepitantes, desses pequenos estalhos que nascem debaixo do ouvido, bastam para impôr o diagnostico. Uni ou bilateral, mas geralmente nas bases dos pulmões — a congestão grippal é situação clinica demorada, e o estado geral naturalmente se resente do processo que se passa nos pulmões. Não se deve confundir esta manifestação morbida com a pneumonia. Para que se possa firmar o diagnostico dessa outra, e temivel complicação da grippe, são necessarios o reconhecimento da macicez e a existencia do sopro tibario. Admittir-se que um doente após 6 ou 7 dias, em que se o tem observado com os estertores crepitantes, está com pneumonia, na falta desses dois signaes é derrulrem-se as conquistas todas da clinica e da anatomia pathologica. A forma pneumonica caracteriza-se pelo mau estado geral, pontada do lado, temperatura elevada, prostração grande, rubor da face, tosse com espumos avermelhados ou côr de ameixa e pela duração acima de sete dias. Muito frequentemente intervem após a sua evolução o derrame pleural, sero-fibrinoso ou como, de regra, mais commum, purulento.

A forma broncho-pneumonica tem na sua symptomatologia o mesmo que marca a broncho-pneumonia, qualquer que seja a sua causa — pequenos focos, com submaciez e o "bruit de tempête", em que o ouvido descobre a confusão de ruidos, dos mais differentes. Estado geral nas mesmas condições que quando ha pneumonia lobar.

Se ha pleuro-congestão — á maciez se juntam, para o diagnostico, o sopro pleuretico e a crepitação fina.

A forma gastro-intestinal revela-se pelos vomitos, muitas vezes incoercíveis, alimentares no inicio, aquosos ou biliosos posteriormente, dores no estomago e no ventre, diarrhéa, muitas vezes cholericiforme, tenesmos. Esse estado cede geralmente, á medicação que abalxo damos. A's vezes intervem nesta modalidade a syndrome typhica, e então a observação é como de um caso de febre typhoide, em que todos seus symptommas se mostram — situação morbida das mais graves que apparecem e que requerem intervenção energica da medicina.

A forma toxemica é, a nosso vêr, a mais seria — pulso em desacôrdo com a temperatura, que raramente vae acima de 38° — estado de profunda adynamia — dyspnéa em contraste com os phenomenes pulmonares, urinas parcas, e desde logo contendo grande quantidade de albumina, cylindruria — Inappetencia a mais completa, sub-deliro, com agitação, ligeira congestão nas bases dos pulmões, figado augmentado de volume, cyanose — eis os symptommas primordiales desse estado que, com frequencia, liquida o doente, em colapso cardiaco. Essa forma vctima quasi sempre e o medico tem o dever de, desde logo, acudir os rins e o coração — o eixo para o qual tem de convergir sua attenção.

Com esses elementos cremos ter tocado nos principaes pontos capazes de permittirem o diagnostico exacto da grippe e suas principaes manifestações clinicas.

**Prognostico** — O prognostico da grippe — é natural — varia consoante a forma clinica que se mostra em scena.

Na "forma commum", ou ligeira, o prognostico é, por natureza benigno — salvo em se tratando de um cardiaco, um brightico, um diabetico, um alcoolista, um tuberculoso, um emphysematico, emfim um organismo tarado — mas esteja sempre o clinico attento para as complicações que não raro surgem de maneira inopinada e quando menos se espera. Na presente epidemia, medicos conscienciosos e competentes têm dado alta a doentes, após um exame meticoloso, que nada apura de anormal, quando são surprehendidos, algumas horas mais tarde, por um aviso de que o paciente se encontra com 40.° de febre. Volta o clinico, e, auscultando o aparelho respiratorio, onde nada achava, depara uma congestão pulmonar violenta. E' este um successo inesperado de que ninguem se livra, embora ao assistente não calha nenhuma parcella de responsabilidade pelas felonias da molestia.

Aconselhamos, portanto, que ao se dar alta a um doente portador da forma banal, se avise a familia da possibilidade deste accidente.

Quando ha "profunda adynamia", o prognostico deve ser reservado, porquanto, sendo, como se presume, determinada por uma supra-renalite, a morte subita não é desfecho raro. No entanto, o tratamento por meio do extracto supra-renal, da adrenalina, da strychnina e do oleo camphorado, quando applicados em tempo opportuno, costuma restituir ao doente o seu tonus desfallecido.

Na "forma congestiva", em via de regra, o prognostico depende do lapso de tempo que medeia o seu inicio e a intervenção therapeu-

tica. Tenha esta interferencia nas primeiras 24 horas da evoluçãõ da congestão pulmonar, e é de habito observar-se o restabelecimento do individuo. Intervindo mais tarde, diminuem progressivamente as probabilidades de cura.

Estes conceitos, expendidos ácerca da congestão pulmonar, applicam-se por igual ás demais formas thoracicas da gripe: — a pneumonia e a bronco-pneumonica. São alluviaõ os casos de cura de pneumonia e bronco-pneumonia na gripe, em que foi applicado o tratamento aqui aconselhado, logo nos primordios da localisação pulmonar. Torna-se mesmo curioso observar, nos primeiros dias da pneumonia assim tratada, o bem-estar geral e o desaparecimento da febre, contrastando com a continuacão do sopro tubario, da massicez e do exaggero do fremito thoracico-vocal, phenomenos propedeuticos que costumam desvanecer-se sómente pelos fins do septenario.

Na "forma que se poderia chamar renal", isto é, naquella em que o individuo, portador dos signaes banaes da gripe, apresenta uma albuminuria, ligeira ou intensa, isolada ou associada a edemas, importa conhecer que no seu quadro clinico podem intervir phenomenos uremicos, como a cephalaea, os vomitos, a diarrheia e a dyspnea, phenomenos estes que são proprios tanto á influencia como á insufficiencia renal. Em todo o grippado albuminurico, que se mostra com esta symptomatologia, é de boa regra fallal-a, não á influencia, mas sim á nephrite. Nesta occorrença, portanto, o prognostico está vinculado á exactidão do diagnostico. A therapeutica bem orientada consegue, na immensa maioria dos casos, restituir a saúde a estes doentes. O prognostico será guiado pela avallação do volume da urina no nyctimero e a quantidade dos productos excretados. Desejando-se levar o apuro ao prognostico, comparem-se as quantidades de urea no soro sanguineo e na urina. Quanto á formula do futuro do individuo, é mister saber que a nephrite grippal pode ser, em certos casos, a pedra angular em que se estabelecerá o mal de Bright.

Na "forma intestinal cholericiforme", o perigo reside na deshydratação. Guie-se, portanto, o prognostico pelo numero das evacuações, pela intensidade da sede e da seccura da bocca, pela amplitude do pulso e pela presença de acetona na urina. Combata-se a deshydratação e institua-se o complemento da therapeutica, e a mortalidade será muito reduzida.

A "forma toxemica" e a "forma typhica" são as mais graves que existem, porquanto, — ao contrario das formas thoracicas contra as quaes existem armas poderosas no arsenal da therapeutica — aqui os meios de combate são debéis e fallazes.

Por fim, qualquer que seja a forma clinica, esteja o medico sempre attento para o lado do coração, porque na presente epidemia não são raros os collapsos, e intervenha com tonicos-cardiacos quando notar uma falta de parallelismo entre o pulso e a temperatura.

**Tratamento** — Eis o que, segundo a opinião dos melhores autores e a nossa modesta experiencia pessoal, nos parece, em synthese, mais indicado no tratamento da gripe do adulto.

A primeira providencia é o doente recolher-se, sem perda de tempo, á cama. Logo ao sentir os primeiros symptomas da invasão da molestia, mesmo que lhe pareça assaz benigna a forma de que foi acomettido, impõe-se, antes de tudo, essa medida.

A evoluçãõ da molestia far-se-á de maneira mais favoravel; complicacões terriveis, muitas vezes mortaes, serão evitadas.

No que toca á therapeutica, o primeiro cuidado será a administração de um purgativo. Sempre que não houver contra indicação for-



mal, o de calomelanos deverá ser preferido; 0,30 a 0,50 centigrammas, ou associados no extrato de rhuibarbo, em partes iguaes, ou de mistura com lactose, seguidos, neste caso, uma hora depois, de oleo de ricino (2 colheres de sopa) ou de agua laxativa viennense.

Esta ultima pratica, sempre que for possivel, deverá merecer preferencia, porque se terá, assim, a segurança de uma boa purgação.

No caso de não se querer recorrer ao uso de calomelanos, outros purgativos prestarão, tambem, bons serviços: sulfato de sodio ou de magnesia (30,0), limonada purgativa, agua de Rubinat, etc.

Após o effeito do purgativo, o doente deverá usar uma poção sudorifica.

A seguinte dará bons resultados:

Tintura de acouto 15 gotas.

Acetato de ammonio 8,°.

Infusão de Joborandy, 120,°.

Xarope de cognac a°.

Xarope de tilla 30,°.

1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

O uso de "cháes quentes" concorrerá para se conseguir uma boa transpiração. A esse respeito, é excellente o chá de canella, que, além de diaphoretico, tem propriedades estimulantes de primeira ordem.

Com o fim de tonificar o estado geral e o coração, será util, depois de obtida a grande transpiração inicial, recorrer ao uso do alcool, particularmente indicado sob a forma de Cognac, Rhum, Vinho do Porto, Champagne, de "grogs" quentes e administrar outrossim aos doentes a seguinte poção:

Acetato de ammonio 8,°.

Tintura de canella a°.

Da. de quina 5,°.

Xarope de cascas de laranjas amargas 40,°.

Xarope de quina, 140,°.

1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

A proposito do emprego de antithermicos, pensamos que se deverá usar, a tal respeito, da maior prudencia. A grippe é uma molestia profundamente depressiva, com accentuada tendencia para o colapso.

E' preciso, pois, a todo transe, poupar o coração: "não augmentar a afflicção ao afflicto".

No inicio do mal, poder-se-á usar os anti-thermicos, mas em pequenas doses.

A aspirina, que tem a vantagem de combater as manifestações dolorosas que se observam no começo da grippe, é um dos mais indicados.

Para corrigir a acção depressiva da aspirina, será util associar-a á cafeina, que previne a tendencia lipothymica e excita a funcção renal (aspirina °,50; cafeina °,05. Para uma capsula).

O salicylato de sodio poderá tambem ser utilizado, associado ao bicarbonato de sodio, que corrige a sua acção irritante sobre a mucosa gastrica.

Salicylato de sodio a°.

Sal de Vichy 4,°.

Agua adoçada 150,°.

1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

No caso de intolerancia pela aspirina ou pelo salicylato, poder-se-á recorrer ao uso da cryogenina.



O ideal, porém, será lançar mão, o menos possível, dos anti-têrmicos que, além de fatigarem o coração, combatem "apenas o effecto e não a causa". Recorra-se, de preferença, ao uso de medicações outras que, agindo sobre o elemento infeccioso ou exaltando as defesas do organismo, determinam indirectamente a baixa da temperatura (fricções de pomada de collargol a 15 %, 3 grammas por dia); fermentos metallicos (Electrargol Clin, Ouro Colloidal Dausse, em injeções intramusculares).

Sendô a gripe uma molestia em que o principal papel do medico é o de saber prevenir, com intelligencia, as complicações que a acompanham, e considerando, por outro lado, a accentuada frequencia com que se mostram as formas pulmonares na actual epidemia, parecidos de grande utilidade a applicação precoce e systematica de cataplasmas sinapizadas duas vezes por dia (peito e costas).

Para combater a tosse secca e impertinente, tão incommoda ao doente, produzida por pharingo-tracheites ou tracheo-bronchites, prescrever uma das seguintes poções sedativas e expectorantes:

Tinctura de aconito 10 gotas.

Benzoato de sodio 2".

Hydrolato de flores de laranja 100".

Xarope diacodio, 30".

Xarope de toli (ou de Dessessartz) 30".

1 colher de sopa de 2 em horas.

Terpina 1." ou

Agua de louro-cereja 3".

Cognac a".

Xarope de codeina 30".

Hydrolato de tilla 100".

1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

Os gargarejos serão uteis: 1 colher de sopa de agua oxygenada ou 15 gotas de Phenosalyl para um copo de agua morna. Uteis tambem serão as compressas quentes em volta do pescoco — renovadas frequentemente.

Durante a marcha da molestia, é necessario assegurar o bom funcionamento do intestino por meio de lavagens de agua fervida pura ou, em certos casos, addicionada de uma colher de sopa de solução de collargol a 1 % ou de lavagens com infusão de camomilla. Na grande maioria dos casos, as lavagens bastarão; pôde, porém, apparecer a indicação para a administração de um laxativo; pequenas doses de sulfato de sodio, senne, ou uma colher de sopa de sal de frutas.

A alimentação precoce é nociva. Melhor será, nas primeiras 24 ou 48 horas, segundo os casos, abster-se o doente de qualquer alimento.

Agua fervida, chás quentes (canella, camomilla, tilla, hortelan, herba-doce, folhas de laranja, etc.), limonadas — eis um regimen essencialmente eliminador e anti-toxico. Mais tarde, e durante todo o periodo febril: leite puro, com chá ou café, caldo magro.

Esse tratamento, que acabámos de esboçar contra a gripe commum, attendendo a varias indicações, evitará, na grande maioria dos casos, as temiveis complicações causadoras de tantas e tantas mortes.

Algumas palavras, agora, sobre as outras formas de gripe:

— "Forma pulmonar" — As variedades mais observadas na actual epidemia são a congestão, a pleuro-congestão e a pneumonia. Têm apparecido, tambem, com relativa frequencia, casos de pleuriz secco



ou com derrame (sero-fibrinoso ou purulento). É bom que o medico tenha presente ao espirito essa particularidade, para poder oppor, em tempo, a medicação adequada.

Na congestão leve — ventosas seccas pela manhã e á noite; nos intervallos, cataplasmas simpisadas, Injecções de oleo camphorado. Poção de Todd com acetato de ammoneo.

No caso de pulso deprimido, frequente ou arhythmico, associar 2 grammas de tintura de digitalis á poção de Todd com acetato de ammoneo.

Na congestão intensa, urge não perder tempo, porque ella pôde ser a expressão da primeira phase da pneumonia; a phase do "engouement".

Tratamento energico: ventosas sarjadas, oleo camphorado a 10 % em alta dose (até 20 c. c. nas 24 horas). Poção de Todd com tintura de digitalis ou, nos casos de accentuada asthenia cardíaca, lançar mão, desde logo de uma therapeutica mais activa: a digitalina Nativelle (15 gotas por dia). Essa medicação, em caso de necessidade, poderá ser repetida mais dois dias.

Se existir tolerancia gastrica, administrar a digitalina por via hypodermica (empólas de  $\frac{1}{4}$  de milligr., uma por dia, o que corresponde a 12 gotas e meia da solução; durante tres dias no maximo).

Injecções de Ionase anti-infecciosa — uma cada 24 horas. — Com o uso dessa medicação temos obtido, na actual epidemia, em todas as formas graves de gripe, excellentes resultados.

Nas congestões hemoptoicas, além da revulsão pulmonar energica e do uso do oleo camphorado, administrar a ergotina por via hypodermica, ou em poção, só ou associada ao chloreto de calcio. Eis uma formula classica e muito util:

Ergotina Bonjean 2,°.

Acido gallico 0,50.

Agua 120,°.

Xarope de terebenthina 30,°.

1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

Ao uso da ergotina convém associar o da digitalina Nativelle em dose cardio-tonica, (5 gotas por dia; até 10 dias).

Nos casos graves de hemorragias, pode-se recorrer, com vantagem, ao uso do Serum hemostatico de Butantan.

O tratamento da pleuro-congestão e da pneumonia é o mesmo que o da congestão de fórma intensa, sendo que, na pneumonia, pela sua gravidade — ocioso é insistir — a therapeutica deverá ser a mais prompta e energica possível: revulsão activa do pulmão, ventosas sarjadas e seccas, digitalis ou, melhor, digitalina, oleo camphorado, alcool em alta dose, acetato de ammoneo, Ionase anti-infecciosa, metaes colloidaes e o Serum anti-pneumococcico preparado no Instituto de Butantan (com relação ao uso desse serum, será util, quatro horas antes de se injectar a dose therapeutica, praticar uma injecção subcutanea de 1 c. c. do mesmo serum, para evitar os possíveis accidentes anaphylacticos).

Como medicação eliminadora e anti-toxica, de manifesta utilidade é tambem, na forma pneumonica, o emprego de grandes doses de serum artificial por via sub-cutanea ou mesmo endovenosa (até um litro por dia). Antes de se recorrer ao emprego do serum artificial, necessario é verificar o estado da cellula renal. Se houver albuminuria accentuada ou cylindruria (cylindros granulados), preferir o

serum glucosado, que poderá ser administrado por via sub-cutanea, endovenosa ou rectal (com aparelho gota á gota).

"Forma toxemica" — Grandes doses de serum artificial ou glucosado (injecções sub-cutaneas ou endovenosas) — Adrenalina (20 a 30 gotas por via gastrica. Póde ser tambem associada ao serum, que, então, será administrado por via hypodermica ou rectal, por meio do aparelho gota á gota. (O serum glucosado, neste ultimo caso, será a 10 por mil).

Tonicos cardiacos: injecções de ether puro ou camphorado, oleo camphorado, cafeina, strychnina, só ou associada á sparteina.

"Forma nervosa" — As variedades nervosas com hyperexcitabilidade geral: valeriana, bromuretos, banhos mornos, revulsão da nuca. Nas formas depressivas: injecções de strychnina, cafeina, oleo e ether camphorado. Poção com acetato de ammonio, quina e alcool.

Nos casos de meningismo: capaceite de gelo, sanguesugas nas regiões mastoideas, clyster purgativo (sulfato de sodio e senne).

"Forma cardiaca" — Asthenia cardiaca — Estado lipothymico — Tendencia para collapso — Pulso molle, deprimido, fugidio — Injecções de strychnina (até 3 milligs. por dia) — Sparteina, cafeina (duas injecções de 0,25 por dia) — oleo e ether camphorado — Digitalina, se os meios acima lembrados não produzirem resultado.

O sulfato de strychnina que, empregado por via hypodermica, dá, nessa forma, resultados excellentes, é tambem um medicamento de valor inestimavel em todos os periodos da grippe, pois combate vantajosamente um symptoma quasi constante nessa molestia — a asthenia. Em certos casos, porém, a asthenia está ligada a uma insuficiencia das glandulas supra-renaes (pallidez, pulso filiforme, tendencia para syncopes). O agente therapeutico a empregar em taes casos, e com grande successo, é a adrenalina.

"Forma gastro-intestinal" — Dieta hydrica absoluta em todos os casos — Para combater os vomitos, repouso gastrico completo, poção de Riviere, agua chloroformada, etc. Nos casos de diarrhea, que, ás vezes, revestem o typo cholericforme, dar, alternadamente, limonada lactica, (aos calices de 2 em 2 horas) e a seguinte poção:

Tannalbina 2,."

Sub-nitrato de bismutho a'.

Elixir Paregorico 6,."

Poção gommosa 150,."

1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

As injecções hypodermicas de serum artificial (até um litro por dia), pódem ser indicadas nessa forma, no caso dos vomitos ou a diarrhea assumirem certa intensidade.

Se a diarrhea fór dysenteriforme, o uso da ipéca, precedido da administração de uma pequena dose de calomelanos, será de grande utilidade:

Infusão de ipéca . . . . .	120,."
Sulfato de sodio . . . . .	2,^
Elixir Paregorico . . . . .	5,."
Xarope simples . . . . .	30,."

1 colher de sopa de 2 em 2 horas

Em certos casos, tornar-seá necessario recorrer ao uso de lavagens intestinaes, de preferencia quentes, e feitas com sonda, muito



lentamente, sob pressão branda (camomilla, linhaça, malva, amido, collargol, etc).

Em relação ao regimen alimentar, após haver o paciente seguido a dieta hydrica durante certo tempo, deverá recorrer ao uso do caldo de legumes (formula de Méry) ou ao caldo de cereaes (Comby) ou a agua de arroz ou de cevada ou ao cosimento de aveia Quaker (passado em peneira fina).

Quanto ao uso de leite — só mais tarde, cautelosamente, com chá preto ou com agua de arroz.

Quer na diarrhéa cholericiforme, quer na dysenteriforme, o uso da adrenalina (20 a 30 gottas da solução ao millesimo, nas 24 horas, por via gastrica) poderá dar excellentes resultados.

"Forma typhica" — Ha casos em que a grippe exhibe o mesmo cortejo symptomatologico da dothlenentheria, a tal ponto que se é obrigado, certas vezes, a recorrer aos methodos de laboratorio para se estabelecer o diagnostico differencial entre as duas molestias.

Essas formas pseudo-typhicas da grippe precisam, no entretanto, de ser reconhecidas o mais cedo possivel para que, sem perda de tempo, se lhes possa applicar o tratamento apropriado, que é o da febre typhoidé.

"Grippe e diabetes" — E' preciso não esquecer os perigos que ameaçam os diabeticos atacados de grippe. Para evitar a acidose, responsavel pelo "coma diabetico", administrar, sem perda de tempo, desde o inicio do ataque de grippe, grandes doses de bicarbonato de sodio, podendo-se ir até 100 grammas por dia, segundo a tolerancia do doente.

"Grippe e uremia" — Na grippe, que é, como se sabe, cheia de surpresas, a uremia pôde manifestar-se de um momento para outro.

Molestia frequentemente acompanhada de oliguria — não raro mesmo de anuria — comprehende-se facilmente a possibilidade da explosão de phenomenos uremicos, principalmente se o doente, antes do ataque de grippe, já era portador de insufficiencia renal.

Em taes casos, é de rigor evitar medicações que possam aggravar o estado dos rins e urge intervenha o clinico, com presteza e energia ludo, por assim dizer, ao encontro dos primeiros symptomas uremicos que se manifestarem.

Therapeutica activa: Serum Caprino, ventosas sarjadas sobre a região lombar, grandes lavagens intestinaes frias, agua lactosada, serum glicosado a 10 por mil (instillações rectaes), sangria, nos casos mais graves.

Dieta hydrica, a principio (tisanas diureticas); mais tarde: lactea.

"Convalescença" — Muito cuidado, devido ao perigo das recaídas sobre cuja gravidade inutil é insistir. Voltar lentamente, com todas as precauções, á actividade e ao regimen alimentar anteriormente usado. Emprego de tonicos — porque a grippe mais benigna pôde deixar uma grande depressão: kola, coca, quina, leithina, acido nucleínico, strychnina, phosphato de sodio, glicero-phosphatos, etc. Abstenção do uso de preparados arsenicaes nos casos em que tenha havido congestão hemoptoica.

GALENO DE REVOREDO  
RUBIÃO MEIRA  
EDUARDO MONTEIRO.



---

---

# LINGUA VERNACULA

## CONSULTAS E RESPOSTAS

A *Revista do Brasil* inicia neste número a colaboração do Sr. Antonio Mauro, emerito cultor do vernaculo até aqui só conhecido por mela duzia de espiritos de eleição, apaixonados como ella por estudos linguisticos. Manterá uma secção permanente, e responderá ás consultas que lhe forem dirigidas com a segurança e proficiencia já tão sobejamente demonstrada em trabalhos anteriores. As consultas deverão ser dirigidas á Caixa 2 B.

### I

#### Pergunta de Esculapio:

"Como devo dizer: a larynge ou o larynge? A ultima forma é usual no Brasil e foi empregada por duas celebridades medicas: Dr. Torres Homem e Dr. Francisco de Castro."

#### Resposta minha:

E' verdade que os dois medicos citados por Esculapio, ambos muito illustres, sempre escreveram o larynge.

Folheando diversas obras de medicina, como, por exemplo, as *Lições de Clinica Medica* do Dr. Torres Homem, o *Tractado de Clinica Propedeutica* do Dr. Francisco de Castro, etc., tive occasião de verificar, ha tempos, aliás, a affirmativa de Esculapio.

Saiba, porém, Esculapio que outros medicos brasileiros, e muito notaveis, como os Drs. A. Austregesillo, Miguel Couto e Afranio Peixoto, todos professores da Faculdade de Medicina do Rio e membros da Academia Brasileira de Letras, sempre escrevem a larynge.

Logo...



Accresce — facto digno de nota — que o Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, medico habilitado e um dos nossos mais autorizados grammaticos, nunca deu ao vocabulo *larynge* o genero masculino.

Provas:

"O tubo sonoro é representado pelas cavidades da pharinx acima da *larynge*."

"Os labios, os dentes, a lingua, as fossas do nariz, o paladar e sua cortina movel, a elevação ou o abaixamento da *larynge*..."

(Serções Grammaticaes, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 11 e 12.)

Bem sei que o Dr. Ramiz Galvão, estribado no uso do Brazil fraco argumento — entende que o termo em questão é masculino.

O mesmo dicionarista, porém, dá o genero feminino ao vocabulo *pharynge*, quando é certo que muitos medicos braelleiros sempre escreveram o *pharynge*; os Drs. Torres Homem e Francisco de Castro, por exemplo.

Para o Dr. Ramiz Galvão, portanto, o uso do Brazil não justifica o *pharynge*, mas — contraste notavel — justifica o *larynge*.

O uso de Portugal é, está claro, o unico argumento de valor nesta questão.

O unico, digo eu, já porque o uso do Brazil não justifica tal ou tal erro de grammatica, já porque, se medicos houve que escreveram o *larynge*, medicos ha que só escrevem a *larynge*.

O unico ainda, acrescento, porque, segundo C. de Figueiredo, num dos melhores dictionarios gregos o vocabulo tem ambos os generos.

Em Portugal — é facto incontestavel — o termo foi sempre feminino.

E assim o registraram os principaes dicionaristas.

Conclusão: o *larynge*, em que pese á opinião do Dr. Ramiz Galvão, erudito linguista, é exclusivo preclosismo brasileiro.

A *larynge*, para mim, é a unica forma que se justifica, a unica forma portugueza.

ANTONIO MAURO.



---

---

# BIBLIOGRAPHIA

**PINGOS D'AGUA — Eurico Facó —**  
Ed. J. Facó — Rio — 1918.

O sr. Eurico Facó, fugindo ao vazo commum a todos os poetas estreantes, não se deixou obsecar pela forma classica do — soneto — ao elaborar os seus versos. E' a sua primeira qualidade.

"Pingos d'Agua" é uma brochurinha que contém varias e variadas composições, todas curtas, quasi sempre de uma estrophe apenas, por onde mostra o autor que prefere comprimir as suas idéas a dilu-las em poemas de longo fio. E' o seu segundo merito.

O terceiro será o contar-se, entre outras produções de diverso valor, insertas no seu livrinho, algumas de esplendido effeito, como a quadrinha:

## NADA

Se te pergunto ao ver-te extasiada:  
— Em que pensas? — Em nada! — tu me dizes.  
Ah! quem me dera encher estas felizes  
Horas que vives a pensar em nada!

**OSORIO DUQUE ESTRADA — Leituras**  
militares. — Ed. F. Alves & C.ª — Rio de  
Janeiro, 1918.

No intuito de coordenar um livrinho de leitura para as escolas de recrutas, soldados e marinheiros nacionaes, o sr. Osorio Duque Estrada procurou colligir notas biographicas, historietas, aneddotas, descrições e narrações de batalhas e outros factos da historia universal e da do Brasil, transcrevendo ou traduzindo literalmente umas, adaptando e resumindo outras ou, em grande parte, redigindo-as totalmente affim de as pôr ao alcance das intelligencias a que é o



livro destinado. Com esse trabalho conseguiu o autor uma obrinha de verdadeiro merito e de cujo manuseio fica por certo farta messe de bons ensinamentos e exemplos para os leitores. Em linguagem escolmada de complicações de estylo, concisa e clara, estas Leituras Militares plenamente justificam o successo obtido e que é attestado pelos varios milhares de exemplares a que montam as edições que livro alcançou.

WASHINGTON LUIS — Capitania de  
S. Paulo — Ed. Casa Garraux — S. Paulo.  
— 1918.

O trabalho com que o dr. Washington Luis se apresenta como historiador de uma das phases do nosso periodo colonial traz como sub-titulo — **Governo de Rodrigo Cezar de Menezes**. Foi esse o trecho da historia paulista, isto é, da historia dos bandeirantes, que o autor escolheu para objecto de suas pesquisas pacientes e fructuosas. Bem andou em preferir assim esse periodo da agitada vida da colonia portugueza do seculo XVIII, pois encontrou nelle grande cabedal de factos interessantissimos, caracteristicos da existencia meio selvagem, meio feudal, que animava as terras brasiliicas ao tempo das bandeiras. A sua curiosidade diligente, esquadrihando o periodo em que se estendeu o governo de Rodrigo Cezar de Menezes, topou all grande copia de phenomenos sociaes e economicos que, tratados no seu estylo e com a erudição e o talento do autor, deram origem ao precioso volume com que se enriquece a literatura historica do nosso paiz.

Evocando as scenas e feitos de violencia, arbitrio, injustiças e perseguições que marcaram o septenio governativo de Rodrigo Cezar, o dr. Washington soube dar relevo e vida ao episodio dos Irmãos Lemes, o qual se destaca dentre outros successos da epoca pela feição tragica de que se revestiu. A vida desses caudilhos paulistas, que se celebrisaram ao mesmo tempo pelos feitos heroicos nos descobrimentos de Cuyabá e pelos crimes ignominiosos que praticaram por toda a Capitania, fornece ao autor muitas paginas brilhantes, cheias de calor e de emoção, que attestam bastante o senso artistico que possui. E' de destacar-se tambem, além de outros trechos, aquelle em que o historiador descreve a indignação apavorada com que os povos de S. Paulo assistiam aos actos de prepotencia e ao furor de tyrannias do governador:

"Pelas ruas de S. Paulo, ao rufar de tambores, berravam os mastins de palacio as penas inauditas do famoso bando. Em Itá, Sorocaba, Parnahyba, repetia-se a mesma scena de pavor.

Rodrigo Cezar jogava a capitania inteira de S. Paulo contra os

Lemes, sob pena de traição á corôa, confisco de bens e mais penas que em semelhantes casos são impostas.

Era o regimen do terror.

Rodrigo Cesar se arrogava todos os poderes magestáticos: ordens de prisão, decretos de morte, confiscos de bens, concessão de liberdade, perdão de crimes, distribuição de premios pecuniarios.

Falava em prisão, mas ordenava a morte: quem prendesse os Lemes premio algum receberia; mas, quem os matasse ficaria perdoado dos crimes que tivesse, ganharia premios, ficaria livre, se escravo fosse.

Era a determinação e a solicitação do assassinato por todos os meios; o galardão, a ameaça, a ordem expressa a todos da capitania e áquelles mesmo que, nella, estivessem de passagem.

Na capitania de S. Paulo soprava um vento de desconfiança e de pavor.

A morte dos Lemes pairava nos ares com a tenacidade das idéas fixas; não se falava de outra cousa, não se discutia outro assumpto.

Os escravos, os negros arrancados das adustas costas da Africa, olhavam e procuravam essa morte como a sua carta de alforria, a liberdade que os restituiria aos paêes da Angola e Guiné, para elles o logar abençoado de seu nascimento.

Os criminosos de todas as origens buscavam-na como a agua lustral, que os limparia dos outros crimes e lhes traria a impunidade.

Alguns, despídos de escrúpulos, com a alma de sentimentos de humanidade e a ambição a ferver-lhe em todos os póros, esfalfavam-se para conseguir os 400\$000, premio das cabeças dos Lemes.

E tudo isso era nada; o principal era que o governador, com um simples bando e alguns rufos de caixa, podia quebrar a sujeição secular dos escravos, mandando que matassem seus senhores, para adquirir a liberdade; podia aqular todos os criminosos da capitania contra um chefe de familia, promettendo-lhes o perdão de crimes, se fizessem mais um crime; podia excitar ao homicídio aquelles que ainda não eram criminosos, pondo cabeças a premio, pago com os bens confiscados das proprias victimas.

Era isso que se sentia, que se respirava, e ninguém esperava remedio; porque todas essas violencias eram dirigidas contra os Lemes, opulentos e poderosos, e que tinham recebido manifestações inequivocas de estima do governador."

Edição da casa Garraux, o volume apresenta elegante aspecto e cuidadosa feitura typographica.



**ANTONIO SERGIO** — O ensino como factor do Resurgimento Nacional — Conferencia — Ed. "Renascença Portuguesa" — Porto — 1918.

O presente fascículo, primeiro da série, contém a primeira das "Conferencias sobre a reforma da educação nacional, promovidas pela Sociedade de Estudos Pedagogicos e realizadas pela Liga de Acção Nacional". Proferida em Janeiro de 1918, na Sociedade de Geographia de Lisboa, o autor nella estuda os defeitos dos methodos de ensino e a maneira de os corrigir, bem como as linhas geraes de uma nova organização pedagógica.

**RODOLFO RIVAROLA** — La Raza como Ideal — Conferencia — Ed. José Tragant — Buenos Ayres — 1918.

Trabalho lido em Rosario de Santa Fé, no "Dia de la Raza", a 12 de Outubro do corrente anno. O conferente estuda diversos problemas de sociologia e anthropologia, desenvolvendo entre outros, os seguintes themas: "¿Que es una raza?" "¿Que son las razas?" "¿Existen en verdad diversificaciones humanas que autorizen la multiplicación indefinida de las razas?" Entre as conclusões a que chega o autor deste trabalho destacam-se as em que affirma que: "La raza es expresión de sentimientos y non signo material que diferencie grupos de individuos" ou "un ideal de poesia expressando en un idioma común".

**EZEQUIEL DE CAMPOS** — A Evolução Agraria — Conferencia — Ed. "Renascença Portuguesa" — Porto — 1918.

Nesta conferencia, realisada na Liga Agraria do Norte, em Portugal, em maio deste anno, desenvolve-se em linguagem singela e agradável, de par com muita competencia, do autor, a these seguinte: "a evolução agraria levará Portugal á fallencia; só uma revolução agraria pode vitalisar a grel e manter a sua independência."

**FERNANDO GRIS** — Brumas e Clarões — Versos — Ed. I. Nery Fonseca — Recife — 1918.

Com quatro annos de guerra, era inevitavel que a vela poetica nacional, tão derramada, de ordinario, por assumptos de menor relevancia, se atirasse ao thema novo, que tão propicio se mostra á declamação mais ou menos hugoana de que quasi todos os nossos bardos trazem forte dose incubada, desde 1860.



Começam a surgir agora os condoreiros do novo século, em quem estão e repercutem heroicamente os feitos obrados lá nas frentes da Europa conflagrada. Um desses é o sr. Fernando Gris, cuja obra vai já neste segundo volume, que contém 160 paginas de poesia, quasi toda inspirada no momento bellicoso internacional.

Do modo por que entende a arte poetica, diz o proprio autor, no prefacio:

"O poeta de agora é o mesmo do MINHA MUSA, como tambem é o mesmo o seu alheamento á preocupação torturante dos requintes da forma.

Si essa circumstancia constitue, effectivamente, como o querem alguns, uma prova de inferioridade artistica, eu confesso que a possuo, com a aggravante de jámais ter pretendido modifica-la.

Acertada ou erradamente, pouco importa, sempre entendi que a Poesia, para ser, antes de tudo, a verdadeira e inconfundivel expressão do sentimento — sem o que perderá, quanto a mim, o principal traço de belleza que a caracteriza — não pode ou não deve ficar dentro do carcere intransponivel de exagerado formalismo, quando exteriorisamos o nosso estado moral ou as emoções produzidas pelos varios aspectos da vida.

Para mim, isso significaria a sua escravisação. E desde que a Poesia, no meu modo de sentir, só poderá realisar os seus grandes fins, sendo gloriosamente livre — sem despresar, entretanto, os principios fundamentaes da Arte — eu nunca procurei submeter systematicamente os meus modestos versos ao dogmatismo victorioso ou combatido de qualquer escola.

Praticarei, assim, um grave ou imperdoavel erro?"

Não saberíamos responder á pergunta do poeta. Apenas nos é licito concluir que foi a excessiva applicação das suas theorias estheticas que levou o autor a juntar ao seu livro composições como esta:

#### SAUDAÇÃO A VERDUN

Salve, Verdun! Sentinella  
da integridade franceza!  
Venceste, enfim, a procella  
da teutonica proesa!  
Não ponde o canhão germano  
romper esse dique humano  
da tropa libertadora.  
Onde Joffre estende o braço,  
ninguem adianta um passo  
sobre a França vencedora!

**CARLOS SELVAGEM — Entre Giestas —**  
 Drama — Ed. "Renascença Portuguesa" —  
 1918.

Nos tres longos actos de que se compõe o seu drama, o sr. Selvagem põe em scena, ante paizagens campestinas portuguezas, grande copia de aldeões, tios velhos, comadres, cachopas e labregos entre os quaes se desenrola uma historia de amores infelizes. Antonio, rapaz que tem de seu, ama Clara, cachopa que o não tem. Ella tambem o quer. Mas o autor faz com que elles se não entendam até o fim do ultimo acto, dando ensejo a que Antonio se resolva a casar com Joaquina, deixando Clara á margem. E' quando esta, em ciumes, deita Togo á herdade do pae de Antonio, com o fito de arrefecer os enthusiasmos do pae da preferida, que almejava apenas genro rico. Por fim encontram-se os amantes despercebidos e, após uma scena movimentada de repelliões e soluços, com explicações em que o amor mutuo é tirado a limpo, pobres e reconciliados vão para a casa de um velho aldeão amigo, onde são felizes. Linguagem, o vernaculo provinciano da Beira, movimentação um tanto morosa, lances violentos, são attributos que enchem o drama, de par com alguma observação bem apanhada ao ramerrão da vida de aldeia. Posta no palco, a peça do sr. Carlos Selvagem tem probablidades de produzir algum effeito.

**AFFONSO SCHIMITZ — Lusitania —**  
 Episodio patriótico em versos — Pocal &  
 Cia. — S. Paulo — 1916.

Commemorando a entrada de Portugal na guerra, o brilhante autor de "Janelas abertas" escreveu uma centena de lindos versos cantantes e de muito sentimento, compondo uma ligeira peça dramatica que com muito successo foi representada em diversos palcos.

Das conhecidas qualidades de poeta de Affonso Schimitz repon-tam innumerous exemplos, na grande maloria dos versos deste pequeno trabalho, pelos quaes passa vigoroso sopro patriótico, o que justifica o muito agrado com que foi recebido da platéa.

São de "Lusitania" estes versos:

**"CORAÇÃO**

Esta guitarra!

Se o clarim nos aponta a ferrea praça,  
 A guitarra suggere o amor da raça;  
 Diz o clarim: "Sê forte! Vencedor!"  
 E a guitarra: "Defende o teu amor!"  
 Tem seis floretes d'ouro! Cada corda  
 Que vibra e canta, um sentimento acorda.



Se ha cordas para o amor de nossa villa,  
 Pequeninna, bucolica, tranquillã;  
 Se ha cordas encantadas para o amor  
 Que nos campos é simples como a flor,  
 Sabel, senhora, que tem cordas d'aço.  
 A cada nota, faz erguer um braço!  
 Em cada braço põe aguda lança  
 E em cada ferro a estrella da Esperança".

MEU SERTÃO — Catullo da P. Cearense —  
 Livraria Costilho — Rio 1918.

A publicação das poesias de Catullo Cearense põe de pé uma interessante questão: E' possível aceitar como lingua, na qual se fazem versos, o modo de falar caboclo? Cremos que não, porque tal modo de falar não é sequer um dialeto e sim mera corrupção do dialeto brasileiro. A lingua portugueza, transplantada para o Brasil, soffreu a evolução logica determinada pelo meio ambiente e pelos elementos raciaes que fermentam na salada brasileira. O dialeto está ahí, patente, irrefragavel, com modificações syntacticas, com um enorme vocabulario novo, com modismos e idiotismos que, só elles conseguem expressar as coisas e sentimentos novos peculiares á nossa terra. Mas esse dialeto é uma cousa e é outra cousa a corruptela desse dialeto pela bocca molle do caboclo. As varias raças que nos formam corrompem cada uma a seu modo a lingua geral. Corrompe-a o caboclo. Corrompe-a o negro. Corrompe-a o colono italiano, o allemão, o turco.

Estes versos da lingua geral, por exemplo :

E a flor dos cabellos della  
 como quem beija uma santa,  
 não négo, patrão !... Beije!

O caboclo corrompe-os, na versão de Catullo, da seguinte maneira:

E a frô dos cabellos della,  
 como quem bêja uma santa,  
 não négo, patrão... Beje!

Da mesma forma que o negro corrompe assim:

I a fulô dus cabelo dela  
 como quem bêja ãa xanta  
 négo num néga, Siahô!... nego bijô!

E o italiano assim:

I as frô dus cabelo della  
 como qui baccia una santa,  
 no négo, patrô!... Bijê!

E o allemão assim:

E a vlor dos gapello tella  
como guem peja um zanda  
non nega, batron!... Pigei!

Estão aqui quatro corruptelas todas oriundas da mesma fonte, ignorancia da lingua mãe. A acceltarmos uma dellas, como instrumento de expressão litteraria, não ha motivo para não acceltar as demais, o que é evidentemente grotesco. Exemplifiquemos ainda, traduzindo, não digo em portuguez, mas em brasileiro, um estrophe de Catullo:

A terra era munto boa  
pra fazê um roçadão:  
tão boa, que era preciso  
vivê cun a lxada na mão.  
Si um home mamparriasse,  
a imbaúba, a gitirana,  
o mata-pasto, a cahiva,  
o taxizêro damnado...  
o taquary... n'um instantinho  
tudo cubria o roçado

A terra era muito boa  
p'ra fazer um roçadão:  
tão boa, que era preciso  
viver de enxada na mão.  
Se um homem mamparreesse,  
a embaúba, a gitirana,  
o mata-pasto, a cahiva,  
o taxizeiro damnado...  
o taquary n'um momento  
cobriam todo o roçado.

O que ha de belleza nestes versos, — a emanção da terra, as imagens, a alma enfim do verso, a poesia, — realta muito mais flagrante na versão brasileira do que na caipira.

Pensando assim, lamentamos que o grande, o maior poeta deste paiz, o poeta-poeta, o poeta cujas composições, feitas em musica, vivem de norte a sul cantados por todas as boccas, despertando em todos os peitos as mais suaves emoções, não tenha escripto o seu livro em nossa lingua, a lingua brasileira, filha da portugueza. Escolheu para lezo em vez do nosso dialeto, a corruptela cabocla, como poderia ter escolhido a corruptela do negro, do italiano, do turco. Fez assim um livro que não se dirige a nós brasileiros que lemos e sentimos, mas apenas ao residuo racial que vegeta nos sertões e que não o lerá nunca porque é analphabeto.

Se Catullo traduzir seus versos em nossa lingua, não receamos affirmar-o, fará uma obra que marcará epocha, creará escola, determinará correntes. Está nas suas mãos ser apenas um poeta caipira ou ser o maior poeta popular do Brasil.



## RESENHA DO MEZ

### ADALGISO PEREIRA E SIMÕES PINTO

Ainda estamos sob a impressão angustiosa dessa rajada de peste



medieval que, com o gentil nome de gripe, sacode o país inteiro e arrasta para o vortilhão da morte milhares de vidas preciosas. Raro o dia em que no obituario copioso não resultam á vista nomes de amigos queridos. A' *Revista do Brasil* cumpre destacar dentre tantos, dois, Adalgiso Pereira e Simões Pinto. Adalgiso era uma creatura dessas a quem cabe como luva a abusada classificação de intellectual. Era todo cerebro, e morreu disso. A vida

do corpo não lhe guardava proporção com a vida mental, não lhe dava o apoio preciso, não lhe era um equilibrado alicerce. Seu espirito cultivado intensamente aprimorara-se até aos supremos requintes da cultura. Nunca, porem, lhe foi permitido colher os fructos desse apetrechamento excepcional. Nos momentos decisivos sobrevinha a *pausa* do musculo, a falha do motor — e d'ahi o desanimo, a descrença em si proprio, duvida negra sobre a potencialidade d'um instrumento que passára a vida a perfeioar. Especialmente em estudos de psychologia e pedagogia, era um gosto ver a agudeza penetrante com que esmucçava os mais complexos problemas da entrosagem psychica. Como era um gosto vel-o dealindar uma questão de linguistica. Emerito sabedor do vernaculo, não era um carrança incomprehensivo; sabia duutilisar as regras de modo a altear-se á concepção da lingua como organismo vivo, em perpetuo evoluir, embora conservando sempre, como alma immortal, o conjunto de characteristics a que chamam genio. Não poude Adalgiso legar ao país o seu espirito crystallizado na obra do que era capaz. Revezes successivos, consequentes ao má funciona-

mento da machina corporal, quebraram-lhe a mole vital dos espiritos superiores, essa alicia de sobrevivencia pelo livro onde se reuniam, como em eserinio, todas as luzes, todos os perfumes, todas as formas superiores da personalidade que não devem perecer com o corpo, e que exteriorisadas pela palavra escripta passam a incorporar-se nos thesoiros mentaes da humanidade. Morreu de todo. Vive, ainda, apenas na memoria dos que lhe foram intimos, e num convívio amulado o comprehendem integralmente. Poucos o comprehendem. Para a mór parte dos seus proprios amigos, Adalgiso Pereira apresentava-se incompleto, occultando faces da sua suprema evolução psychica que receava mal comprehendidas.

Simões Pinto era o amigo. Passou a vida a cultivar com carinhos raros o jardim da amizade. Ao contrario



de Adalgiso tinha a serviço da alma um corpo de gigante que mettia inveja a todo mundo. Nelle palpitava um coração generoso, aberto de

todos os lados, só habitado de sentimentos bons.

Vivia n'um perenne esfusiar de bom humor e alegria, a engehar trocadilhos, a architectar pilherias, irradiando em torno de si a muita saúde moral e corporal que o caracterisava. Um bello dia corre a noticia de que cahira grippado. Todos sorriram da grippe; podia lá ella com uma organização taurina daquellas? Sobrevem a pneumonia, e afinal, após dias horrorosos de angustias, Simões Pinto cerra para sempre os olhos, deixando as centenas de amigos que formára durante uma vida consagrada á amizade, inteiramente tentos, aparvalhados ante o inopinado e brutal desfecho, *Velut umbra.* E' sombra hoje esse que inda hontem era um precioso exemplar de vida plethorica...

#### JOSE' MARIA LISBOA

Falleceu a 29 de novembro, em S. Paulo, José Maria Lisboa. Era uma figura tradicional do jornalismo paulistano, ao qual emprestava, ha cerca de meio seculo, a sua actividade e intelligencia. Foi o primeiro administrador da *Provincia de S. Paulo* em 1875, de onde se retirou dez annos depois para fundar, com Americo de Campos, o *Diario Popular*.

Portuguez de nascimento, José Maria Lisboa veio para S. Paulo em 1856, contando apenas 18 annos de idade. Era um bello caracter, um trabalhador infatigavel e um coração propenso a todas as bondades. Esses predicados attrahiram á pessoa do velho Lisboa um circulo dilatado de amigos e admiradores. E tal foi o conceito a que se impoz, que, proclamada a Republica foi o seu nome lembrado para figurar na Constituinte Paulista, de que fez parte como o mais votado. Foi fun-

dador do Albergue Nocturno, da Beneficência Portuguesa, do Instituto Histórico e de outras instituições importantes de S. Paulo.

## REVISTAS E JORNAES

### A LENDA DO "ACASO" NO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Falleceu em Lisboa, victima da *influenza* hepanhola, que se vai tornando uma pandemia universal, o Sr. Faustino da Fonseca,

Trata-se de um grande historiad. Poucos merecem as nossas homenagens como o modesto escriptor que acaba de fallecer em Lisboa. O Sr. Faustino da Fonseca, reivindicando para Portugal as glorias da prioridade na descoberta da America, prestou á historia do Brasil um serviço inestimavel, dissipando de uma vez para sempre a lenda do acaso do descobrimento de Cabral.

A historia do Brasil foi sempre feita por methodo pouco patriótico. E' mais pessimista do que optimista. Conta os feitos da nossa gente — portugueza e brasileira — mais como actos feios do que como lindos gestos. Isso é, naturalmente, um mal. As consciencias dos povos formam-se através do estudo da historia. E' pela acção da evolução integral de seu povo que se educam os verdadeiros patriotas. Com uma historia pessimista, geram-se scepticos. E' preciso que o estudo da historia desperte o orgulho de ser brasileiro.

Ora, a lenda do *acaso* no descobrimento do Brasil sempre repugnou ao meu espirito com um elemento capaz de deprimir o caracter nacional. Assim a historia do Brasil comeyva não com a demonstração da energia dos nossos maiores, mas com o incidente feliz de um marítimo temente ás calmarias da costa.

O ponto de partida de uma historia optimista, entusiasta, fecunda, era assim falso e depressivo. O nosso grande Imperador teve a intuição desse erro, que fazin e ainda faz dos nossos compedios de historia ma-

nuses de despreocupação bohemia e de indifferença pelo esforço. Pouco tempo depois da fundação do Instituto Histórico, o Sr. D. Pedro II apresentou aos membros da companhia uma these sobre se o descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral fôra devido a méro acaso ou que tivera indícios para isso. Na época, a lenda do *acaso* predominava. De modo que a these do Imperador foi o primeiro protesto contra o erro.

Joaquim Noberto provou então que não houvera casualidade, como demonstrava o proprio texto da carta de Pero Vaz Caminha. Todos os historiadores até Rocha Pitta fallaram do grande feito como consequencia de esforços de uma porção de navegantes... Raynal foi o primeiro a empregar a palavra *acaso*. Sabe-se que Gonçalves Dias contestou a these de Joaquim Noberto e sustentou que o descobrimento fôra obra do acaso.

O Sr. Faustino da Fonseca veio resolver definitivamente a questão. O notavel historiador baseou a sua argumentação nas doações concedidas pelos reis portuguezes aos primitivos descobridores, nos tratados de limites, em correspondencias especiaes, roteiros, mappas, delegações, carta de testemunhos dos acontecimentos e outros documentos estudados e copiados nos archivos hespanhóes e açorianos e na torre do Tombo.

Quando Colombo chegou ás Antilhas, em 1492, já os portuguezes haviam aportado ás terras do novo continente. Em 1436 André Bianco registra nas suas cartas as descobertas do Brasil ou mar de Baga e mar Sarguços. Em 1449, um navio portuguez sahe do Porto e chega á Groelandia, onde os marinheiros desembarcam. Em 1448 André Bianco incluye na carta uma terra que só pôde ser o Brasil á distancia de 1.500 milhas comprehendida entre as ilhas do Cabo Verde e cabo S. Roque. Em 1452, Diogo de Teive e seu filho João encontram a ilha das Flores e che-

gam á latitude da terra do Lavrador. Em 1472, João Vaz Côrte Real descobre a terra de João Vaz ou Terra Nova ou Terra dos Bacalhãos, na America do Norte. Em 1473, 1484, Affonso Sanches depara as Antilhas. Em 1487 João Dalmo e João Affonso Estreito, acompanhados de Martin Estreito, realizam uma viagem á America e o ultimo prova no seu mappa a existencia da península da Florida, das Antilhas e do Golfo do Mexico. Em 1492, João Fernandes Lavrador e Pedro Barcellos descobrem a terra do Lavrador.

André Bianco registra que em 1435 um Lusó pisou a terra dos Papagaio, cuja latitude e distancia são as do Brasil. O seu nome se perdeu.

Colombo nasceu em Genova, em 1450. Dous annos antes Bianco registrava no seu mappa a existencia de uma terra a 1.500 milhas das ilhas de Cabo Verde, terra que não podia deixar de ser o Brasil. Quando Colombo procurou Dom João II, este lhe mostrou conhecer as terras de além-mar e nos mappas indicou a situação da Terra Nova e da Terra dos Papagaio (Brasil).

Em 1484, André Bianco traçou em Lisboa um mappa. Tinha filo de Portugal. Nesse mappa o Brasil apparece. Apparece, porque ao sul das Antilhas, dos Hermanos, do archipelago de Cabo Verde, ilhas que têm hoje a denominação de Brava e de Pogo, havia uma terra e a legenda dizia que ficava exactamente a 1.520 milhas da ilha de Cabo Verde, como o cabo de S. Roque.

Por isso, pôde-se dizer que quando Pedro Alvares Cabral aportou a Porto Seguro o Brasil já estava descoberto 65 annos antes. Outros documentos posteriores á posse de Cabral fallam do descobrimento do Brasil anterior a 1500.

A frota de Cabral veio com ordem de antes de seguir para a India dobrar do Cabo Verde para o sul, bordejar o sudeste até avançar a costa da Terra dos Papagaio. Este rumo é ainda hoje seguido.

O aceno e as calmarias a que attribuem os autores didacticos o descobrimento do Brasil são puras invenções. As cartas do Mestre João, o cosmographo da frota, e de Vaz Caminha — o escriptão, não se referem a esses incidentes. Fallam apenas como tivessem cumprido as ordens de tal fórma que não valesse a pena recordal-as.

Pedro Vaz Caminha diz mesmo que os inglezes não tinham religião e se os degradados que houvessem de ficar aprendessem bem a sua fallar, segundo a *santa tenção de vossa alteza*, tornar-se-hiam christãos facilmente.

O Sr. Faustino da Fonseca, estudando as instrucções de Colombo, mostra que Colombo seguiu as instrucções de João II. "Elle proprio diz que foi essa terra firme, esse continente, que D. João II disputou em Tortesillos "e por isso diz que teve differença com os reis de Castella e, enfim, diz que se concluiu que o reino de Portugal tivesse 370 leguas das ilhas dos Açores e Cabo Verde, de oeste ao fim do norte, de polo a polo."

E o historiadór portuguez conclue: "O Brasil não era sómente conhecido do rei e dos que em Castella tinham revelado a sua existencia. Em Cabo Verde todos sabiam disso e confirmam o proposito em que ia Colombo."

Tortesillos prova o que os Portuguezes sabiam. (Victor Vianna — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

## O PROBLEMA DO FERRO

Lê-se num diário dinamarquez, conforma transcripção em revista franceza:

"Baseando-se numa serie de informações provenientes dos principaes centros europeus da produção do ferro, peritos dinamarquezes concluíram que, durante muitos annos depois da guerra, os productos side-



rurgicos ficarão inferiores em quantidade ás necessidades. Calculam que, nos cinco primeiros annos depois de terminada a guerra, a capacidade da produção das usinas siderurgicas europeas será de cerca de 50,800,000 toneladas em lugar das 65,000,000 exigidas pelo consumo. A procura excederá, pois, á offerta em 14,800,000 toneladas. Consequentemente, os países não productores de ferro ficarão muito mal collocados para seu abastecimento. A conclusão tirada favorece ao projecto que circula na Dinamarca do estabelecimento n'aquele paiz de altos fornos."

Transcrevemos essas linhas para despertar a attenção dos altos poderes da Republica para o problema do nosso ferro. Estamos nas melhores condições, porque possimos em grande quantidade o minério, para supprir o "deficit" a que allude a nota do jornal dinamarquez. Devemos, pois apressar-nos em tirar todo o proveito da nossa riqueza em ferro, que continua inerte, abandonada, a despeito de varias tentativas em contrario. Temos muitas vezes insistido no esforço que bem merece dos dirigentes do Brasil, para urgente solução, o problema das nossas riquezas mineras, a começar pelo ferro. Ainda em janeiro deste anno escreviamos neste sentido, lembrando a conveniencia de exploral-as desde já, em bem da nossa expansão economica suggeriamos, por não ser possível a installação no momento de grandes usinas que aproveitem as nossas opulentas forças hydraulicas, o estabelecimento de altos fornos alimentados pelo carvão vegetal, a exemplo da Suecia, onde figuram usinas modestas, servidas por esse combustível, ao lado de grandes estabelecimentos de força electrica e vapor. Na Russia verifica-se o mesmo. Do Brasil, rico em matias, pôde-se esperar egual resultado ou talvez ainda melhores vantagens. A nossa madeira não só produz melhor carvão, como a restauração do nosso matto é mais rapida. Na Suecia e na Russia esperam-se cincoenta e

mais annos para o novo corte, ao passo que em quinze annos as nossas arvores podem sobrotar. E são muito ricas em matias virgens as nossas regiões abundantes em ferro. Demais, não exigem esses altos fornos grandes capitães. Bastam modestos, uma vez que os estimula e os ampara o Estado, sem o que os nossos capitães, extramamente temerosos, não saem de applicações rotineiras e já experimentadas.

Acreseo que, além de ferro temos as materias primas complementares, da respectiva industria, como, por exemplo, o manganez que serve á produção do aço de primeira qualidade ou de melhor resistencia. E' lastimavel que, dispondo de tanta riqueza, a tenhamos deixado tanto tempo inexplorada e inutil. Por isso applaudimos as medidas decretadas, ainda este anno, pelo governo do sr. Wencesláo Braz para protecção ás iniciativas com esse destino. As sommas que tiver o Estado que adiantar ou garantir o juro a usinas siderurgicas voltam ao Thesouro com grandes beneficios. Não são, cumpre pre assignal-o, exclusivamente razões economicas que justificam a intervenção do Estado no caso, mas ainda o superior interesse da defesa nacional, que não é possível sem o concurso de certas industrias no paiz, que o tornem independente do auxilio estrangeiro, sobrelevando a todos, neste particular, as industrias metalurgicas mormente a siderurgica: (Gil Vidal — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

#### A INGLATERRA E A LIBERDADE DOS MARES

Quem sabe até que ponto o dominio do mar é o factor capital da salvaguarda e preservação do imperio britannico, bem pôde comprehender como a insistencia dos Estados Unidos nesse capitulo, com a sua utopica Liga das Nações, preposta á polleia correccional do planeta, nos



movimentos marítimos, aéreos e terrestres, representa uma ameaça á cidadella do poder da Inglaterra. A Grã-Bretanha é um imperio de tal amplitude economica e colonizadora, que lhe é indispensavel que o mar seja mais seu do que de qualquer outra nação. O mar é-lhe tão necessario e tão vital como o ar mesmo que ella respira.

O oceano é a sua trachéa, são os seus pulmões. A força com que ella quer empolgal-o, é um phenomeno tão logico e tão natural, dentro dos criterios imperialistas que disciplinam esta como todas as guerras, que é curioso como haja quem possa associar a sobrevivencia do Imperio com o seu poder universal, sem a consequente hegemonia marítima. Sem querer precurar fazer romantismo, que a hora ainda é da espada, pôde-se contudo dizer que o mar é o grande animador da alma britannica, que illumina, tempera, robustece e encanta com a magia da sua sedução adormecedora, a claridade lucida das suas espumas, a sua ingenuidade louçã, sua poesia, e esse fluido magnetico que ha nas cartilagens das ondas e que leva o inglez da doçura das auroras boreaes á asphyxia do sol equatorial. As qualidades britannicas, de arrojo, de iniciativa, de tenacidade, de arremesso para o infinito, são virtudes que só o espirito aventureiro do mar selvagem saberá communiar á tempera humana. O imperio oceanico é até a condição fundamental do seu orgulho patriótico.

Mas é contra o esplendor desta força, que o decalogo wilsoniano procura arremeter dissolvendo, em nome de sua miragem fraternizadora, o prestigio que as *élites* do pananglicanismo modelaram na ousadia das suas velas antigas e na quilha das suas possantes machinas de ferro, em todos os oceanos. Uma paz elaborada nas condições formuladas pelo presidente Wilson é tão pouco interessante para o futuro britannico quanto para as oligarchias do pangermanismo militar e industrial,

se fosse possível revivel-os, depois da crise que as está submergindo.

A Grã-Bretanha não precisa recorrer aos expedientes subtis da sua já acreditada natureza diplomatica, para provar que afim de ganhar a liberdade dos mares sem restricções, como pleiteia o presidente da federación americana, não valia a pena a Inglaterra ter derrotado a Alemanha. Nem pela alegria de ver resurgir um poder tão forte quanto o tontónico falando como árbitro da paz do mundo, paga a pena os rudes sacrificios que ella fez. A Inglaterra é muito habil para ter feito militarmente a primeira guerra continental da sua historia, só para trocar, na linha dos seus pesadellos, o sabre tedesco pelo revólver arri-vista do *cow-boy* ou o cubos de um mundo donde venham a desaparecer os imperativos da autonomia e da força material entre as nações. A guerra actual é a primeira, durante a pluriseccular existencia politica britannica, em que todo o paiz se bate. Até 1910, o general Hamilton, num volume que traz o prefacio de Haldane, ainda sustentava que só um exercito mercenario poderia atravessar o canal, para ir fazer a guerra fóra de casa, e realizar uma energia politica externa. A guerra era comprehendida na Inglaterra como um negocio a ser liquidado pela marinha e o exercito, pagos exactamente para isso, pelas outras classes, que não eram profissiones em assumptos bellicos. Desse modo, diz o general Hamilton, a massa da nação não guarda uma impressão tragica da guerra. E, do mesmo modo que as *élites* intervencionistas da America precisam dois annos e meio para transformar a mentalidade absenteista, nas questões de politica européa, das massas americanas, numa apaixonada mentalidade bellicosa, Lloyd George, viu a neve alpestre cobrir-lhe a basta cabelleira, para chegar a convencer a Inglaterra de que a nação ou pagava e brigava, isto é, ou fazia as suas coisas a um tempo, ou, se queria pa-

gar apenas para ver brigar, teria que morrer. A Inglaterra resolveu então atacar-se á Alemanha. E ganhou a partida, porque brigou a valer.

A America agora quer arranear a victoria do seu sangue, restringindo-lhe a liberdade oceanica. E porque não se acha nas suas condições, é um paiz contínuo, que para se dirigir e abastecer não carece de esquadras, o seu liberalismo só prejudica o inglez. A magnanimidade do Estado só vai até onde acabam os seus interesses. O inglez não tem necessidade de posar de liberal sacrificando os seus interesses vitaes.

A politica britannica sempre se oppoz ao florescimento de qualquer poder susceptível de lhe fazer sombra ou de constituir-se em ameaça para a elasticidade do seu imperio. Homer Lea em *The Day of the Saxon* frisa este postulado anglicano com uma evidencia carinhosa e perfeita. Desde que a Europa inaugurou a era das navegações, e a Inglaterra de Isabel entrou a competir com a Hespanha, que monopolizava o trafico marítimo e os thesouros do novo mundo, a politica da Grã-Bretanha é a do equilibrio continental. Este equilibrio consiste numa equaldade de forças, que só a Inglaterra decide a superioridade do grupo que lhe convem. Isso equivale á hegemonia ingleza no mundo. A formula do equilibrio europeu significa portanto, para a Grã-Bretanha, a da equaldade de forças, de sorte que toda a vez que o equilibrio começa a romper-se, a luta é inevitavel. Cromwel, seguindo o rythmo fatal dessa politica, renova a guerra contra a hegemonia hespanhola, depois contra a flamenga. Mais tarde a supremacia franceza, com Luiz XIV e Colbert, é o factor do disequilibrio. Guilherme de Orange atira a Europa contra a França, e bate-a. Napoleão revive a ascendencia gauleza. Ella esmaga-a de novo em 1815, apoiada na Europa liberal. A Russia cresce demasiado e pretende eliminar a da Asia. A Inglaterra estran-

gula este ultimo competidor, em 1854, que ella encontra dentro da Europa, a lhe estorvar o movimento ascendencial do seu poder mundial. Di-raeli marca a idade de ouro do imperialismo. A convicção puritana de que o inglez é o povo eleito de Deus feito para dirigir a humanidade e convertel-a á sua lei, reforça-se mais do que nunca, unificando o paiz inteiro, graças ás sementes fecundas de civilização que elle espalha em todo o globo.

A Inglaterra, graças á sua posição insular, á peculiaridade do seu genio, no espirito de egoismo e de severidade puritanos, tem uma posição especial no mundo. Ella é mais uma potencia asiatica e africana do que européa. Como Roma, dirige as suas provincias com as oligarchias consulares da sua nobreza financeira e commercial. A sua posição de isolamento, sem continuidade territorial, torna-lhe indispensavel uma decisiva supremacia oceanica, não só para assegurar industrial e commercialmente a sua importação e exportação, como a sua ascendencia politica sobre o imperio. Ninguem possui a legião de competidores, que silenciosa ou aggressivamente, a ameaçam. E' o turco no Egypto. O japonex e o russo na India. O allemão na Africa. O americano no Canadá. O mundo a cobiza, e o que a preserva do mundo é o seu poder naval. Se o mar raso ha quatro annos é alliado, é porque elle era inglez. Do contrario seria germanico como as camadas submarinas. (A. Chateaubriand — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

#### A PROTECCÃO DA INFANCIA NOS ESTADOS UNIDOS

“Eu sou a creança. Sou a mais joven instituição do mundo e a mais antiga. A terra é a minha herança quando chego á vida, e quando me vou della, deixo-a á geração seguinte das creanças. Minha missão é deixar a terra em melhor estado do que aquelle em que a encontrei.



Com o milhão de irmoizinhos e irmanzinhas, eu poderei realisal-a, se o mundo não puzer a isso obstaculos. Por enquanto, tenho necessidade de leite puro, ar fresco e brinquetes. Depois, ser-me-ão precisas boas escolas para aprender as lições da vida. Eu quero viver, rir, amar, trabalhar, e brincar. Quero ouvir bellos contos, ler bons livros, vêr bellas imagens. Quero construir casas e abrir caminhos, estradas de ferro e cidades. Quero andar pelos bosques, mergulhar nos rios, brincar na neve. Eu sou hontem, hoje e amanha.

Aplanae o meu caminho, e vos ajudarei mais tarde, por minha vez.

Eu sou a vossa esperança — eu sou a criança."

Esta ingenua declaração que é anonyma, fez em 1916 a volta da imprensa norte-americana. Acompanhava a toda a parte uma campanha vigorosa em favor da infancia, organizada em toda a União.

Já desde 1900 se tratava da protecção da infancia nos Estados Unidos. Organizou-se logo uma verdadeira cruzada, que occupou principalmente as mulheres. A protecção da creança começou a ser, como o anti-alecoolismo, o programma essencial das mulheres americanas que, nas municipalities ou nos Estados, alcançavam direitos electorales.

Foi sómente em 1912, porém, que todos os esforços nesse sentido se centralisaram. E a 12 de agosto desse anno se abriu em Washington o "Children's Bureau", sob a direcção de Miss Julia C. Lathrop.

E' consideravel a obra já realisada por essa instituição.

O "Bureau" é, em primeiro lugar, um escriptorio de informação. Habilmente manejado, de escriptorio de informação, se tornou um admiravel instrumento de propaganda. A informação se faz notadamente por inqueritos em localidades escoelidas. Tratou-se, por exemplo, da mentalidade dos recém-nascidos. Em dois milhões e meio de creanças, que nascem todos os annos nos Estados

Unidos, 300.000 morrem quasi immediatamente. Porque? — Verificou-se que esta questão se ligava estretamente ás dos salarios, das habitações, das occupações das progenitoras e ás origens dos pais. Isso e o mais que se apurou, serviu de base para uma campanha tendente á protecção do recém-nascido.

Pelos inqueritos, pelas estatísticas, pela diffusão abundante de manuaes praticos, a protecção da infancia se vai fazendo largamente em toda a União. Instituiram-se, recentemente, as "Semanas das Creanças", que constituem um excellent meio de propagar uteis ensinamentos sobre os necessitados da maternidade e da primeira infancia, e mostrar, por uma demonstração positiva, qual é a responsabilidade das collectividades. Hoje, das 50 cidades da União que contam mais de . . . . . 100.000 habitantes, já 47 organisaram "Semanas das Creanças" o que mostra a extensão que vai tomando o movimento. (Henri Goy — *Revue France*, Paris, 25 set. 1918).

### O AUTOR MAIS LIDO NO MUNDO

Quem, fóra dos Estados Unidos, conhece Harold Bell Wright? Pois, esse autor, que é o mais conhecido na America do Norte, pode-se gabar de ser o mais lido em todo o mundo. Ha 15 annos, entretanto, ninguém, mesmo nos Estados Unidos, o conhecia, não porque se conservasse na mediocridade mas pela razão muito simples, de nunca haver até então escripto uma só linha. E nada faxia prevêr que se tornaria um escriptor. Tinha já então mais de 30 annos, e era pintor. Os seus companheiros daquelle tempo recordam-se delle, como bom decorador, artista intelligente, e nada mais. Depois, mudou de genero, passando da decoração á paisagem. Mas parece que não gostou muito tambem da paisagem, porque logo abandonou a palheta e tornou-se pregador. Nem esta, porém, devia ser a ultima profissão de Harold Bell



Wright: era ainda ministro do Senhor quando descobriu em si a vocação para as letras.

A esse tempo das predicas, com effeito, remontam os seus dois primeiros romances: "O impressor de Udiell" e o "Pastor das Collinas". Do primeiro, foram vendidos . . . . . 500.000 exemplares! Poder-se-ia dizer que era esse um successo verdadeiramente prodigioso, se essa cifra não devesse ser logo ultrapassada, a ponto de se tornar a mais baixa, dentre as outras referentes a edições do mesmo autor. Do "Pastor das Collinas" publicado em 1907, se venderam cerca de dois milhões de exemplares. O "Encanto de Barbara Worth" que foi publicado em 1911, teve uma tiragem de cerca de 1.500.000 exemplares. "A vocação de Dom Matheus" (1909), um milhão. "Os olhos do mundo" (1914), 750.000. O seu ultimo romance "Quando um homem é um homem" está, actualmente, em . . . . 750.000 exemplares. Destes, mais de 600.000 tinham sido pedidos com antecedência, de sorte que foram precisos vinte e um vagões para expedil-os!

Em summa: com 46 annos, e tendo somente sete romances, escriptos em 14 annos, Harold Bell Wright tem tido uma venda de mais de sete milhões de exemplares!

Qual será a causa do prodigioso successo desse escriptor? — Provavelmente, a sua grande simplicidade com a qual elle sabe dizer profundas e suggestivas verdades, tocadas de um tom biblico que o escriptor adquiriu quando pastor, e que o faz ainda mais eloquente (Ferdinando D'Amora — *I libri del giorno*, Milão).

#### AS ORIGENS FLAMENHAS DE BEETHOVEN

E' sabido que Beethoven nasceu em Bonn, nas margens do Rheno, em dezembro de 1770. O seu nascimento, como o de muitos homens illustres, foi rodeado por muito tempo de lendas e obscuridades. A

mais absurda destas lendas, postas em circulação ainda quando elle vivia, o dizia filho natural do rei da Prussia, Frederico II, o qual, comtudo, não pôz os pés em Bonn, durante o anno de 1770. Entretanto, essa invenção cujo autor nunca se soube quem fosse, foi acolhida por Choron e Fayolle, no seu "Dictionario de Musica" e por outros musicographos.

Como um dos amigos de Beethoven, o dr. Wegeber companheiro de sua juventude, se admirasse de que elle deixasse propagar-se sem protestar, semelhante falsidade, Beethoven lhe respondeu: "Contas-me que em certos logares sou tido como filho natural do rei da Prussia. Ha muito tempo já me falaram disso. Eu me impuz a obrigação de nunca escrever nada sobre mim, como a de nunca responder aos que tentam escripto sobre mim. Assim, é a ti que eu confio a missão de fazer conhecer ao mundo a honestidade de meus pais, e particularmente de minha mãe." (7 de outubro 1826).

Noutra occasião, Beethoven contentava-se de responder á mesma insinuação pelo verso da Olysséa, no qual Telemaco proclama que a gente nunca pode saber com certeza quem é seu pai.

Quando os biographos se interessavam, por volta de 1840, pelas origens daquelle a quem a cidade de Bonn ia por iniciativa de Liszt, elevar uma estatua, a Belgica e a Hollanda disputavam a gloria de ter sido o berço da familia van Beethoven. Ficou então evidentemente provado que as origens do maior musico allemão do principio do seculo XIX eram puramente flamengas. De pai a filhos os van Beethoven eram flamengos, até mesmo Ludvig van Beethoven I, o avô do grande compositor, que, um bello dia, abandonou o paiz natal afim de emigrar para as margens do Rheno. (J. G. Prod'homme — *Mercure de France*, 1 — 10 — 18).

## OS MEDICOS ENTRE OS ROMANOS

Nas civilizações mais antigas, sobretudo nas do Egypto e da Grecia, os medicos eram tidos em grande conta e recebiam honras quasi divinas. Na civilização romana, entretanto, da qual herdamos tão poucas virtudes e tantos defeitos, e principalmente tantos preconceitos, os medicos estiveram, durante muitos seculos em condições de tal inferioridade, relativamente ás outras classes de cidadãos, que era realmente de admirar vêr alguém preferir a arte de curar a qualquer outra profissão como a de "dispensatores", de "coláril", ou de "Structores", em que a responsabilidade era muito menor, mais commoda a vida e mais largos os ganhos.

Entre os romanos, os medicos eram, em grande maioria escravos, e quando muito libertos (Antonio Musa, por exemplo, medico de Augusto, era um liberto), e em pequena parte estrangeiros, particularmente gregos, como um certo Arghagotto, que do Peloponeso chegara a Roma onde abriu uma "taberna", que era uma especie de ambulatório cirurgico. Esse exemplo, segundo refere Plínio, foi seguido por outros compatriotas daquelle, mas sem grande successo, porque os romanos não só não depositavam nellea confiança, como até desconfiavam delles, suppondo-os envenenadores. Tanto que, o proprio Catão sustentava que aquellos "malditos charlatães" haviam jurado destruir todos os barbaros, e portanto, os proprios romanos, que, como se sabe, eram pelos gregos considerados como barbaros.

Quando estrangeiros, eram olhados com suspeitas; quando indigenas, tratados, ou melhor, maltratados como se fossem escravos, — tal era a situação dos medicos no tempo da republica romana.

Plauto e Terencio, mas principalmente o primeiro, os quaes nos deixaram uma imagem fiel dos costumes do povo romano durante a re-

publica, põem muitas vezes em scena os medicos, nas suas comedias. Entre as comedias de Plauto, é de destacar, a este respeito, as "Menachmi", em cujo quinto acto ha tres scenas inteiras dedicadas a uma divertida consulta medica, que confirma o que se disse acima, isto é, que alguns medicos, especialmente estrangeiros, exerciam a sua arte em "tabernae". Não está bem averiguado se tambem os medicos indigenas se permitiam o luxo das "tabernae". Mas é provavel que estes constituíssem o privilegio dos libertos, ficando excluidos os escravos, os quaes, fazendo parte da "familia", eram naturalmente os medicos da casa, alojavam-se nas "cellae familiae", como os chamou Catão, e, quando não cumpriam o seu dever, isto é, quando mandavam um enfermo para o reino de Plutão, corriam o risco de soffrer as penas communs a todos os escravos, e que eram o "flagrum", o "pitrium ad molen-dum", os "metalla", o "crucifragium" (corte das pernas), e finalmente a "erux", o mais terrivel dos supplicios, que foi depois glorificado pelo Rabbi de Nazareth.

Embora não deixassem de existir pessoas que presassem os medicos, como por exemplo Cicero, que chamou á arte de medica de "ars honesta", não era, como se vê, muito invejavel a sorte dos sacerdotes de Esculapio. Só houve modificação sob Julio Cesar, que, em homenagem á fama que ganhara Aesculapio de Prusa, concedeu não só a elle, mas a todos os seus collegas, o direito de cidadania. Sob Octaviano Augusto foi ainda melhor a situação dos medicos, pois o imperador, para recompensar Antonio Musa por tê-lo curado de uma grave moléstia, isentou todo o "corpus medicorum" de pagar os impostos.

Desde Augusto, atravez das etapas felizes do imperio, os medicos subiram na consideração do publico, e se aperfeiçoaram cada vez mais na sua arte, valendo-se da experiencia e do ensino dos mestres, parti-



cularmente dos vindos da Grecia, os quaes prégavam a palavra do grande mestre Coo. Houve naqu'elle tempo os primeiros especialistas ("medici ocularii", "amarii", dentistas, oculistas — e até (nihil sub sole novi) — algumas medicas ("medicæ") que todavia, se dedicavam sómente ás doenças das mulheres. Foi naquella epocha tambem que os medicos entraram a fazer parte do exercito, com funções bem precisas e com grãos correspondentes aos militares.

Mas, ruindo o imperio sob a avalanche dos barbaros, e com elle a civilização romana, a medicina caiu em pleno empirismo, que dominou durante seis seculos, de sorte que os medicos tornaram ás tristes condições primitivas, e mesmo a condições peiores, pois se já não eram escravos, eram, salvo raras excepções, vulgarissimos charlatães: ou temidos e odiados como feiticeiros, ou ridicularizados pela sua suprema ignorancia. (Edmondo Trombetta — *Giornale di Medicina Militare*, — Roma).

### A MORTA IMMORTAL.

Tanto se tem já escripto em favor do latim como elemento propedeutico que até me vexa fallar de tal assumpto, onde certo nunca o faria, si agora não se tratasse de o abolir para a matricula no curso da nossa Escola Polytechnica, casa esta de ensino á qual quero muito bem, pois ahí me formei, quando ella se chamava Escola Central.

O projecto iniciado no Senado Federal val naturalmente ser approvado na outra Camara. Naturalmente digo, porque lhe não fallecem valiosos protectores. Pois que o seja! mas não sem um protesto, inutil agora, como todos os dos desvalidas de poder e influencia, mas que de futuro servirá, talvez, para a conveniente reparação de tamanho erro.

Examinemos, primeiro, de que serve o estudo de qualquer das materias exigidas como preparatorias.

Tão sómente — e assim pensam alguns — para, á semelhança de

um degrau em uma escada, fornecer base logica aos estudos superiores?

Niuguem ajuizadamente o tentará sustentar.

Si isto verdade fôr, eu não vejo em que, por exemplo, possa o mesmo estudo do latim aproveitar ao curso de medicina. Já lá se foi o tempo em que os medicos receitavam em latim, e delle frequentemente usavam, com aquella abundancia de pedantismo de que tão jocosamente zombetearam Molière e o nosso Antonio José. Compendios, tratados e monographias concernentes á nobre arte de curar, não mais ha quem os procure e leia no idioma de Celso. Assim feito me parece concluir que, si no estudante de medicina apenas prestasse qual meio de apprender o que sobre ella se tem escripto e convenha saber, perfeitamente dispensavel lhe seria o idioma latino.

O que principalmente se quer obter, obrigando o *preparatoriano* a estudar o latim, é antes disciplinar-lhe o espirito, adextrando-o no mecanismo desse admiravel idioma, que já um dia foi o de todo mundo civilisado; e, outrossim, no moço estudioso deparar noções que o habilitem a bem manejar o vernaculo, que nada mais é do que um latim deturpado, e com pouca corrupção, segundo já lá dizia o grande epico portuguez.

Eis o duplo aspecto sob o qual racionalmente se deve encerrar o assumpto; e attendendo a qualquer delles jámais se cogitaria na supressão agora excogitada, e a caminho de criminosa realização.

Bem sei que ella se apadrinha com poderosos e autorizados docentes; mas a estes peço venia para contrapor quem, conforme se me affigura, tambem deve ter voto na questão.

"Deixar fallar — escreveu esse tal — deixar fallar modernos e modernices, petimetres e neologistas de toda a especie; o homem que se destina, ou que o destinou seu nacemento, a uma vocação publica, não pôde sem vergonha ignorar as bel-

las letras e os classicos. Saiba elle mais mathematica do que Laplace, mais chimica do que Lavoisier, mais botanica do que Jussieu, mais zoologia do que Linneu e Buffon, mais economia politica do que Smith e Say, mais philosophia de legislação do que Montesquieu e Bentham, si elle não for o que os inglezes chamam a *good scholar*, triste figura ha de fazer fallando, ou seja na barra, na tribuna, no pulpito — tristissima escrevendo, seja qual for a materia, porque não ha assumpto em que as graças do estylo, e a correção da phrase e belleza da dicção não sejam necessarias e indispensaveis”.

Por isto concluiu o escriptor destas verdades não haver instrução completa sem o conhecimento da formosa lingua do Lacio, *alma matre* da que fallamos e das que com ella se apparentam no grupo das novilatinas.

Quem dest'arte opinou foi Almeida Garrett, o glorioso restaurador da litteratura portugueza nos moldes do romantismo; e, *excusez du peu*, não o julgo de somenos estatura para se oppor aos actuaes eliminadores do latim.

Um simile aqui se me offerece no intuito de robustecer o que acima deixo ponderado quanto ao prestimo do tirocinio do latim como exercicio intellectual. A gymnastica é, não o ignoramos, utilissimamente leccionada em todos os cursos collegiaes; e, pergunto eu, — que é que della se tira de proveitoso para a vida pratica do adulto? Qual de nós já-mais teve necessidade de repetir nas parallelas os esforços musculares a que nos pateos dos collegios são abrigados os alumnos? Quem dos leitores algum dia se lembrou de amundar em salões, repartições publicas, theatros, cinemas, ou no meio da rua, os exercicios da gymnastica sueca? Mas incontestavel é que mediante esses trabalhos foi que a nossa musculatura ganhou o vigor e elasticidade que depois lhe foram preciosos. Pois da mesma sorte succede com as aulas de latim, onde na

formação da faculdade expressiva adquirimos aptidões psychicas não menos importantes do que essas outras que no tocante ao raciocinio nos fornece o estudo da mathematica, e, no que entende com a observação; nos deparam as sciencias physicas e naturaes.

Acaso vêdes alguém que nunca se tenha applicado á inspecção de um mineiro, de uma planta, de um animal, nem attentado em qualquer phenomeno physico ou chimico? Pois será esse um intellecto defeituoso, porque não aprendeu a observar. Se elle completamente desconhece as relações em que se estriba a mathematica, nada com exactidão logrará demonstrar: será um philosopho sem as alças da geometria, como censurava Platão. Assim tambem o ignorante das leis da linguagem, só proficuamente estudadas no idioma donde com o nosso promauaram todos os do mundo occidental, absolutamente carecerá faculdades eloqu岸ivas que outr-ora entre nós abrilhantaram o parlamento, e tanto com a palavra do juriseconsulto Nabuco quanto com a do medico Torres Homem e a dos mathematicos Ottoni e Rio Branco.

Não despicienda tambem considere esta ponderação — de ser ainda o latim, não obstante o menosprezo dos seus detractores, a lingua scientifica por excellencia, isto é, a dos scientistas que della se utilizam nas suas grandes obras. O estudante da Polytechnica que, dispensado de saber latim, lograsse a sua formatura em sciencias naturaes, não poderia entender a *Flora* do Martius ou, para entender o que nella se acha, teria de pedir auxilio a qualquer estudantinho de latim... Seria encurioso, por não dizer deprimente da dignidade doutoral!

Quando, ha tempos, aturadamente se discutia a necessidade de uma lingua universal, e opinaram uns pelo *volapuk* (que já lá se foi nas ondas do esquecimento) e outros pelo *esperanto* (que ainda conta devotos, mas que absolutamente não o empregam em casa, nem o ensi-



nam nos filhos, tal a convicção que têm da enorme facilidade de o falarem) então ousei opinar pela restauração do latim, lingua tão *fallacel* que já se fallou em todo o mundo, e tão admiravelmente idonea que nella se escreveram as mais estupendas produções do espirito humano.

— Mas é difficilissima, objectou-me então alguém, que provavelmente a tinha estudado com algum professor rabujento e amalucado...

— Sim, tão difficil, respondi, que em Roma correntemente já nella se exprimiram as criancinhas de cinco annos...

Por ultimo, e desejando tocar em um ponto de actualidade, não largarei a penna sem lembrar que todos agora querem exhibir-se latinos. Acham meio de o ser mesmo legitimos caboclos e puros ethiopes. Pois bem! Quando contra a lição da ethnologia tantos se julgam historicamente affiliados á raça latina, e que no Senado de uma nação propugante do latinismo se propõe a eliminação do latim, isto é, do *llame glottico* que uns aos outros prende os povos dessa familia!

Ao grego e ao latim chamaes linguas mortas, observou Lamartine, mas reparaes que são immortaes... E disse bem.

Immortal na historia, a lingua latina, porque triumphou, altiva e immorredoura, dos insultos da Grande Invasão, e, qual monumento ultrajado, mas não completamente destruido, e ainda portentoso nos seus fragmentos, ella perdura no italiano de um Dante, no castelhano de um Cervantes, no francez de um Bossuet, no portuguez de um Camões!... Immortal tambem, actualmente, porque, longe de apodrecer no olvido das bibliothecas, é a primeira que brota em labios humanos, ao romper da alvorada, por toda a redondeza, nos altares onde o padre catholico logo aos céos exalça palavras do Santo Sacrificio!

Nobre, augusta, sanctificada lingua, tu não merecias a affronta que te irrogou o Senado Brasileiro, dando-te como inutil instrumento na bagagem dos futuros doutores da Polytechnica! — (Carlos de Laet, *Jornal do Brasil* — Rio de Janeiro).



## E' OBSEQUIO LÉR

*Dado o grande numero de reclamações por extravio no correio que todos os mezes recebemos das nossas assignantes, e no intuito de colligir documentos para uma séria reclamação perante as autoridades competentes, pedimos encarecidamente a V. S. o obsequio de responder aos quesitos abaixo:*

1.º — *Tem recebido com regularidade a Revista do Brasil?*

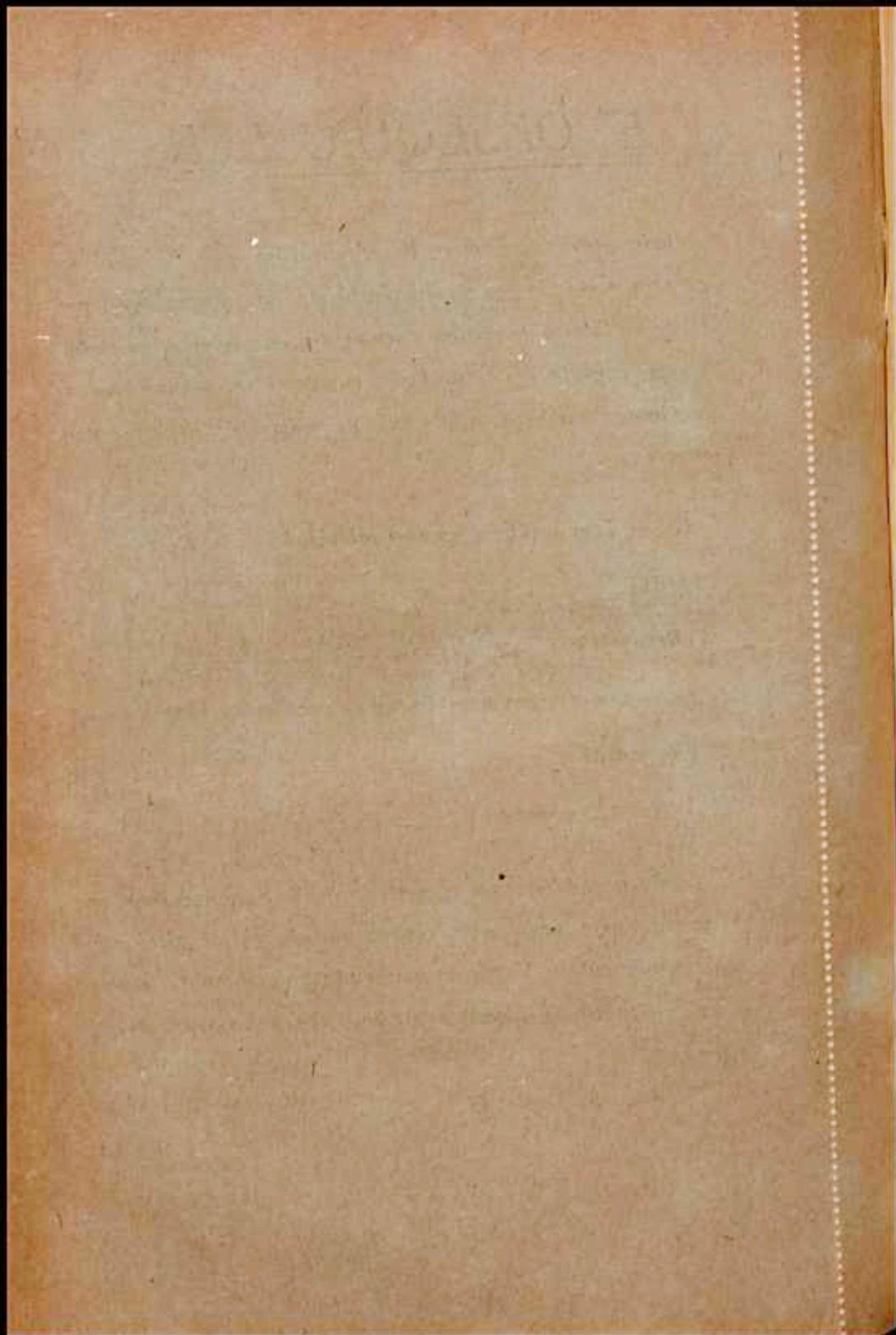
*(Resposta)* \_\_\_\_\_

2.º — *Quantos numeros deixou de receber durante o anno?*

*(Resposta)* \_\_\_\_\_

*(Assignatura)* \_\_\_\_\_

*Tendo grande alcance a resposta de V. S., como base que cae ser dumã acção séria contra um abuso que prejudica principalmente a V. S., na qualidade de assignante, esperamos que não nos negará o precioso concurso dumã simples resposta.*



# AS CARICATURAS DO MEZ

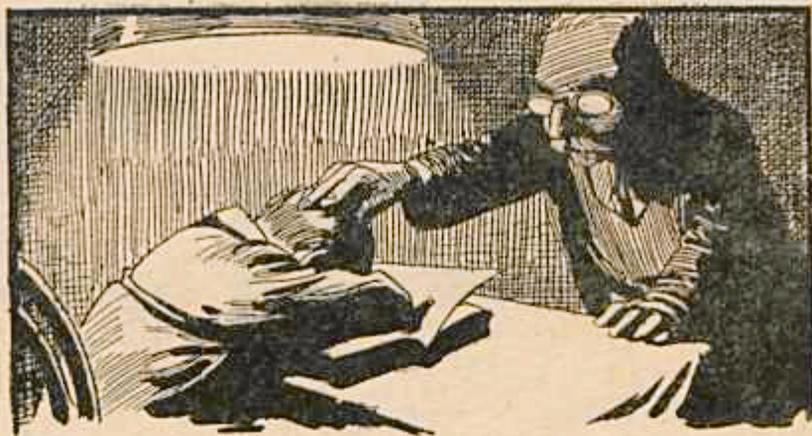
## O MINISTERIO



Gente nova e gente velha.

(J. Carlos — Careta, Rio).

## DO SONHO A' REALIDADE



— Olha, meu filho, por este cambalhão não serás aprovado, nem por um decreto...

(Kalisto — *D. Quixote*, Rio)

## DEU TUDO EM DROGA



**A Holanda** — Aquil, qualquer um de vocês tem de usar da morte.

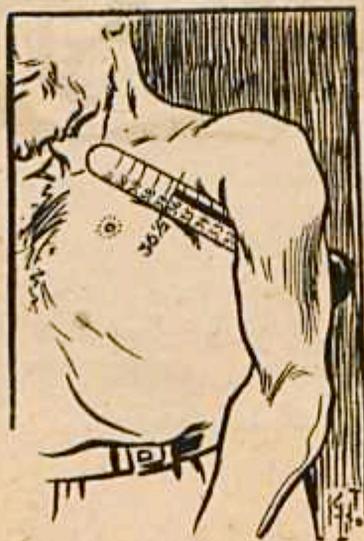
(J. Carlos — *Caveto*, Rio)

A BICHA



HERCULES AURELINO — ... e isto é só porque passei de efectivo a interino; não fosse isso e ainda arranjava mais cabeças para cortar...

(J. Candão — D. Quirote, Rio.)



E dizer-se que o destino desta joven republica está no sovaco de um septuagenario!! ...

(Kalisto — D. Quixote, Rio.)

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —  
Escritório: Largo da Sé, 15  
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE,  
LEVEN VAMPRE e PEDRO  
SOARES DE ARAUJO — Tra-  
vessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,  
J. ALBERTO SALLES FILHO e  
JULIO MESQUITA FILHO —  
Escritório: Rua Boa Vista, 52  
(Sala 3).

## MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-  
RA — Das Universidades de Ge-  
nebra e Munich. — Cirurgia —  
Operações — Rua Líbero Badaró,  
181. Telephone 3492, das 13,30  
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-  
TANA — Medico do Asylo de Ex-  
postos e do Seminário da Gloria.  
Clinica medica especialmente das  
crianças — Res.: R. Bella Cintra,  
139. Consult.: R. José Bonifácio,  
8-A, das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA —  
Medico. S. Cruz do Rio Pardo —  
S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-  
pecialista das molestias das vias  
urinarias, com pratica em Paris.  
— Consultas das 9 às 11 e das  
14 às 16 horas. Rua Barão de  
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE  
PROTESTOS DE LETRAS E TI-  
TULOS DE DIVIDA. NESTOR  
RANGEL PESTANA, tem o seu  
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Cor-  
retor official — Escritório: Tra-  
vessa do Commercio, 7 — Te-  
lephone 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-  
retor official — Cambio e Titu-  
los — Escritório: Travessa do  
Commercio, 7. Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-  
LHO — Corretor Official — Es-  
critório: Travessa do Commer-  
cio, 5 - Tel. 323 — Res.: R. Al-  
buquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEO-  
NIDAS MOREIRA — Caixa Pos-  
tal 174. End. Teleg. "Leonidas",  
S. Paulo, Telephone 626 (Cen-  
tral) — Rua Alvares Pentado —  
S. Paulo.

## ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-  
lio Rocco — Novidades em case-  
mirra Inglesa. — Importação di-  
recta. — Rua Amara! Gurgel, 20,  
esquina da rua Santa Izabel. Tel.  
3333 — Cidade — S. Paulo.

**LIVRARIA DRUMMOND**

Livros Escolares, de Direito, Medicina,  
Engenharia, Litteratura. — Revistas.  
— Mappas. — Material Escolar.

**ED. DRUMMOND & COMP.**

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPH. NORTE, 5667 — End. Tel.  
— "LIVROMOND" — Caixa Postal, 785 — Rio de Janeiro —

Joallerie — Horlogerie — Bijouterie  
 Maison d'importation  
**Bento Loeb**  
 RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)  
 Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes  
 et Marbres d'Art — Sérvices en Métal blanc inaltérable  
 Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

# Casa de Saude ≡

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE  
 MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. **HOMEM** de **MELLO** & C.

Medico consultor — Dr. **FRANCO DA ROCHA**,  
 Director do Hospicio de Juquery

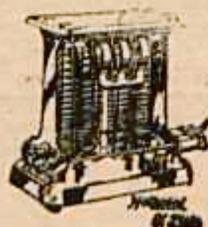
Medico interno — Dr. **TH. DE ALVARENGA**  
 Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director  
**Dr. C. HOMEM DE MELLO**

*Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.*

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo  
 Informações com o Dr. **HOMEM DE MELLO** que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa  
 de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560



## A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO  
 DE ELECTRICIDADE.  
 MATERIAL ELECTRICO EM GERAL  
 LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

# XAROPE DE LIMÃO BRAVO

**CURA:**  
TOSSE, ASTHMA,  
COQUELUCHE ETC.



**SOC. DE PROD. CHIMICOS  
L. QUEIROZ S. PAULO**

# GOTTAS PHYSIOLOGICAS DE SILVA ARAUJO

INDICAÇÕES:  
NEURASTHENIA · SYPHILIS · ANEMIA  
CONSUMPÇÃO · PRETUBERCULOSE,  
ETC., ETC.



CADA Formula: X GOTTAS CONTEM		Est. fluido de Guarana . . . . .	0,25
		" " " Kola fresca esteril. . . . .	0,25
		Solução de Peptina Iodada . . . . .	0,05
		Arsenal . . . . .	0,005

DÓSES | ADULTOS: X a XX gotas, 2 vezes no dia.  
CRIANÇAS: Metade da dose dos adultos.

**NÃO CONTEM ALCOOL NEM  
ASSUCAR.**

# Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPIACABA N. 10

Caixa Postal 523      End. Tel. "Anglicus"

■ ■ Armazens de mercadorias e depósitos de carvão ■ ■  
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

## AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull . . . . .	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater . . . . .	Mataborrão
Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	Chá da Índia
Read Bros. Ltd., Londres . . . . .	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edimburgo . . . .	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne . . . . .	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne . . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull . . . . .	Preservativo de madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . . .	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham . . . . .	Genço estuque
P. Virabian & Cie., Marselha . . . . .	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York . . . . .	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . .	Ferro em barra e em chapas

## Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE".

Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartuchos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::

:: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

## Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundições e fabricas, drogas e productos chimicos para industrias, louça sanitaria, etc.

# Loteria de São Paulo

PARA O FIM DO ANNO

## 200:000\$000

Bilhete inteiro, 18\$000 — Meio, 9\$000

Fracções, 900 réis.

Os bilhetes estão á venda em toda a  
parte

## EDIÇÕES DA REVISTA DO BRASIL

*De accordo com o seu programma, a Revista do Brasil acaba de editar um novo livro de contos de lavra do sr. Monteiro Lobato. É o inicio de uma serie, na qual serão dados á publicidade romances, livros de contos, livros de versos, obras scientificas, etc., que constituirão no correr do tempo uma bibliotheca eminentemente brasileira e sob todos os pontos de vista, notavel.*

**Urupês** *Contos por Monteiro Lobato.*—Livro de duzentas e sessenta paginas, ottimo papel, illustrado com desenho a penna, capa de Wash Rodrigues, e trazendo os seguintes contos: Os pharoleiros, O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, Chóóó! Pan!, «O meu conto de Maupassant», «Pollice verso», Bucolica, O mata-pau, Bocca-torta, O comprador de fazendas, Um supplicio moderno, O estigma, Urupês e Velha praga.

**Sacy-Perêre** *Resultado de um inquerito.* — Um grosso volume, com muitas illustrações.

**Preço de cada Sacy: 4\$000 réis; pelo correio, 4\$500**

**Edição popular dos URUPÊS, em papel de jornal: 2\$000; pelo correio, 2\$300**

**PEDIDOS Á REVISTA DO BRASIL,**  
Rua da Boa Vista, 52 — S. PAULO

# CONVALESCENTES DA GRIPPE

Ilmo. Sr.  
Pharmaceutico  
C. Fontoura.

Para bem de todos communico-lhe que só tenho tido sobrejos motivos de satisfacção com o emprego, já bastante extenso, de varios seus preparados, mórmente o seu "BIOTONICO" e os seus comprimidos da GLANDULA THYROIDE. A' vista deste successo venho lembrar-lhe o alvitro de alargar o campo de suas operações pharmaceuticas, dando-nos daqui por diante preparados da therapia pluri-glandular...

S. Paulo, 6 - Agosto - 1918.

Dr.  
Pereira Barreto,  
Medico.

"O Biotonico Fontoura merece os meus applausos e applicação. A associação feliz do phosphoro, arsenico e ferro, nestrasthenia e RESULTADOS DA GRIPPE — encontra sua verdadeira approvação pela feliz combinação das substancias que o compõem. Nos casos de biopiose, taes como dyspepsias atonicas, anemia, neuta época de tanta decadencia organica, será usada sempre com proveito para os organismos debilitados.

BRAGANÇA.

Dr. J. H. Pereira Guimarães — Medico."

A' VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS



# CONVALESCENTES DA GRIPE



Faint, illegible text, likely a list of names or a detailed description of the product, arranged in several columns.

Faint text at the bottom of the illustration, possibly a signature or manufacturer information.

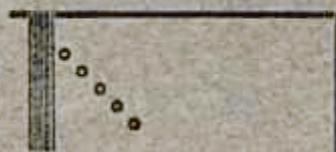


# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIO DE JANEIRO  
116, Rua da Alfandega



S. PAULO  
Rua Libero Badaró, 14

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

# As Machinas LIDGERWOOD

---

Para CAFÉ    MANDIOCA  
ARROZ        MILHO  
ASSUCAR      FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo  
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

---

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de  
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de  
ferro galvanizado e pertences

---

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-  
quer machinas, canos de fer-  
ro batido galvanizado para  
encanamentos de agua, etc.

---

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

**Rua de São Bento N. 29-C**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS DO "O" ESTADO DE S. PAULO